SERÁ POSSÍVEL UM ACORDO PROVISÓRIO WASHINGTON-MOSCOVO? (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 27 DE NOVEMBRO DE 1969 N.º 16 861 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SABADOS

O ALVO É DE NOVO EL AL

Atentado árabe em Atenas

ATENAS, 27 — (F. P.) — Um homem que se julga ser palestiniano lançou às 9 e 30 locais uma granada contra a agência da companhia aérea israelita El Al, próximo da Praça da Constituição no centro de Atenas. Ficaram feridas 32 pessoas, 3 das quais em estado grave.

Todas as vidraças do escritório da companhia situado no rés-do-chão do edifício ficaram estilhaçadas.

O autor do atentado foi detido por um grego, Nicolau Lazaridis, director de uma publicação ateniense que se encontrava nas instalações da El Al no momento do atentado.

O ultimo atentado contra a El Al na Grécia foi o perpetrado por um comando de dois homens em 26 de Dezembro ultimo contra um avião da companhia israelita. O julgamento des-

(Continua na 17.ª página)

HOJE 36 PAGINAS

VISADO PELA CENSURA

«ALBUM DE LISBOA» — INICIATIVA PARA TODOS OS LEITORES DO PAÍS

ESTE É um facto confirmado: há cidades que falam, comunicativas e cidades fechadas em si mesmas, com portas e janelas trancadas, que não gostam de conversar. Lisboa, pertence ao número das cidades comunicativas que, «conversam» com o visitante. A esplêndida e invejável situação geográfica da nossa capital, permite que Lisboa «converse» com todos os países, com muitas cidades e, igualmente, consigo mesma.

(Continua na página seguinte)

O (PAI) NATAL À PORTA

Este Pai Natal à porta é bem o símbolo do Natal que se aproxima. A um mês da principal festa do ano, o comércio de Lisboa prepara-se activamente para aproveitar ao máximo as possibilidades de venda: os «stocks» renovam-se, estudam-se as novidades a lançar no mercado, mil e uma pequenas vulgaridades tornam-se, neste período, os objectos da atenção colectiva. Como que hipnotizadas as pessoas acorrem, para gastar o seu dinheiro em cromos, em «confetti», em bolas que reluzem, em fios de prata chamados. Mas também, evidentemente, numa nova fatiota (que tem de dar até para o ano, pois então) numa gravata, num disco, num livro que há muito se deseja ler. E o comércio, preparado, espera. O jogo começou. (LER NA PÁG. CENTRAL)

MASSACRE — Aumenta a pressão sobre o Exército dos EUA

WASHINGTON, 27 — (R.) — Aumentava hoje a pressão sobre o Exército dos Estados Unidos para fazer uma exposição franca e completa do alegado massacre de civis sul-vietnamianos por tropas americanas em My Lai.

Ao mesmo tempo a Casa Branca prometeu que «acções apropriadas serão tomadas para assegurar que

(Continua na 17.ª página)

LUNAUTAS DE QUARENTENA — Os tripulantes da Apolo-12 Charles Conrad, Richard Gordon e Alan Bean, dentro da unidade móvel de quarentena após o seu regresso da Lua. Os astronautas encontram-se, neste momento, a bordo do porta-helicópteros Hornet que navega, á velocidade de 29 nós, rumo a Pearl Harbour onde chegará amanhã

NOVAS ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E ALTERAÇÕES À POLÍTICA FISCAL

TEMAS PRINCIPAIS DA PROPOSTA DA LEI DE MEIOS PARA 1970

LER NAS PÁGINAS 9 E 10

«ALBUM DE LISBOA»

(Continuação da pág. anterior)

Assim, esta iniciativa que o «Diário de Lisboa» vai promover muito brevemente, está aberta à participação de todos os leitores espalhados pelo País. Os que nunca se deslocaram à capital, e os que poucas vezes aqui vieram, têm oportunidade de «conhecer» agora a cidade através do «Album de Lisboa», onde a história, o pitoresco e a tradição estarão presentes, com gravuras e textos elucidativos.

Provocaremos, assim, um encontro entre Lisboa e os leitores do nosso jornal que se espalham por todo o País, por cidades, vilas e aldeias, de Norte a Sul. Sinais de velhos tempos e testemunhos do progresso da cidade-capital vão ficar ao alcance dum rápido conhecimento, desvendando mistérios, esclarecendo, instruindo, e avivando, também, recordações nos que mais frequentemente visitam Lisboa ou dela fazem centro da sua vida e da sua actividade.

Lisboa sempre gostou de conversar. O Tejo, um rio romantico, possibilitou-lhe, há muitos séculos, comunicação para todo o Mundo. A cidade foi sempre sensivel ao progresso ao qual soube sempre abrir os braços. Hoje, Lisboa «fala» com os estrangeiros no Aeroporto e com os forasteiros nas estações. A cidade gosta também de conversar de janela para janela. Mas desta vez, graças à inicativa do «Diário de Lisboa» a cidade vai «conversar» com muitos milhares de leitores: os que acompanham o dia-a-dia da vida do Mundo através do nosso Jornal.

DE ONTEM PARA HOJE

ESTRADAS PORTUGUESAS

Depois das afirmações do sr. ministro das Obras Públicas de irem ser transformadas as estradas de Portugal em esforço constante e premente para actualizar a cerimónia de ontem, em que aquele membro do Governo recebeu todos os directores de estradas dos distritos do continente e chefes de brigada da J. A. E., teve interesse particular e significado também. Com o ministro o eng.º Duarte Gaspar, novo presidente do organismo responsável pela construção e conservação das estradas portuguesas. Visita de cumprimentos, sem dúvida, mas nem por isso deixa de ter significado particular dada a insistência continuada no assunto. O director das estradas de Castelo Branco salientou o facto de haver sido chamado à presidência da J. A. E. um técnico de mérito que deu já ao seu serviço provas de maior competência e acrescentou que todos os presentes sabiam quanto lhes cabe de responsabilidade na concretização da orientação marcada pelo ministro na cerimónia de posse anteontem realizada, no sentido de se promover a urgente modernização e ampliação da rede rodoviária nacional. Tudo farão — acrescentou — para que se cumpram inteiramente esses objectivos de interesse fundamental para o desenvolvimento económico e social do País. O ministro acentuou o espírito de cooperação de todos para o bem comum; e, pouco depois recebia o sr. E. G. Herb, vice-presidente da Bechtel Corporation, **importante organização internacional de empreendimentos de engenharia, designadamente no sector das estradas; e Gerardo Fuentes e Arturo Delgado de Almeida, elementos da mesma organização em Espanha. Como se vê, as estradas de Portugal estão a dar que pensar. E ainda bem, a ver se deixam algumas delas de ser um quebra-cabeças para quem viaja. E quebra-cabeças no caso, não é apenas uma figura de retórica. Não é.**

VENDA DE CARIDADE

A sr.ª D. Gertrudes Rodrigues Thomaz inaugurou ontem, na Avenida António Augusto de Aguiar, em «stand» de automóveis, uma venda de caridade em benefício das famílias pobres do bairro do Cruzeiro, á Ajuda.

«A LÍNGUA ROMENA»

Na Sociedade de Língua Portuguesa proferiu ontem uma palestra sobre «A Língua Romena» o distinto filólogo dr. Fernando Peixoto da Fonseca. Presidiu o dr. Francisco José Veloso.

OS NOVOS DEPUTADOS

Os novos deputados á Assembleia Nacional encontraram-se ontem, á tarde, na sala da biblioteca do Palácio de S. Bento com o sr. Presidente do Conselho.

DEPOIS DE VER A NAMORADA

No lugar de Casais do Douro, junto a Ervedosa do Douro, o sr. Manuel Assunção Ramos tinha ido ver a namorada. Despediu-se dela e tomou uma motorizada que lhe não pertencia. Nem tinha carta de condução. Pois a vinte metros da casa da namorada, encontra-se com um camião e vai contra ele. No hospital da Régua nada mais puderam fazer senão verificar o óbito.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu o sr. dr. Barradas de Oliveira, director do «Diário da Manhã»; e os elementos dos corpos directivos dos Bombeiros Voluntários da Cruz de Malta, que lhe ofereceram um exemplar da medalha comemorativa do cinquentenário daquela humanitária associação.

MINISTROS DO MALAWI

No Hotel Ritz, ofereceram ontem, á noite, uma recepção o ministro do Comércio e Industria do Malawi e a sr.ª de J. Z. Tembo, á qual assistiram numerosas personalidades portuguesas, incluindo ministros e funcionários superiores. O sr. J. Z. Tembo pronunciou algumas palavras e o eng.º Jorge Jardim traduziu-as. Manifestou o agradecimento pela forma como foi recebido em Portugal. Disse que a colaboração entre os dois países se está a processar com proveito para ambos e que, no Malawi, tem já uma filial o Banco Pinto & Sotto Mayor e exerce também a sua actividade a Sonap.

VAI SER OCUPADA A PARTE CENTRAL DA AVENIDA DE ROMA

Para o prolongamento da linha do Metropolitano da estação Anjos e Alvalade, vai proceder-se á ocupação da parte central da Avenida de Roma, para a abertura da frente correspondente ao troço em túnel.

É possível assegurar a continuidade de duas vias de tráfego em cada sentido pelas obras efectuadas no local, que reduziram os estacionamentos normal e longitudinal.

A Câmara de Lisboa tem procurado atenuar, na medida do possível, os incómodos para os residentes e habituais utentes das vias afectadas pela construção do Metropolitano e espera a compreensão e colaboração dos munícipes para a realização de um empreendimento de tão grande interesse público.

JONA 69-6

descanso no EXTRACTO DIÁRIO

BANCO FONSECAS & BURNAY 1967 BONUM FACIO. AUREI CLAUDIO

Não faça contas:
Tem ao seu alcance a mais actualizada técnica de contabilidade. Siga, diàriamente, a evolução da sua conta: qualquer movimento lhe será comunicado.

HOJE AMANHÃ SEMPRE
Receberá em sua casa – gratuitamente – o seu extracto diário.

BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

NOVIDADES
d.quixote
****
universidade moderna

Uma colecção para todos os que aspiram a uma cultura universitária quer frequentem a Universidade quer não

JEAN-PIERRE LASSALE
(da Universidade de Lyon)
1 - Introdução à Política

PIERRE PICHOT
(da Universidade de Paris)
2 - Os Testes Mentais

Uma nova colecção de
PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

À MARGEM DAS NEGOCIAÇÕES DE HELSÍNQUIA

TORNAR-SE-À POSSÍVEL UM ACORDO PROVISÓRIO WASHINGTON-MOSCOVO?

WASHINGTON — Os E. U. A. encaram a possibilidade de um acordo provisório com os russos sobre uma eventual suspensão dos ensaios dos M. I. R. U. (mísseis de ogiva múltipla independente) enquanto decorrem as conversações de Helsínquia.

Por WARREN LENNA

Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»

«A possibilidade de acordos provisórios, tal como a suspensão dos ensaios dos M. I. R. U. durante as discussões de Helsínquia não está posta de parte», declarou o senador Clifford Case (republicano de Nova Jersey) após uma sessão informativa á porta fechada da subcomissão senatorial do desarmamento.

Depois desta reunião, Case e o senador Albert Gore (democrata do Tennesse), presidente da subcomissão, deram mostras de supor que a Administração Nixon está decidida a prosseguir negociações significativas.

«Foi uma boa reunião», declarou Gove. *«Fiquei satisfeito com a margem de manobra consentida para apalpar terreno, embora as discussões actualmente em curso sejam perliminares e não tenham a finalidade de chegar a compromissos.»*

Gore acrescentou já não pensar que os delegados americanos em Helsínquia tivessem uma margem de manobra tão restrita (por ordem da Casa Branca ou do Departamento de Estado) que fosse de pôr de parte a esperança em resultados positivos saidos dessas negociações.

Os outros parlamentares que assistiram á reunião secreta foram o senador William Fullbright.

John Sparkman (democrático do Alabama), John Sherman Cooper (republicano do Tenessee) e Clairborne Pell (democrático de Rhode Island).

Ouviram sucessivamente Philip Farley, director-adjunto da Agência do Desarmamento, Helmut Soumenfeldt, especialista dos assuntos soviéticos e do desarmamento, e William Hancocock conselheiro da Agência do Desarmamento.

O segredo era tão completo que os participantes na reunião foram advertidos por três vezes de que não deviam fornecer quaisquer dados sobre o conteúdo das suas discussões.

Os «leaders» dos dois partidos no Senado assistiram na terça-feira a outra reunião secreta sobre as conversações S. A. L. T. com Henry Kissinger, informador da Casa Branca para aquela sessão.

Estas reuniões informativas parecem ter-se destinado a apaziguar as apreensões dos membros da subcomissão Gore, a quem a Administração tinha prometido (e depois recusado) prestar esclarecimentos antes da abertura das negociações de Helsínquia.

Receando vivamente a hostilidade de uma subcomissão, que poderia um dia vir a ter de ratificar um tratado da limitação dos armamentos estratégicos, o presidente Nixon teria tentado tranquilizar os parlamentares, por altura da sua visita ao Congresso, anunciando-lhes haver uma reunião informativa logo que os seus delegados lhe trouxessem um relatório de Helsínquia.

No entanto, os senadores fizeram notar ser isso uma prova de desconfiança, pois parecia que os «leaders» dos outros países da N. A. T. O. mereciam um tratamento preferencial pois a eles era dito aquilo que aos senadores se escondia e que nada justificava. Parece pois que os senadores conseguiram a vitória do seu ponto de vista.

LISBOA MITOLÓGICA

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Neste tempo de sucessivos projectos Apolo, extraterrestres talvez, quem sabe, por aí a espreitar-nos dos seus discos, lembram os da U. R. S. S. oferecidas a Vénus, e ainda hipóteses, remotas embora, de viajatas por este sistema solar que o homem deificou em tempos passados, quando julgava os planetas intangíveis... Neste tempo, pois, parei eu na Rua Alexandre Herculano a olhar para a montra da Ática, mesmo ao pé da Herculano (pastelaria) e da Paraíso (pena não ser Olimpo), depois atravessei para o outro lado, meti por outra rua e dei de caras com Zeus (snack-bar). Nunca tinha reparado no deus dos deuses helénicos, ali, e isso deixou-me perplexa. Uma Lisboa mitológica? Pois, uma Lisboa um pouco mitológica.

A Ática, portanto, e outra livraria, a Hélada, e uma terceira, a Isis. Ainda no ramo dos livros, as editoras Arcádia, Ulisseia, Delfos, Crónos e Minerva, não esquecendo a ainda recente Minotauro. Fénix, ave fabulosa, é um hotel. Pollux, irmão de Castor, um armazém. Há uma perfumaria Alceste e outra Deusa. Deusa é também uma sapataria, e Hélio (o sol) uma série delas. Individuo menos categorizado do que Zeus mas em todo o caso bastante considerado pela mitologia, é Orfeu (o da Eurídice e da descida aos infernos), que preside aos destinos de outro snack-bar. Calendas e Galateia são lojas de antiguidades e Cassandra, profetisa inspirada, deu o seu nome a uma loja de modas. Há um instituto de beleza Cléopatra e outro Leda, e uma sociedade de construções chamada Pirâmide. No mundo do espectáculo temos três cinemas de nomes clássicos, o Tivoli, o Capitólio e o Odéon, e recordemos um teatro morto, o Apolo. Há ainda uma boite, a Tágide.

E mais nomes haverá, decerto, nesta Lisboa de um rasto mitológico ou simplesmente histórico. Mas a história antiga e a mitologia confundem-se ás vezes até porque embora a maioria dos deuses citados morasse no Olimpo, sabemos que, sob as suas figuras humanas, eles procuravam com frequência a companhia dos mortais.

inauguração

28/11/69 · 28/11/69 · 28/11/69 · 28/11/69 · 28/11/69 · 28/11/69

28/11/69

Kalinka
T. 68 20 66
interiores · boutique

ZINGARO'S BAR
T. 68 20 65
o local do "drink"

Rua CASTILHO, nº 171 (junto ao HOTEL REX)

Nota do dia

ESTRADA FORA

VAMOS TER AGORA, segundo decreto recentemente Públicas na posse do novo presidente da Junta Aupúblicas na posse do novo presidente da Junta Autónoma, o regime de estradas em concessão. Quer dizer: o Estado abre concurso para uma nova estrada e concede a uma empresa os encargos e direitos de a construir e explorar, o que, por prazo a fixar, fica sendo um ca inho particular. Quem o quiser utilizar terá de bater á porta, pedir licença e pagar o seu bilhete. É o direito de portagem.

O regime é praticado, parece que com êxito, nalguns países, designadamente a Itália, onde há dele uma já longa experiência. A França e, mais recentemente, a Espanha chamaram a si a experiência que resolve alguns problemas. Que problemas? Fundamentalmente, o do financiamento das obras, que deixa de ser, em tais casos, uma preocupação do Estado para passar às mãos de uma empresa particular. Esta constroe o troço que lhe foi adjudicado, põe-lhe barreiras e cobra o tributo a quem quiser passar por lá.

É o mesmo regime que temos aqui à porta com as duas pontes sobre o Tejo, a de Lisboa e a de Vila Franca de Xira, assim como o troço já construído da auto-estrada do Norte, de Lisboa á mesma Vila Franca. É o mesmo regime na medida em que se paga para passar mas não é o mesmo caso, pois que nas três situações referidas foi o Estado que construiu e é o Estado que cobra, ao passo que na nova hipótese o Estado defere ou concede o seu direito para as mãos de uma empresa que legítimamente se propõe ganhar o seu dinheiro.

O negócio, porque o é, parece atraente, a avaliar pelas contas já feitas da portagem cobrada nas duas pontes, que faz a um ritmo superior ao previsto a recuperação do capital investido. Assim, a ponte de Vila Franca, aberta ao serviço em Março de 1952 e custara 130 mil contos, estava em 1966 paga e mais que paga na medida em que, segundo números recentemente divulgados, rendera até então o melhor de 143 ou 144 mil. E continua-se a pagar, como se paga na grande ponte e na auto-estrada. Agora háverá novos casos.

Pensa-se que o prolongamento da auto-estrada do Norte, para além de Vila Franca, possa ser um dos primeiros projectos a considerar e uma das primeiras explorações a conceder. Segundo as declarações do ministro na posse do novo presidente da J. A. E., o Algarve estará também na primeira linha de prioridades e com isso se procura naturalmente, melhorando-lhe os acessos, valorizar a sua posição turística. Mas é preciso ter-se a certeza de que as estradas novas não farão fechar nem abandonar as estradas. velhas, que uns acharão mais pitorescas e outros mais baratas.

Não se tem presente mas parece que foi citado no decurso da recente campanha eleitoral o rendimento do imposto da gasolina de que uma parte vai a favor das obras nas estradas. Mas deve ter-se presente que as estradas, como as escolas ou como os hospitais, são serviços e não tipos de exploração industrial de que se esteja à espera de saber quanto rendeu para se saber se sim ou não se deve andar para a frente ou fechar a loja. Mas é preciso que esses rendimentos, das portagens actuais e o da gasolina, vão integralmente para as estradas, abrir umas e conservar outras.

A concessão admitida de estradas ou troços de estradas não põe mais problemas que os de uma espécie de aluguer por prazos que devem ser criteriosamente calculados e findos os quais tudo reverte para a posse do Estado. Os tempos são outros e fazem esquecer o magro reflexo que o feudalismo teve em Portugal, quando o nosso D. João II chamou a si o papel de remissão que Luís XI desempenhou em França e teve o histérico desabafo: «Meu pai deixou-me rei das estradas de Portugal».

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

BOLSAS DE ESTUDO PARA DECORADORES

A Escola Internacional de Decoradores aceita a inscrição de candidatos para duas bolsas «Leombruno-Bodi», que se destinam a dois jovens portugueses que desejem seguir o curso da Escola Internacional de Decoradores e possuam habilitações literárias equivalentes ao 5.º ano dos liceus. Os candidatos deverão prestar sumária prova de desenho e provar que não se encontram financeiramente habilitados a pagar as propinas do curso. O prazo para a apresentação das candidaturas termina no dia 30 de Novembro e os interessados deverão dirigir-se á Secretaria da Escola Internacional de Decoradores — Palácio Quintela, á Rua do Alecrim, 70, com o telef. 367410.

Artes plásticas

XV Salão de Outono nas Arcadas do Estoril

Na Junta de Turismo da Costa do Sol, às Arcadas do Estoril, é inaugurado, amanhã, ás 22 horas, o XV Salão de Outono, promovido por aquele organismo.

O júri, presidido pelo sr. Serra e Moura, presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, e constituído pelos artistas Artur Buel, João Fragoso e Oscar Pinto Lobo premiou os seguintes trabalhos: *1.º Prémio do Salão:* Elmano Raposo (escultura); *2.º Prémio do Salão:* Pires Vieira (pintura); *Medalhas de Prata:* Stella de Brito (aguarela); Ruy Acácio e Fernando Grade (desenhos); Hermâni Lopes e Miguel Dafranca (óleos).

Foram também admitidos trabalhos dos seguintes artistas: Mário Varela (colagem); Deflgueiredo, Victor Pinheiro e Jorge Vidal (desenhos); António Olaria da Conceição Júnior (gravura); Adão Rodrigues, Carlos Leça, Crimer Ydintel e Mário Silva (pintura).

REUNIÃO DA CORPORAÇÃO DA PESCA E CONSERVAS

Sob a presidência do sr. dr. António Duarte Silva, presidente da Corporação da Pesca e Conservas, reuniu-se a direcção daquele organismo, estando presentes o vice-presidente sr. Jacob Perianes Palma e os vogais srs. Francisco de Jesus Salvador, José de Oliveira Marques, José Maria Pinto Soares e António Aires Ferreira.

Esteve ainda presente o vice-presidente do Conselho da Secção da Pesca, sr. dr. Edison Passos Pinto de Magalhães. Também participou nos trabalhos o secretário-geral, sr. dr. Jerónimo Osório de Castro, que secretariou a reunião.

A direcção ocupou-se de diversos assuntos de expediente e de natureza administrativa. Em seguida, debruçou-se sobre as directrizes a tomar neste novo mandato, definidas circunstanciadamente pelo presidente, e em particular quanto ao estudo do perfeito entendimento entre a pesca da sardinha e a indústria das conservas de peixe, que se apresenta cada vez mais premente e necessário, tendo em vista a solução de um dos problemas que muito afectam estas duas actividades económicas, com as suas repercussões sociais

A direcção reviu as representações da Corporação em diversos organismos, tendo deliberado fazer algumas substituições: na Comissão Portuguesa da E. F. T. A. (Associação Europeia de Comércio Livre): dr. António Duarte Silva; na Comissão Nacional de Coordenação e Planificação das Pescas, da Junta Nacional do Fomento das Pescas, do Ministério da Marinha: dr. António Duarte Silva, vice-presidente nato, como presidente da Corporação; no Conselho Nacional de Estatística, da Presidência do Conselho: vogal efectivo: dr. António Duarte Silva; 1.º vogal suplente: Jacob Perianes Palma; 2.º vogal suplente: dr. Jerónimo Osório de Castro; no Conselho Consultivo do Centro de Aperfeiçoamento Profissional, do Sindicato Nacional dos Profissinais de Escritório do Distrito de Lisboa: Joaquim da Silva Apolinário; na Junta Nacional de Portos, do Ministério das Comunicações: vogal suplente: dr. Delfim Linhares de Andrade; no C. I. P. C. («Comité International Permanent de la Conserve»): dr. António Duarte Silva.

Por último, designou como representantes da Corporação no II Colóquio Nacional de Transportes, organizado pela Corporação dos Transportes e Turismo, os srs. Jacob Perianes Palma e dr. Jerónimo Osório de Castro.

Homenagem ao eng. Quartin Graça

Em cumprimento da deliberação tomada em 5 de Agosto, a Federação Nacional dos Produtores de Trigo vai prestar homenagem à memória do eng.º Luís Quartin Graça que, durante quinze anos, foi seu presidente.

Os actos decorrerão no dia 16 de Dezembro, data em que se comemora o primeiro aniversário do seu falecimento, com o seguinte programa: ás 10 horas, missa de sufrágio na Igreja de S. Mamede; ás 12 horas, romagem ao cemitério do Alto de S. João; ás 15 horas, entrega ao Instituto Superior de Agronomia do «Prémio Luís Quartin Graça» destinado a alunos laureados daquele estabelecimento de ensino; ás 18 e 30, descerramento de um medalhão com a efígie do homenageado no silo da F. N. P. T. no porto de Lisboa, ao Beato.

Participe no esforço de desenvolvimento económico-social do país, aplicando as suas economias na criação de maior riqueza e bem-estar geral.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «A Quadrilha Selvagem» («The Wild Bunch»).

REALIZAÇÃO — Sam Peckinpah, 1969 (E. U. A.).

INTÉRPRETES — William Holden, Ernest Borgnine, Robert Ryan, Edmond O'Brien, Warren Oates, Jaime Sanches, Ben Johnson, Emílio Fernandez, etc.

No Império, e a partir de ontem, têm os espectadores de Lisboa á sua disposição uma obra-prima da moderna cinematografia norte-americana. O seu autor? O índio Sam Peckinpah, que não desiste de nos surpreender com obras profundamente novas, possuídas de rara vitalidade e de um dinamismo ímpar. Depois de «*Os Companheiros da Morte*», depois de «*Os Pistoleiros da Noite*», depois de «*Major Dundee*», eis que Sam Peckinpah (sem sair do *western* que o tem notabilizado) se excede, reinventando o próprio cinema, mas mantendo-se integralmente coerente com a linha do seu pensamento.

«*A Quadrilha Selvagem*», soberba, genial, inspirada, medonha, é algo de nunca visto. Possuído por uma fúria libertadora indescritível Peckinpah dispôs-se a descer até ao amago da violência. «The Wild Bunch» é isso mesmo: duas horas e meia de vertiginosa carnificina, de massacre. Duas horas e meia de morte, de sangue, de corpos esfacelados, de loucura. De violência que é, simultaneamente, retrato e denúncia. E, no entanto, o olhar de Peckinpah é algo de intocável, de incorruptível. Nunca o mais pequeno sinal de sadismo, de comprazimento. Apenas violência, explosiva, medonha.

O filme começa com um massacre e acaba numa pavorosa carnificina que tudo e todos destrói. Desde o início, porém, que nós sabemos todos aqueles homens imolados. Precisamente desde as imagens que entrecortam o genérico, durante as quais vemos um grupo de crianças assistindo á luta de dois escorpiões num ninho de formigas. A luta será total, suicida, destruidora, sem vencedores possíveis. Apenas restarão cinzas e o olhar indiferente das crianças. Apenas restarão abutres ávidos que rápidamente despojarão as vítimas.

Neste trajecto melancólico e desesperado de velhos pistoleiros sem causa nem tempo seu, exprimirá Peckinpah o pensamento anarquizante que o caracteriza. Um trajecto que falará de revoluções no México, de generais alemães, de mexicanos, de índios (dos índios que Peckinpah tanto conhece), dos homens duros, dos «gringos» e das mulheres possuídas, das armas e das garrafas de bebida, da camaradagem e da traição, da *palavra* que se dá (e da causa que essa *palavra* serve), de caminhos-de-ferro assaltados, de armas roubadas, de olhares de ternura impossível num mundo onde ela não cabe, de ódio. De como quatro homens, bandoleiros desesperados de profissão, caminhando lado a lado para o norte (ou o ajuste de contas derradeiro), podem ser algo de majestoso, de impressionante, de épico.

Obra absorvente, esmagadora, galvanizante, cheia de uma tragédia íntima que explode como o próprio sangue, «A Quadrilha Selvagem» assinala um acontecimento definitivo na história do «western» e bem assim na história da cinematografia americana. Perdê-la seria perder algo mais do que um filme. Seria perder uma hipótese de sentir o vómito do sangue e o cheiro da morte como raras vezes o cinema nos tem oferecido.

Admiráveis são ainda os intérpretes (com William Holden capitaneando um conjunto de actores verdadeiramente insuperáveis). Notável também a fotografia de Lucien Ballard.

LAURO ANTÓNIO

VINHOS DO PORTO

OFERTAS NO ESTRANGEIRO

Além de famosas marcas de Vinhos de Mesa e da Madeira que entregamos em qualquer país, dispomos, desde já de «stocks» de uma boa gama de Vinhos do Porto em caixas de 3-6-e-12 garrafas para entregas nos domicílios, ao preço de Tabela, sem mais quaisquer encargos, nos seguintes países: Alemanha Ocidental, Bélgica, Dinamarca, França, Itália, Suíça, Inglaterra, Irlanda, Holanda e Estados Unidos.

A CASA J. CÂNDIDO DA SILVA

Fundada em 1940

É A ORGANIZAÇÃO MAIS COMPLETA NO RAMO DE BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

LISBOA — Avenida de Berna, 42-A — Telef. 760194 — 776340
PORTO — R. de S. Luis, 12 a 22
Telef. PPC 28251/2/3/4 e 37045
COIMBRA — R. Dr. António José de Almeida, 273 a 277
Telef. 27477

Aconselhamos os nossos estimados Clientes a transmitirem-nos desde já as suas ordens para que as ofertas sejam feitas antes do Natal.

5 GRANDES REALIZADORES ITALIANOS

- LUCHINO VISCONTI
- MAURO BOLOGNINI
- FRANCO ROSSI
- VITTORIO DE SICA
- PIER PAOLO PASOLINI

JULGAM AS MULHERES:

elas são:
insaciáveis... vaidosas...
sensuais... astuciosas...
enigmáticas...

mas, também, são TUDO para os homens!
«... para alguns...»

A MAGIA DA MULHER

"le streghe"

SILVANA MANGANO • ALBERTO SORDI
CLINT EASTWOOD • ANNIE GIRARDOT • TOTÓ

NUM ESPECTÁCULO AUDACIOSO, POLÉMICO, EXCITANTE!

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA HOJE ÀS 21.30

UM FILME SOBRE MULHERES QUE DEVE SER VISTO PELOS HOMENS!

TECHNICOLOR®

RANK FILMES

United Artists — Entertainment from Transamerica Corporation

ADULTOS

GIL VICENTE — Cascais Telef. 280919

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
APRESENTA AS 22 HORAS

EUNICE MUÑOZ interpretando **ARRABAL**

com SANTOS MANUEL, VITOR DE SOUSA e CARLOS PAULO

Trad. ANTÓNIO BARAHONA DA FONSECA

Encenação **CARLOS AVILEZ**

SUBS. FUNDO TEATRO — FUNDAÇÃO GULBENKIAN — ADULTOS

HOTEL DOM CARLOS

A reputação do nosso **RESTAURANTE** é feita pelos seus próprios clientes. A par da cozinha internacional há sempre uma especialidade portuguesa á sua disposição.

AMANHÃ AO ALMOÇO:

BACALHAU À MODA DAS TAIPAS

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53-90 71 — LISBOA

ISTO ACONTECEU

"es"

um filme de
ULLRICH SCHAMONI

SABINE SINJEN
BRUNO DIETRICH

A VIDA DE UM CASAL MODERNO; OS SEUS ANSEIOS, OS SEUS INFORTÚNIOS E A SUA FELICIDADE, ATRAVÉS DUMA LINGUAGEM RARAMENTE ENCONTRADA NO CINEMA

estúdio 444

ESTREIA
HOJE, às 21.45
ADULTOS

DOPERFILME

É tempo de falar de coisas de que não se fala...

ELIZABETH TAYLOR

MIA FARROW mais inquietante do que em "Rosemary's Baby"

no mais ousado dos filmes de JOSEPH LOSEY

"CERIMÓNIA SECRETA"

com

ROBERT MITCHUM

Música de RICHARD RODNEY BENNETT • Argumento de GEORGE TABORI • Produção de JOHN HEYMAN e NORMAN PRIGGEN — TECHNICOLOR

Um filme UNIVERSAL distribuição SONORO FILME

M / 17 ANOS

CINEMA VOX

HOJE ÀS 21.45 ESTREIA NO

«La vida es joven» e «El hermano del campo» são as mais recentes composições gravadas por «Los 3 Sudamericanos», que representaram o Paraguai no Festival da Canção do Rio de Janeiro e já se encontram em Madrid, no cartaz de «J. J.»

Sessão de «Tombo no Inferno» para a Cooperativa Piedense

Por iniciativa da direcção do Teatro Maria Matos, a representação da peça «Tombo no Inferno», no dia 3 de Dezembro, será dedicada aos associados da Cooperativa Piedense.

A comissão dos serviços culturais, integrando-se na iniciativa, está a promover uma ampla campanha para que a noite de Teatro, dedicada aos cooperadores da Piedense, constitua uma expressiva homenagem ao saudoso escritor Aquilino Ribeiro.

A fim de possibilitar o acesso ao teatro de camadas da população que, pelas suas fracas disponibilidades financeiras, se afastam dele, haverá um desconto especial de 50 por cento no preço dos bilhetes. Além disso, será estabelecido um serviço de autocarros com partida da Cova da Piedade, de modo a evitar os inconvenientes da deslocação para essa zona da cidade.

FILME DE BAILADO NO TIVOLI

Amanhã, ás 18 e 30, por iniciativa da Juventude Musical Portuguesa, será exibido, no Tivoli, o filme de bailado do grande repertório russo «Le Petit Cheval Bossu», comentado por António Pinto Machado.

Teatro Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras (à Avenida de Roma)
Telef. 717017 — ADULTOS
HOJE, às 21.45 h.
2.º MÊS DE ÊXITO
SÁBADO, ÀS 16 HORAS
A PREÇOS REDUZIDOS
DOMINGO: Desconto para jovens dos 17 aos 21 anos

Tombo no Inferno
de AQUILINO RIBEIRO
DIRECÇÃO DE
IGREJAS CAEIRO

CAPITÓLIO
Tel. 320379
ÀS 21.45 H.
(Maiores 17 anos)
Um êxito memorável
O PECADO DE JOÃO AGONIA
de B. SANTARENO
SÁBADO — Tarde a preços reduzidos
DOMINGO — Tarde dedicada a estudantes

COLISEU
Hoje às 21.30
(Maiores 12 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
As maiores atracções
Entre outras:
LEÕES E CHIMPANZÉS

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
ADULTOS
SÓ 5 DIAS
Estreia AMANHÃ às 21.45 horas
Desconto para estudantes
encenada por ADOLFO GUTKIN
VOLPONE
de BEN JONSON
pelo GRUPO CÉNICO DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA
A peça que obteve da crítica a mais alta pontuação

ABC às 20.45 e 23 h.
Adultos
ENA, JÁ FALA!

SOLAR DO MINHO *
Rua do Vigário, 60
Telefone: 86 68 11
ALFAMA
(a Santo Estêvão)
PARA ADULTOS
Proprietária: artista EDUARDA MARIA
FADOS — FOLCLORE
RESTAURANTE TÍPICO
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MANHÃ
ABERTO AOS DOMINGOS

UM GRANDE ACTOR DE CINEMA
ANTÓNIO CALVÁRIO
BREVEMENTE NA REVISTA
Peço a palavra!
NO TEATRO
VARIEDADES
ADULTOS

CALVÁRIO
DOIS ÍDOLOS
NUM FILME DE
GRANDE ÊXITO
com
NICOLAU BREYNER
ADELINA CAMPOS
ALVES DA COSTA
FADOS POR
HERMÍNIA
EASTMANCOLOR
MILÚ
MAIORES 12 ANOS
Excl. da DEVA FILMES
O DIABO ERA OUTRO
EM SENSACIONAL
4.ª SEMANA
NO ODEON

Os filmes da nova temporada

X

PARAMOUNT FILMES

Entre os filmes previstos pela **Paramount Filmes** para estreia entre nós na presente temporada de 1969-1970, contam-se alguns que merecem destaque especial:

— SE... (If...), de Linsay Anderson, com Malcom McDowell e Christine Noonan.

— UMA MULHER DÓCIL (Une Femme Doux), de Robert Bresson, com Dominique Sandra e Guy Frangin.

— SKIDOO (Skidoo), de Otto Perminger, com Jackie Cleason, Carol Channing e John Phillipe Law.

— BANDIDOS DA SARDENHA (Bandits in Sardinia), de Carlo Lizzani, com Terence Hill e Frank Wolf.

— ERA UMA VEZ... NO OESTE (Once Upon a Time,.. in the West), de Sergio Peone, com Henry Fonda e Claudia Cardinale.

— O URSO E A BONECA (L'Ours et la Poupée), de Michel Deville, com Brigitte Bardot e Jean-Pierre Cassell.

— HÓ QUE DELÍCIA DE GUERRA (Oh! What a Lovely War), de Brian Duffy e Len Deighton, com Laurence Olivier, Vanessa Redgrave, Michael Redgrave, etc.

— JOVENS APAIXONADOS (Goodbye, Columbris), de Larry Peerce, com Richard Benjamin e Jack Klugman.

— UM GOLPE EM ITÁLIA (The Italian Job), de Peter Collinson, com Michael Caine e Noel Coward.

— AQUELES DESTEMIDOS CAVALHEIROS MONTADOS EM PUROS CALHAMBEQUES (Those Daring Young Men in Their Jaunty Jalopies), de Ken Annakin, com Tony Curtis, Bourvil, Terry-Thomas, etc.

— O ADVOGADO (The Lawyer), de Sidney J. Furie, com Barry Nawman, Robert Colbert, etc.

Para além destes, outros se anunciam:

— OIRO, MULHERES E... MÚSICA (Paint Your Wagon), de Joshua Logan, com Lee Marvin e Clint Eastúood.

— A VELHA RAPOSA (True Gritt), de Henry Hathaway, com John Wayne e Clen Campbell.

— ONDE ESTÁ JACK? (Where's Jack?), de James Clavell, com Tommy Steele e Stanley Baker.

— O CÉREBRO (The Brain), de Gerard Gury, com David Niven, Bourvil e Jean Paul Belmondo (já estreado).

— BYE, BYE BARBARA (Bye, Bye Barbara), de Michel Deville, com Alexandra Stewart e Philippe Avron (já estreado).

— GANGSTERS EM ROMA (Rome Chicago Style), de Alberto de Ocartino, com Jolin Cassavetes e Anita Sanders (já estreado).

— A RAPARIGA DA PISTOLA (Girl With a Pistol), de Mario Monicelli, com Monica Vitti e Stanley Baker (já estreado).

— OS CAMPEÕES DA MONTANHA (Downhill Racers), de Michael Ritchie, com Robert Redford e Gene Mackman.

— OS DOUTRINADORES (The Molly Maguires), de Martin Ritt, com Richard Harris e Sean Connery.

— OS DUPLOS CRIMES (The Stuntman), de Marcello Baldi, com Gina Lollobrigida e Robert Viliaro

— A VIOLÊNCIA DO OESTE (Ace High), de Giuseppe Colizzi, com Eli Wallach e Terence Hill.

— BORA, BORA (Bora, Bora).

— A COQUELUCHE (La Coqueluche), de Christian Paul Arighi, com Pierre Richard e Claude Piepln.

— O MOTIM (The Riot), de Buzz Kulik, com Jim Brown e Gene Hackman.

— UM PÁSSARO ESTÉRIL (The Sterile Cuckoo), de Alan J. Pakula, com Liza Minnelli e Wendell Burton.

— UMA VIÚVA DE PESO (Une Veuve en Or), de Michel Andiard, com Michèle Mercier e Claude Rich.

— FÉRIAS A BEIRA-MAR (Love in a Goldfish Bowl), de Jack Sher, com Tommy Sands e Fabian.

Atribuídos os prémios do Festival de Cinema Amador de Guimarães

GUIMARÃES, 27 — O juri do I Festival Ibérico de Cinema Amador de Guimarães atribuiu estes prémios:

Documentário: Medalha de ouro, «La Ciudad», de Carlos Fernandez Santander (Corunha); de prata, «Da Inspiração á Animação», dr. Vasco Branco (Clube Galitos de Aveiro); de bronze, «Anatema», dr. António Augusto Melo (Clube Micro-Cine de Lisboa).

Enredo: Medalhão de ouro, «Pesadelo», José Cardoso (Beira-Moçambique); de prata, «A Grande Farsa», dr. Vasco Branco (Clube Galitos de Aveiro); de bronze, «El Pajaro Rojo», Domingos Vila Codina (Barcelona).

Fantasia: Medalhão de ouro, «L'Home Nou», Joan Serra e Andreu Sitja (Barcelona); de prata, «Contadores de Tempo», José Barbosa (Lisboa); de bronze, «O Moinho», Manuel Matos Barbosa (Clube Galitos de Aveiro).

Animação: Medalhão de ouro, «Microdesfile», Francisco Valiente Rós (Corunha); de prata, «A Conquista da Lua», dr. Vasco Branco (Clube Galitos de Aveiro).

GRANDE PRÉMIO: «Castelo de Oiro», «La Ciudad», Carlos Fernandez Santander (Corunha).

Taças: Governo Civil de Braga, melhor realização, «El Pajáro Rojo», de Domingo Vila Codina; Camara Municipal de Guimarães, clube com maior pontuação neste certame, Galitos de Aveiro; Agência-Geral do Ultramar, melhor filme ultramarino, «Pesadelo», de José Cardoso (Beira); Junta de Turismo da Penha, cineasta que no conjunto dos seus filmes apresenta melhor ilustração musical, arq.º Alves Martins; Comissão Municipal de Turismo de Barcelos, destinado ao melhor filme que trate um tema de artesanato, «Manta de Trapos», de Manuel Paula Dias; Convívio, para um cineasta estreante pelo conjunto de filmes apresentados em certames anteriores, «Anatema», do dr António Augusto de Melo; Hotel Ofir, ao melhor filme tratando um tema etnográfico, «O Moinho», de Manuel Matos Barbosa; Agfa e Gevaert, filme com melhor fotografia a cores, «A Corrente», do eng.º Vasco Pinto Leite; Campeão Português, melhor interpretação feminina, Paloma Gonzalez, no filme «El Pajaro Rojo», de Domingo Vila Codina; Somelos-Helanca, melhor interpretação masculina, Aires Oliveira e Silva, em «O Condenado», de Joaquim Moreira de Pinho; Ourivesaria Lopes, melhor interpretação infantil feminina, Ana Margarida Vieira da Fonseca, em «Margarida», do arq.º Nuno Vieira da Fonseca; Beltrão Coelho, melhor interpretação infantil masculina, Rui Miguel, em «A Maçã», de António Gonzalez Castro; Troféu Banco Português do Atlantico, melhor filme sobre problemas de juventude, «L'Home Nou», de Joan Serra e Andreau Sitja.

Outros prémios: placa «Rotary Clube de Guimarães», para o cineasta que no conjunto dos seus filmes apresenta melhores mensagens humanas, dr. Vasco Branco; Prémio Pathé Baby Portugal, filme com melhor fotografia a preto e branco, «O Pesadelo», de José Cardoso.

«OPERAÇÃO SAUDADE»

Proveniente de Moçambique, e no âmbito da «Operação Saudade», promovida pelo Movimento Nacional Feminino, chegou hoje a Lisboa no voo da T. A. P. o soldado José Luís Correia de Matos e Silva, de Viana do Castelo.

«VOLPONE» VOLTA À CENA

O Grupo Cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito repõe a peça «Volpone», de Ben Jonson, no Villaret, amanhã, ás 21 e 45, e durante cinco dias, havendo «matinées», ás 16 horas, no domingo e na segunda-feira.

Adaptação, encenação e cenografia são de Adolfo Gutkin, com execução plástica de Mário Alberto. O espectáculo é subsidiado pela Fundação Gulbenkian.

«A MURALHA» NO TRINDADE PELO T. P. SACOR

Amanhã e depois, o Teatro do Pessoal da Sacor apresenta no Teatro da Trindade a comédia dramática de Calvo Sotelo «A Muralha», em tradução de Francisco Marques dos Santos. A encenação é de Ruy Furtado. São intérpretes, por ordem de entrada em cena, Humberto Marques, Carlos Monteiro, Mafalda da Piedade, Paulo Rodrigues, Coelho da Rocha, Maria Ivone Vairinho, Maria Maurício e Eduardo Custódio.

Serão campista em Almada

Para encerramento dos II Jogos Florais Campistas, iniciativa do Clube de Campismo do concelho de Almada, com o patrocínio da Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo, vai realizar-se um serão campista, no salão de festas da Incrível Almadense, no sábado, às 21 horas, durante o qual se procederá à distribuição dos prémios aos campistas classificados.

Antoine: em Portugal pela primeira vez

ANTOINE E ROMUALD — DOMINGO EM PORTUGAL

Em Ofir, realiza-se no próximo domingo a primeira «Convenção Internacional do Disco», uma iniciativa da firma Arnaldo Trindade, que pretende debater com a Imprensa, a Rádio e a Televisão alguns dos problemas que pesam sobre a indústria discográfica.

Estarão representadas todas as etiquetas portuguesas de disco e, também, as maiores produtoras musicais europeias. Após a reunião, efectua-se um grande espectáculo de variedades que conta com a presença de atracções internacionais (Antoine, Ronald, Lonz Jonh Baldry, The Foundations) e artistas portugueses (José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Carlos Paredes, Tonicha, Florbela Queirós).

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

● Às 20,45 e às 23 horas ● DOMINGO, «MATINÉE» às 16

SALVADOR no «Zé saloio»

MARIA VITÓRIA

● UMA GRANDE REVISTA E UM GRANDE ELENCO!

VÁ RIR ATÉ NÃO PODER MAIS COM:

● ESPERTEZA SALOIA ●

O TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM:

SALVADOR ★ JOSÉ VIANA ★ MARIEMA

BARROSO LOPES ★ DORA LEAL

A ATRACÇÃO NACIONAL HELENA TAVARES ★ A ATRACÇÃO FILIPINA «THE MELODIES»

À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

BARROSO LOPES no «Apreciador da natureza»

ora diga-nos...

— Quantas vezes por mês vai ao cinema?

Há cada vez mais cinemas em Lisboa. Há, portanto, cada vez mais público. E, provàvelmente, um público que vai ao cinema com frequência cada vez maior.

● *Ilídio Manuel Costa Henriques, estudante do Instituto Comercial:*

— Vou pouco ao cinema. Apenas uma ou duas vezes por mês. Tenho dificuldades por falta de tempo e também pelo preço de custo dos bilhetes.

— Lembra-se do último filme que viu?

— A «Lição particular», há coisa de duas semanas. Gostei.

● *João Carlos Barros Pereira, também do Instituto Comercial, declara:*

— Costumo ir ao cinema umas quatro vezes por mês. Por minha vontade, ia mais, mas os horários das aulas nem sempre me permitem. Por outro lado, ás vezes também há falta de capital...

● *A sr.ª D. Maria Alice Ferreira Tomé, cozinheira, disse:*

— Agora não vou, por causa das pequenas. Tenho duas filhas, e a lida da casa não me deixa sair. Mas dantes ia muito ao cinema. Volta e meia estava lá caída com o meu marido. E gosto tanto de cinema, que até baptizei as minhas filhas com os nomes de Romy e Brigitte. Sabe, gostei muito da «Sissi»...

DRAMÁTICO AVINTENSE

(COM «ALBERGUE NOCTURNO»)

— PRÉMIO AUGUSTO ROSA DO CONCURSO DE TEATRO

Para atribuição dos prémios e diplomas de honra da fase final do Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura e Recreio e dos grupos dramáticos independentes, que decorreu no Teatro da Trindade, reuniu-se, na Secretaria de Estado da Informação e Turismo, o júri presidido pelo dr. Caetano de Carvalho, director-geral da Cultura Popular e Espectáculos, e composto pelos actores Paulo Renato, Varela Silva e Manuel Lereno; declamadora D. Maria Germana Tânger; jornalista Dutra Faria, e pelos representantes da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, sr. Humberto de Ávila, e da F. N. A. T., sr. Raul dos Santos Braga. Foram conferidos os seguintes prémios:

Categoria A (grupos exclusivamente de amadores): 1.º Prémio Augusto Rosa (15 000$00), ao Grupo Mérito Dramático Avintense, com a peça «Albergue Nocturno»; 3.º Prémio Ferreira da Silva (7 000$00), á Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, com a peça «Topaze»; 4.º Prémio Francisco Taborda (4000$00), ao Progresso Clube, do Alguedrão, com a peça «Os Primos Basílios» (não foi atribuído o 2.º prémio).

Ensaiadores: 1.º Prémio António Pinheiro (5000$00), ao ensaiador do Grupo Mérito Dramático Avintense, sr. Monteiro de Meireles; 3.º Prémio Carlos Santos (300$), ao ensaiador da Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, sr. Marcelo de Brito; 4.º Prémio João Villaret (2000$), ao ensaiador do Progresso Clube do Alguedrão, sr. Julio Mariano (não foi atribuído o 2.º prémio).

Intérpretes femininos: 1.º Prémio Rosa Damasceno (3000$), a Maria Alice Morais, pela sua actuação na peça «O Albergue Nocturno», no papel de *Natacha;* 2.º Prémio Angela Pinto (2000$), a Maria Candida Mariano, pela sua actuação na peça «Os Primos Basílios», no papel de *Jacinta.*

Intérpretes masculinos: 1.º Prémio João Rosa (3000$), *ex aequo* a José Rodrigues e Luís Cunha, pelas suas actuações na peça «O Albergue Nocturno», nos papéis, respectivamente, de *Actor e Satine;* 2.º Prémio José Ricardo (2000$), *ex aequo*, a Nelson de Macedo, pela sua actuação na peça «Topaze» no papel de *Albert Topaze.*

Categoria B (grupos amadores ensaiados por profissionais; 2.º Prémio Joaquim de Almeida (10 000$), á Associação Recreativa Aurora da Liberdade, de Matosinhos, com a peça «A Promessa» (não foram atribuídos os 1.º, 3.º e 4.º prémios).

Intérpretes femininos: 1.º Prémio Maria Matos (3000$), a Lucília Fernandes, pela sua actuação na peça «A Promessa», no papel de *Maria do Mar;* 2.º Prémio Adelina Abranches (2000$), a Rosário Paiva, pela sua actuação na peça «A Promessa», no papel de *Cremilda.*

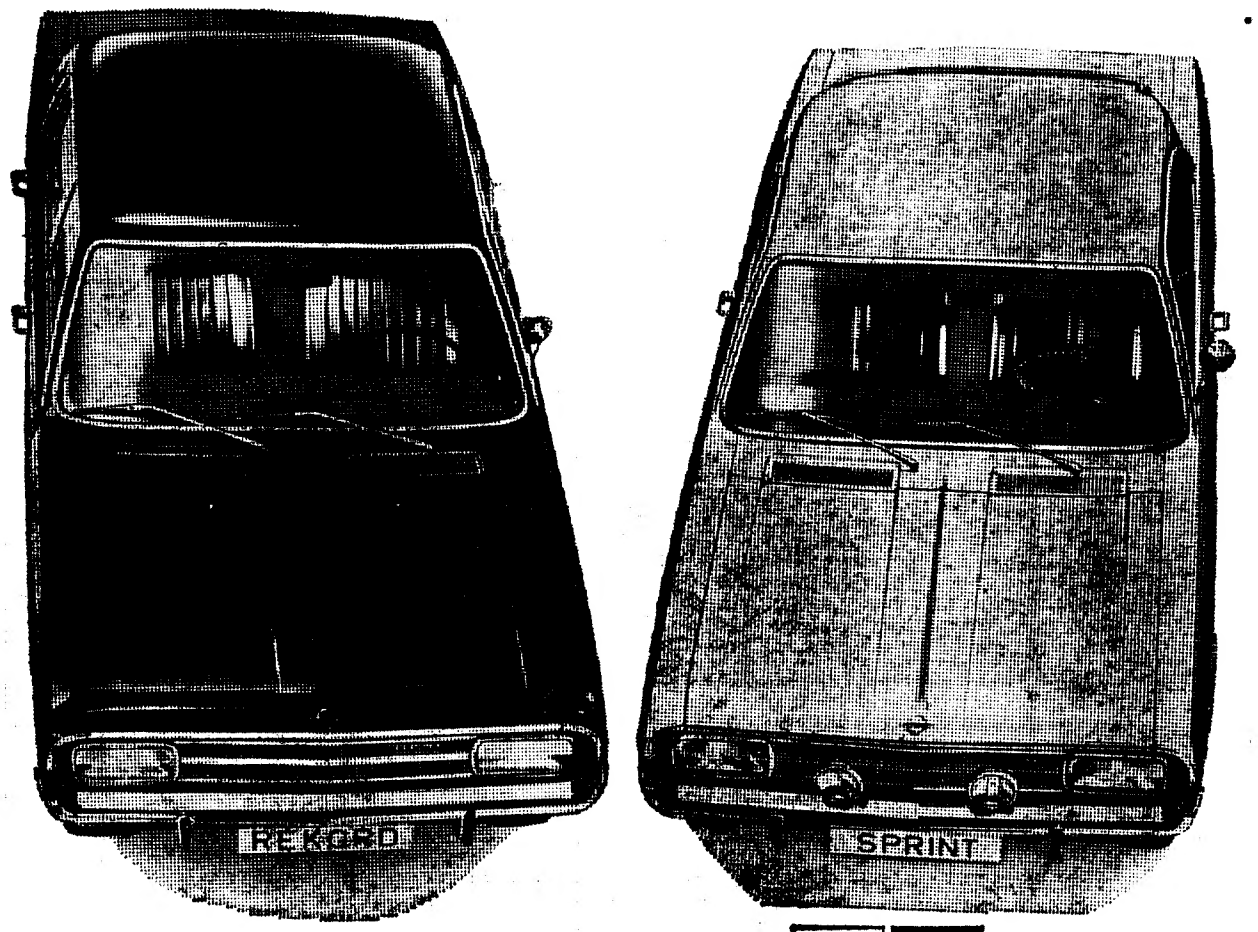
Intérpretes masculinos: 1.º Prémio Nascimento Fernandes (3000$), a João Lourival, pela sua actuação na peça «A Promessa», no papel de *Jesus;* 2.º Prémio Estêvão Amarante (2000$), a José Carvalho, pela sua actuação na peça «A Promessa», no papel de *Salvador.*

Prémio D. João da Camara, para o melhor original português (não foi atribuído).

O juri deliberou ainda atribuir os seguintes diplomas de honra, em reconhecimento do mérito e qualidades reveladas por grupos, intérpretes e outros colaboradores não premiados: Maria Teresa Paula, do Mem Martins Sport Clube, na peça «Quando a Verdade Mente»; António Jorge, Ana Rosa Teixeira Gomes Calapez e Rui Angelo Pargana dos Santos, todos do Grupo Amigos de Portimão, na peça «Sabina Freire»; Oscar de Almeida e Julio Mariano, do Progresso Clube do Alguedrão, na peça «Os Primos Basílios»; Maria Fernanda Neves Gomes, do Sport União Sintrense, na peça «Duas Causas»; Julio Catarino, do Círculo de Teatro de Aveiro, na peça «O Inspector-Geral»; Marcelo de Brito, Helena Maria e Francisco Gonçalves, da Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, na peça «Topaze»; Maria do Céu, da Associação Recreativa Aurora da Liberdade, de Matosinhos, na peça «A Promessa», e aos grupos Círculo de Teatro de Aveiro e Grupo Cénico do Sport União Sintrense.

Como você preferir. Civilizado ou selvagem.

É sempre o mesmo carro, nas suas qualidades básicas. A precisão da mecânica alemã, que dá o máximo ao Opel Rekord em performance e economia. O estilo, tão moderno e funcional. O conforto. A segurança (duplo sistema de travagem, painel almofadado, coluna de direcção telescópica, suspensão Variflex). Mas você pode escolher o "temperamento" do seu Rekord: 1900 ou Sprint. Um grande carro da família, seguro, confortável, maravilhoso para os tranquilos passeios em fins de semana. Ou se o preferir mais "temperamental", poderá extrair dele tudo o que desejar em matéria de velocidade e emoção. Algo de selvagem reponta sempre sob a capa de civilização. No Rekord também. Visite o seu concessionário Opel.



Opel. É sempre mais carro.

OPEL GM

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

ÀS SENHORAS ELEGANTES

«BOUTIQUES», COMÉRCIO DE CONFECÇÕES E PRONTO A VESTIR DE ALTA CATEGORIA

COMUNICADO

Vai a **Soc. de Leilões AFRAFILHOS, LDA.** realizar com início na próxima 3.ª-feira e dias seguintes, das 15 às 19 e das 21 às 24 horas, na sua sede à Av. Duque de Loulé, 1-A um leilão de importantíssima existência de uma casa de **pronto a vestir de alta categoria, que** não chegou a abrir, especializada em medidas próprias para a mulher portuguesa.

Trata-se de uma liquidação urgente que será feita em moldes inéditos, sendo tudo para venda absolutamente sem preço inicial, em leilão público, pela maior oferta que se obtenha.

Utilizaremos também o sistema de «passagem» com manequins, que permitem melhor apreciação da alta categoria das confecções que vamos leiloar, oriundas dos principais centros da moda e modelos exclusivos dos mais conhecidos costureiros mundiais, o que tornará esta liquidação do maior interesse para COMERCIANTES E PARTICULARES.

NOVAS ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E ALTERAÇÕES À POLÍTICA FISCAL

PRINCIPAIS TEMAS DA PROPOSTA DA LEI DE MEIOS PARA 1970

Se o leitor ganha menos de 30 contos por ano, poderá, se a Assembleia Nacional aprovar a Lei de Meios para 1970, deixar de pagar imposto profissional. Do mesmo modo, poderão ser alteradas todas as tabelas em vigor para o pagamento do referido imposto, a partir daquele nível.

Isto porque importantes alterações de política fiscal, «fundamentalmente orientadas no sentido de conseguir melhor justiça social», figuram, deste modo, entre as intenções do Governo, manifestadas na proposta de Lei de Meios para 1970, cujo texto foi agora enviado para a Assembleia Nacional.

Outros pontos de grande interesse parecem ser a definição de uma nova orientação geral da política económica e financeira do Governo e os propósitos de promoção de um intenso desenvolvimento regional.

Como habitualmente, o importante documento é precedido do estudo da tendência e evolução da economia internacional e nacional e da actividade financeira do Estado, além de uma circunstanciada análise da própria proposta da lei de autorização para 1970.

Crescimento do produto interno

Segundo o relatorio, citando estimativas provisórias do I. N. E., «*em 1968, o produto interno bruto, em termos reais, terá crescido à taxa de 5,8 por cento*», e «*a principal influência dinamizadora da actividade produtiva em 1968 correspondeu às despesas de consumo privado*» e anota-se que o acréscimo estimado é de 6,6 por cento.

Por isso, acentua o relatório, «*os ritmos de crescimento estimados para 1968 e 1969 traduzem um afastamento em relação à taxa média programada para o período de execução do III Plano de Fomento (7 por cento)*», prosseguindo:

«*É necessário um esforço intenso de lançamento e apoio dos programas de investimentos públicos e privados por forma a permitir sensível aceleração do processo de crescimento económico.*»

Afirma-se ainda que se regista «*uma nítida tendência de expansão na actividade produtiva global, acentuando-se os índices de recuperação do ritmo de crescimento anterior à fase depressiva ocorrida há três anos.*»

Evolução de preços

Quanto à evolução de preços, diz-se que «*o Governo traça uma política económica e financeira tendente a estimular a produção, a impedir tendências especulativas, a estabilizar mercados e a racionalizar circuitos de distribuição.*»

Promover e estimular a aceleração do investimento e contrariar as tendências de subida dos preços são objectivos considerados prioritários da orientação geral da política económica e financeira do Governo, que, aliás, está «*na disposição de recorrer a novos métodos para conseguir a elevação da taxa de investimento.*»

Quanto à eventual conclusão de negociações entre a E. F. T. A. e o Mercado Comum, afirma-se que «*as empresas portuguesas terão de enfrentar novas e acrescidas responsabilidades em matéria de poder competitivo*», daí resultando a política de *(apoio e estímulo às fusões, incorporações e agrupamentos de empresas, especialmente agrupamentos de exportadores, que possam ser considerados de interesse para a economia nacional.*»

«*Sempre que a iniciativa privada não venha a mostrar-se interessada na promoção de actividades produtivas que possam desempenhar papel relevante no progresso económico e social do País, competirá ao Estado, na sua função supletiva, assumir a iniciativa de promover a constituição das empresas convenientes para o exercício de tais actividades*» — afirma-se no capítulo dedicado à «Política de Investimento».

O problema agrícola

Um dos pontos que se antevê de maior interesse é o da nova perspectiva por que é encarado o problema agrícola, nomeadamente a valorização dos produtos agrícolas através da sua adequada industrialização, o desenvolvimento da formação profissional e o desenvolvimento do associativismo agrícola, que «*poderá ser um dos meios mais eficazes de combater a excessiva fragmentação das explorações em várias regiões do País e de corrigir outros defeitos importantes da estrutura agrária nacional.*»

Por último, apresenta-se o desejo do Governo de promover uma política de incentivos tendente «*à melhor distribuição regional das actividades económicas, por forma que essas actividades venham a localizar-se sobretudo nas zonas menos desenvolvidas que apresentem maiores potencialidades de eficiência produtiva e crescimento rápido.*»

O TEXTO DA PROPOSTA DE LEI:

I

Autorização geral

Artigo 1.º É o Governo autorizado a arrecadar, em 1970, as contribuições, impostos e mais rendimentos do Estado e a obter os outros recursos indispensáveis á administração financeira, de harmonia com as normas legais aplicáveis, e a utilizar o seu produto no pagamento das despesas inscritas no Orçamento Geral do Estado respeitante ao mesmo ano.

Art. 2.º São igualmente autorizados os serviços autónomos e os que se regem por orçamentos cujas tabelas não estejam incluídas no Orçamento Geral do Estado a aplicar as receitas próprias na satisfação das suas despesas, constantes dos respectivos orçamentos, préviamente aprovados e visados.

II

Orientação geral da política económica e financeira

Art.º 3.º A política económica e financeira do Governo subordinar-se-á aos seguintes objectivos fundamentais:

a) Acelerar o ritmo da formação de capital fixo em empreendimentos de reconhecido interesse para o progresso da economia nacional;

b) Incentivar e apoiar as transformações das estruturas económicas e financeiras das empresas portuguesas, necessárias ao reforço da sua capacidade de concorrência em mercados progressivamente mais extensos e mais abertos;

c) Fomentar um melhor equilíbrio regional no processo de desenvolvimento da economia nacional;

d) Assegurar a manutenção da estabilidade financeira interna e da solvabilidade exterior da moeda portuguesa.

III

Política orçamental

Art. 4.º — 1. O Governo adoptará as providências exigidas pelo equilíbrio das contas publicas e pelo regular provimento da tesouraria, ficando autorizado a proceder á adaptação dos recursos ás necessidades, de modo a assegurar a integridade territorial do País e a intensificar o desenvolvimento económico e social de todas as suas parcelas, e poderá para esses fins reforçar rendimentos disponíveis ou criar novos recursos.

2. Para a consecução dos objectivos referidos no numero anterior, poderá o ministro das Finanças providenciar no sentido de reduzir, suspender ou condicionar as despesas do Estado e de entidades ou organismos por ele subsidiados ou comparticipados.

Art. 5.º As dotações globais do Orçamento Geral do Estado para execução do III Llano de Fomento não poderão ser aplicadas, no ano de 1970, sem o seu desenvolvimento e justificação em planos de trabalho devidamente aprovados e visados.

Art. 6.º Os serviços do Estado, autónomos ou não, as autarquias locais e as pessoas colectivas de utilidade publica administrativa, bem como os organismos de coordenação económica e os organismos corporativos, observarão na administração das suas verbas as normas de rigorosa economia que forem prescritas ao abrigo do artigo 4.º da presente lei.

Art. 7.º — 1. No ano de 1970 prosseguirão os estudos sobre o regime legal das taxas e outras contribuições especiais não escrituradas em receita do Estado, a cobrar pelos seus serviços ou pelos organismos de coordenação económica, com a finalidade de se determinar as que, com as correspondentes despesas, deverão transferir-se para o Orçamento Geral do Estado, em obediência aos princípios da unidade e universalidade orçamentais.

2. Prosseguirão também os trabalhos relativos á revisão do regime legal das taxas dos organismos corporativos.

3. Enquanto não forem revistos os regimes legais a que se referem os numeros anteriores, é vedada aos mencionados serviços e organismos a criação ou alteração de taxas e outras contribuições, sem expressa e prévia autorização do ministro das Finanças.

Art. 8.º No decurso de 1970 continuarão os estudos da nova classificação das contas de receitas e despesas publicas, segundo a natureza económica e funcional dos respectivos agrupamentos, por forma a poder iniciar-se, no ano de 1971, a sua aplicação em alguns dos sectores principais da administração publica.

Art. 9.º O Governo é autorizado a elevar, no decreto orçamental, o limite estabelecido para satisfazer necessidades de defesa militar, de harmonia com compromissos assumidos internacionalmente, podendo a dotação inscrita no Orçamento de 1970 ser reforçada com a importancia destinada aos mesmos fins e não despendida durante o ano de 1969.

IV

Política fiscal

Art. 10.º Fica o Governo autorizado:

a) Quanto ao imposto profissional:

I) A elevar até 30 000$ o limite de isenção dos rendimentos do trabalho;

II) A suprimir a tributação adicional sobre os rendimentos do trabalho provenientes de acumulação de actividades profissionais;

III) A elevar progressivamente até ao máximo de 15 por cento as taxas aplicáveis aos escalões de matéria colectável superior a 400 000$;

IV) A elevar até 5 por cento a taxa fixada no artigo 28.º do Código, para a tributação das comissões de angariação de seguros.

b) Quanto ao imposto de capitais:

I) A tributar à taxa de 10 por cento os rendimentos atribuídos ao uso de patentes, licenças, marcas, modelos e outros valores equiparados;

II) A elevar para 5,5 por cento a taxa do § 1.º do artigo 21.º do respectivo Código.

c) Quanto ao imposto complementar:

I) A alterar a progressividade das taxas da secção A até ao máximo de 55 por cento para o escalão de rendimento colectável superior a 1 500 00$, não devendo, porém, para os rendimentos colectáveis inferiores a 600 000$ resultar agravamento em relação às taxas e adicionais em vigor no ano de 1969;

II) A elevar até 24 por cento a taxa aplicável ao rendimento dos títulos ao portador não registados.

d) A modificar o sistema de taxas do imposto sobre as sucessões e doações, mantendo, todavia, inalteradas as que respeitam a transmissões de valor igual ou inferior a 1 milhão de escudos a favor de descendentes, ascendentes ou cônjuges, e promovendo, para as demais, um agravamento equitativo que não ultrapasse os 60 por cento nas transmissões entre estranhos de valor superior a 50 milhões de escudos.

Art. 11.º Durante o ano de 1970, observar-se-á, para todos os efeitos, na determinação do valor matricial dos prédios rústicos, o disposto no artigo 30.º do Código da Sisa e do Imposto sobre as Sucessões e Doações, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 41 969, de 24 de Novembro de 1958, salvo para os prédios inscritos em matrizes cadastrais entradas em vigor anteriormente a 1 de Janeiro de 1958, em relação aos quais se continuará a aplicar o factor 30, desde que os respectivos rendimentos não hajam sido revistos e actualizados.

Art. 12.º — 1. Fica o Governo autorizado a manter no ano de 1970 a cobrança do imposto extraordinário para a defesa e valorização do ultramar, que recairá sobre as pessoas singulares ou colectivas que exerçam actividades de natureza comercial ou industrial em regime de concessão de serviço público ou de exclusivo e, bem assim, sobre as que exerçam outras actividades a determinar pelo Governo, desde que beneficiem de qualquer privilégio ou de situação excepcional de mercado.

2. O imposto incidirá sobre os lucros revelados pelas contas dos resultados do exercício ou de ganhos e perdas relativos ao ano de 1969, e a sua taxa continuará a ser de 10 por cento, sem qualquer adicional ou outrora imposição.

3. Ficarão ùnicamente excluídas do imposto extraordinário as pessoas singulares ou colectivas cuja contribuição industrial, liquidada para cobrança no ano de 1970 ou que lhes competiria pagar nesse ano se não beneficiassem de isenção ou de qualquer dedução, seja inferior a 100 000$00 em verba principal.

4. O Governo continuará a diligenciar no sentido de introduzir as adaptações que se mostrem necessárias nos regimes de concessão de serviços públicos ou de exclusivo, em face da natureza extraordinária deste imposto.

Art. 13.º — 1. A fim de promover e apoiar a realização dos objectivos definidos no III Plano de Fomento e na presente lei, fica o Governo autorizado a conceder incentivos fiscais dos seguintes tipos:

a) Reduções ou isenções de direitos aduaneiros sobre a importação de determinadas matérias-primas e bens de equipamento;

b) Isenções ou abatimentos na contribuição industrial, através de suspensões ou reduções temporárias da respectiva taxa, da aceleração do regime de reintegrações e amortizações previsto na lei e da dedução, total ou parcial, na matéria colectável, do valor de determinados investimentos;

c) Isenções ou abatimentos na contribuição predial rústica, por formas semelhantes às indicadas na alínea precedente, tendo em atenção a natureza e matéria deste imposto;

d) Reduções ou isenções de sisa;

e) Deduções, totais ou parciais, ao rendimento colectável em imposto complementar, secção A, dos rendimentos auferidos em determinados empreendimentos.

2. Os incentivos fiscais a que se refere o número anterior serão concedidos apenas em casos de reconhecido interesse para a economia nacional e com as finalidades seguintes:

a) Reforçar a capacidade de concorrência das empresas portuguesas, tanto nos mercados nacionais como externamente;

b) Estimular os investimentos em empreendimentos mais directa e imediatamente reprodutivos;

c) Favorecer a reorganização de empresas e de sectores de actividade, inclusivamente apoiando a respectiva concentração quando se mostre aconselhável;

d) Fomentar a reestruturação das explorações fundiárias.

3. O Governo definirá em diploma regulamentar as formas e condições de concessão dos incentivos referidos no presente artigo.

Art. 14.º — 1. Durante o ano de 1970, o Governo:

a) Procederá à publicação dos diplomas legais referentes à reforma dos regimes tributários especiais e da tributação indirecta.

b) Completará a revisão do regime das isenções tributárias;

c) Continuará os trabalhos referentes à codificação das disposições legais em matéria de tributação directa sobre o rendimento, com vista a simplificar a técnica tributária, a reduzir ao mínimo possível as obrigações acessórias dos contribuintes e a estabelecer, como regra, o processo de declaração única de rendimentos;

d) Prosseguirá os estudos para a avaliação da capacidade tributária das fontes nacionais e a apreciação das suas relações com as cargas fiscal e parafiscal que actualmente suportam.

2. O Governo, no ano de 1970, completará a análise e revisão do capítulo do Orçamento Geral do Estado das receitas ordinárias «Taxas — Rendimentos de diversos serviços».

3. Até à adopção dos novos regimes previstos na alínea a) do n.º 1, são mantidos os adicionais referidos no artigo 5.º do Decreto n.º 46 091, de 22 de Dezembro de 1964.

Art. 15.º O Governo poderá negociar e celebrar as convenções internacionais necessárias para evitar a dupla tributação, a evasão e a fraude fiscal, bem como adoptar, para todo o território nacional, as providências adequadas àquelas finalidades e à harmonização dos sistemas tributários.

V

Critérios de prioridade das despesas

Art. 16.º As despesas dos diversos sectores do Orçamento Geral do Estado para 1970 terão a limitação dos recursos ordinários e extraordinários previstos para o referido exercício, de modo a ser rigorosamente respeitado o equilíbrio financeiro, e nelas se observará a seguinte ordem de precedência:

a) Encargos com a defesa nacional, nomeadamente os que visem à salvaguarda da integridade territorial da Nação;

b) Investimentos públicos previstos na parte prioritária do III Plano de Fomento;

c) Auxílio económico e financeiro às províncias ultramarinas, nas suas diferentes modalidades;

d) Outros investimentos de natureza económica, social e cultural.

VI

Política de investimento

Art. 17.º A fim de acelerar o ritmo de formação de capital fixo, o Governo, conforme as circunstâncias o justifiquem, e sempre que se reconheça interesse para o progresso da economia nacional, concederá adequados incentivos a empreendimentos privados, promoverá a participação do Estado ou de empresas públicas na criação de novas unidades produtivas ou, ainda, tomará a iniciativa da realização directa, pelo sector público, de outros empreendimentos.

Art. 18.º Os investimentos públicos serão constituídos, fundamentalmente, pelos indicados no programa de execução para 1970 do III Plano de Fomento. Na realização desses investimentos dever-se-ão ter em conta os objectivos

(Continua na página seguinte)

A PROPOSTA DA LEI DE MEIOS PARA 1970

(Continuação da pág. anterior)

de assegurar o nível de formação de capital fixo programado naquele Plano e de corrigir eventuais flutuações da conjuntura, tomando por base estudos técnico-económicos demonstrativos de que os investimentos em causa podem assegurar elevada rentabilidade aos recursos que neles se apliquem.

Art. 19.º Na elaboração e execução do Orçamento Geral do Estado para 1970 dar-se-á prioridade, em conformidade com o programa de execução do III Plano de Fomento, para o mesmo ano, aos investimentos a efectuar nos domínios seguintes:

a) Saúde pública;
b) Educação de base, formação profissional e investigação;
c) Infra-estruturas económicas e sociais de actividades agro-pecuárias;
d) Bem-estar das populações rurais;
e) Habitação social.

VII

Política económica sectorial

Art. 20.º Com vista à expansão da produção industrial e ao reforço da sua capacidade competitiva o Governo promoverá, nomeadamente:

a) A modificação do regime de condicionamento industrial, por forma a reduzir o seu âmbito e a introduzir maior flexibilidade nas regras da sua aplicação;

b) A conjugação dos incentivos fiscais com providências de outra natureza para a realização dos objectivos referidos na alínea c) do n.º 2 do artigo 13.º;

c) A informação e o apoio a investidores potenciais através quer da divulgação das oportunidades existentes e dos incentivos que se oferecem a novos empreendimentos industriais, quer da realização de estudos de viabilidade de projectos susceptíveis de dar contribuição útil para a instalação de novas indústrias ou para desenvolvimento ou reorganização de indústrias já instaladas;

d) A revisão das estruturas e formas de actividade das indústrias de base, a fim de, designadamente, proporcionar melhores condições de funcionamento aos sectores com elas relacionados.

Art. 21.º O Governo adoptará as seguintes providências, destinadas a contribuir para a redução dos custos dos circuitos internos de distribuição e para melhor organização da actividade exportadora:

a) Revisão das regulamentações sobre circuitos de distribuição, por forma a estimular a sua maior eficiência e a promover a sua mais racional organização;

b) Instalação de infra-estruturas de apoio ao sistema de armazenagem, conservação e comercialização de produtos alimentares importantes;

c) Revisão da legislação referente a preços e margens de lucro na distribuição;

d) Concessão de estímulos à constituição de agrupamentos de exportadores e à fusão de empresas exportadoras.

Art. 22.º A fim de acelerar a modernização da agricultura e de melhorar os rendimentos dela provenientes, o Governo providenciará no sentido de:

a) Promover a valorização dos produtos agrícolas através da sua adequada industrialização;

b) Fomentar mais rápido e perfeito aproveitamento dos regadios já instalados;

c) Estimular a reestruturação das explorações fundiárias, por forma a facilitar a adaptação progressiva da agricultura aos requisitos das modernas técnicas de exploração;

d) Desenvolver a formação profissional agrícola;

e) Estimular o associativismo agrícola.

VIII

Política regional

Art. 23.º De acordo com os objectivos de planeamento regional fixados no III Plano de Fomento, os investimentos em infra-estruturas económicas e sociais serão realizados tendo em vista as suas relações de complementaridade, as funções e hierarquia dos centros populacionais e o maior apoio que podem oferecer para a satisfação das necessidades dos habitantes de cada região.

Art. 24.º — 1. A fim de promover o melhor equilíbrio regional na expansão das actividades produtivas, fica o Governo autorizado a conceder os incentivos necessários para que estas actividades se distribuam pelas zonas do território que apresentem maiores potencialidades.

2. Compete ao Governo a definição dos incentivos, actividades produtivas e zonas territoriais a que se refere o número anterior.

Art. 25.º — 1. Os investimentos em melhoramentos rurais serão orientados por forma a difundir as necessárias infra-estruturas económicas e sociais.

2. Os auxílios financeiros, quer de origem orçamental, quer sob a forma de comparticipações do Fundo de Desemprego ou de subsídios e financiamentos de outra natureza, a conceder para investimentos em melhoramentos rurais, deverão obedecer, em regra, à seguinte escala de prioridade:

a) Vias de comunicação, especialmente as de acesso a povoações isoladas;

b) Electrificação, abastecimento de água e saneamento;

c) Construção de edifícios para fins assistenciais e sociais ou de casas de habitação, nos termos do Decreto-Lei n.º 34486, de 6 de Abril de 1945;

d) Outros empreendimentos destinados à valorização local e à elevação do nível de vida das populações.

IX

Política monetária e financeira

Art. 26.º — 1. Em conjugação com as providências de política económica prevista nesta lei, o Governo prosseguirá no aperfeiçoamento das condições orgânicas e de funcionamento dos mercados monetários, cambial e financeiro, publicando, para esse efeito, os diplomas necessários e adoptando outras medidas que julgue adequadas em face da evolução desses mercados e da conjuntura económica internacional.

2. Para realização dos objectivos previstos no número anterior, o Governo considera prioritário:

a) Estimular e apoiar a aplicação dos princípios estatuídos sobre crédito e seguro de crédito à exportação nacional e sobre crédito a médio prazo com regime especial;

b) Rever o regime do crédito agrícola e melhorar as condições do crédito industrial a médio e longo prazos;

c) Rever as disposições reguladoras das operações da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, em completamento da reorganização da sua orgânica;

d) Promover a constituição de novos estabelecimentos especiais de crédito e rever os regimes de actividade dos existentes;

e) Rever as condições de funcionamento de fundos públicos com carácter financeiro, a fim de, nomeadamente, aumentar a sua capacidade, de melhorar a sua actuação e de articular mais perfeitamente as suas operações com as das instituições de crédito;

f) Estimular a formação de poupanças e outros fundos capitalizáveis e fomentar a sua mobilização no financiamento de investimentos reprodutivos, nomeadamente incentivando a criação de novos títulos e outras formas de aplicação de fundos disponíveis;

g) Movimentar as disponibilidades do Tesouro, tendo em atenção as condições dos mercados do dinheiro e as necessidades de financiamento do fomento económico nacional.

Ministério das Finanças, 20 de Novembro de 1969. — O Ministro das Finanças, João Augusto Dias Rosas.»

SV 60R

À PRIMEIRA VISTA...

Por SÉRGIO RIBEIRO

A proposta de lei de meios para 1970, hoje tornada pública, é documento definidor. É desagradável a sensação (e a prova... no recorte) de estarmos a repetir coisas já escritas. Mas é inevitável, porque a proposta é definidora e é-o todos os anos!

O documento legislativo que autoriza o Governo a arrecadar as receitas e a utilizá-las no pagamento das despesas a inscrever no Orçamento Geral do Estado, e que resulta da proposta que o Governo apresenta à Assembleia Nacional e é acompanhada por parecer da Câmara Corporativa, apresenta-se, em alguns anos, justificando a maior espectativa.

No ano passado, havia uma situação em que se procuravam vislumbrar «novas» na definição da política orçamental a seguir neste ano que se aproxima do final. O binómio dúvida-continuidade ou evolução sintetizou a razão de ser da espectativa.

Se, durante 1969, se confirmou a interpretação que, a partir da proposta de lei tornada pública em final de 1968, apontava a continuidade como característica de maior peso, a proposta para 1970 pode suscitar mais hesitação.

Na verdade, o confronto entre o documento hoje publicado e os mais próximos anteriores dá largos motivos a essa hesitação, por aquilo que se vai encontrando de novo (digamos: de evolutivo) nas bases propostas.

Bem nos parece que o maior peso da característica evolutiva se reflecte, sobretudo, no aparecimento de novos títulos no articulado (política de investimento, política económica sectorial, política regional) e na redacção do art.º 3.º.

Claro que, como não podia deixar de ser claramente explicitado, essa evolução é bem balizada e os «critérios de prioridade das despesas» (título V — art.º 16.º em 1969, e título IV — art.º 15.º em 1968) mantém, palavra a palavra, que:

«as despesas dos diversos sectores do Orçamento Geral do Estado para 1969 terão a limitação dos recursos ordinários e extraordinários previstos para o referido exercício, de modo a ser rigorosamente respeitado o equilíbrio financeiro, *e nelas se observará a seguinte* ordem de precedência:

a) Encargos com a defesa nacional, *nomeadamente os que visam á salvaguarda da integridade territorial da Nação;*

b) *Investimentos públicos previstos na parte prioritária do III Plano de Fomento;*

c) *Auxílio económico e financeiro ás províncias ultramarinas, nas suas diferentes modalidades;*

d) *Outros investimentos de natureza económica, social e cultural.»*

(Sublinhados nossos — S. R.)

Tanto o novo art.º 3.º, como os artigos incluídos nos títulos novos marcaram uma clara intenção de intervencionismo, através da política económica, financeira e orçamental do Governo, no sentido de procurar dinamizar a economia nacional. O art.º 3.º «em vez de uma simples referência ás providências tendentes a assegurar a estabilidade financeira interna e a solvabilidade externa da moeda, como tem sido habitual, mencionam-se agora também no referido artigo as que se destinem a acelerar o ritmo da formação de capital fixo, a fomentar o maior equilíbrio regional no desenvolvimento da economia nacional e a estimular as transformações necessárias ao reforço da capacidade competitiva das empresas portuguesas perante a concorrência estrangeira.»

Aliás, como logo se escreve, «foi, ainda, de acordo com o mesmo critério que se incluiram capítulos, que nunca haviam aparecido nas leis de meios de anos anteriores, com disposições sobre a política económica sectorial e a política regional.»

Esta proposta é, como documento, *um passo no sentido de as leis de meios e os programas de execução anual dos Planos de Fomento se tornarem num documento único sistematizador de todas as grandes linhas da política económica nacional. E escrevemos que é um passo «como documento» pelas reservas que colocamos na aceitação desta evolução para além da necessidade inadiável de encarar problemas graves da situação portuguesa.*

É evidente que a leitura (em diagonal) de um documento de perto de 150 páginas, e a premência de alguma coisa dizer sobre elas, num pedaço de noite, não facilita uma arrumada análise. De qualquer modo, é curioso que o que sentimos é, sobretudo, limitação de espaço para tratar os problemas que a leitura dessas páginas (muitas passadas «em branco») foi suficiente para levantar.

Num plano de grandes linhas de ataque a problemas graves e prementes da nossa situação referimos a implícita preocupação pelos novos caminhos e nova participação nos movimentos de integração económica europeia, preocupação agravada pelo ritmo que se vai observando na formação de capital fixo, a revelar pouca «disposição» de iniciativa privada nas condições presentes; ainda num aspecto relacionado se dá importância ao problema do crédito a prazo, sobretudo no título da política monetária e financeira.

Na política sectorial não podemos deixar de referir que («para reforço da capacidade competitiva») se afirma a necessidade de rever o condicionamento industrial *e conjugar incentivos e estímulos, além da revisão das estruturas e formas da actividade das indústrias de base, o que parece significativo, sobretudo depois da transformação dos C. T. T. em empresa pública; no que respeita á* política comercial, *registamos a intenção de combater a alarmante subida de preços, através de providências visando os circuitos de comercialização; quanto á* política agrícola, *é de referir a afirmação de que a rigidez das estruturas fundiárias é um dos maiores, se não o maior, obstáculos ao desenvolvimento agrícola, logo nos deixando um pouco frustres por parecer que só existe metade de problemas, pois só se vislumbram medidas ao encontro do emparcelamento, do aumento da dimensão das empresas microfundiárias, da indivisibilidade das unidades, medidas voltadas para o Centro e Norte do País, em exclusivo.*

Não se poderia deixar sem referência a afirmada intenção da «política fiscal» conseguir melhor justiça social, o que tem expressão no art.º 10.º com a nova tributação proposta para os rendimentos do trabalho.

Voltamos a afirmar a expectativa como característica mais marcante. Mais do que em relação ao que será, efectivamente, a política a partir destas bases afirmadas, a discussão próxima, na Assembleia Nacional, merece atenção. A política efectiva, não obstante as linhas definidas, e os problemas com inadiável necessidade de medidas, terá o condicionalismo apertado do critério de prioridades inalterável e rígido. A discussão na Assembleia Nacional terá o aliciante de a revelar. É uma Assembleia que se quer apresentar como nova (mas não demais) e que tem, para começar, uma proposta de lei em que o Governo se propõe (poderia deixar de o fazer?) atacar os problemas da economia nacional, talvez em fase decisiva, pela sua gravidade intrínseca e ambiente de integração europeia em que se enquadram.

M/17 anos

Pavilhão dos Desportos

AMANHÃ
Às 21.45 H.

Luta Livre Americana

TARZAN TABORDA - Campeão de Portugal

E o incrível aconteceu, quando TARZAN TABORDA se apresentou à empresa, dizendo: «sei que as nossas relações não são boas. Sei, também, que, em situação normal, por nenhum dinheiro combateria. Mas, como fui agredido e «vexado» por um qualquer lutador chamado GALLARZA, não posso tomar outra atitude que não seja a de ceder aos meus impulsos e aceitar o «repto» do ex-campeão da Europa».

«E para provar a honestidade de um lutador que preza a honra e o respeito que deve ao público, aqui estou para combater com Gallarza, apenas pondo uma condição»:

«A de que o combate não terá limite de tempo, até se achar o vencedor, e que o mesmo seja dirigido pelo árbitro internacional, sr. Manuel Nunes.»

Após o conhecimento das palavras proferidas pelo grande campeão português, só há que dizer:

BRAVO, BRAVO, TARZAN TABORDA!

TARZAN TABORDA — GALLARZA

Um combate que dispensa adjectivos e no qual tudo pode acontecer!

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO: — ESGOTADA A LOTAÇÃO NA CASA, RESTAINDO APENAS ALGUNS BILHETES NA AGÊNCIA DOS RESTAURADORES.

AVISO: PARA ESTA SESSÃO NÃO HÁ QUALQUER ENTRADA DE FAVOR.

ESTE SENSACIONAL COMBATE NÃO SERÁ TELEVISIONADO

JÓIAS PARISIENSES
DE PIERRE ARPELS
NUM «COCKTAIL» NO RITZ

Chega em breve a Lisboa o joalheiro parisiense Pierre Arpels, da casa Van Cleef & Arpels, a fim de participar num «cocktail» em favor do Centro Infantil Helen Keller.

Alarga-se, deste modo, a campanha de generosidade que, num futuro próximo, dará ao Centro Helen Keller instalações próprias, devidamente apetrechadas para os seus nobres objectivos. Propriedade da Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira, a que preside o dr. Henrique Moutinho, o Centro foi criado para a integração social e pedagógica das crianças deficientes visuais, tendo obtido já ao longo da sua curta existência, resultados francamente animadores.

Durante o «cocktail», que se efectuará no dia 12 de Dezembro, nos salões do Hotel Ritz, entre as 18 e as 21 horas, será sorteada uma valiosa jóia, oferecida pela casa Van Cleef & Arpels para a subscrição aberta no «Diário de Notícias» em prol do Centro Helen Keller. Preço de cada entrada: 150$00.

Da Comissão de Honra, promotora desta iniciativa, fazem parte, além de madame Jacques Tiné, embaixatriz de França, e da senhora de Ouro Preto, embaixatriz do Brasil, as seguintes senhoras portuguesas: embaixatriz D. Vera Franco Nogueira, D. Margarida Fierro Caeiro da Matta, D. Maud Mendonça Queirós Pereira, D. Maria Amélia de Mello, D. Maria Luísa Pina Moutinho, D. Simone Correia Leite, D. Mary Espírito Santo Silva e D. Vera Espírito Santo Silva Ricciardi.

A pregadeira de ouro e brilhantes, oferecido pelos joalheiros Van Cleef & Arpels ao Centro Helen Keller

Sociedade Portuguesa de Parasitologia

Sob a presidência do prof. Silva Leitão reuniu a Sociedade Portuguesa de Parasitologia, tendo sido decidido organizar, no próximo ano, a efectivação das jornadas sobre Antropozoonoses Parasitárias, de excepcional importância para as classes Médica e Veterinária, pelas suas repercussões na Saúde Pública e na Pecuária do País.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Que tem o Dr. Felix Hoffmann a ver com os voos espaciais?
...Muito!

O seu maior sucesso deu-se após décadas: o Dr. Felix Hoffmann é o pai da Aspirina.

Os astronautas estão prontos para partir. Dentro de poucas horas inicia-se a viagem à Lua.

Os astronautas em acção. Coragem saber e ciência trabalham de mãos dadas na equipa da NASA.

O feliz regresso dos astronautas. O sensacional «ataque» ao Universo foi conseguido.

Descoberta, na Alemanha, pelo Dr. Felix Hoffmann, a Aspirina foi lançada no mercado nos começos do século XX. E conquistou o mundo. Hoje o espaço é conquistado... e a substância activa de Aspirina esteve presente, a mesma substância que o Dr. Hoffmann descobriu, há décadas, nos laboratórios da Bayer Leverkusen (Alemanha).

Se o Dr. Hoffmann tivesse sonhado...

O mundo inteiro sabe — **ASPIRINA®** é eficaz.

BAYER

Vai utilizar elevadores rápidos um hotel de 20 pisos que se constrói no Porto

A NECESSIDADE de uma maior rapidez de escoamento de tráfego — uma consequência da moderna construção em altura — leva, hoje em dia, à utilização de elevadores rápidos, accionados por motores de corrente contínua.

Sobretudo o acesso aos últimos pisos e o escoamento desejável e admissível nas horas de ponta exigem a utilização de elevadores que satisfizessem as necessidades do mercado utilizador.

É o que acontece, ao presente, com uma nova unidade hoteleira, na Rua do Bolhão, no Porto, notável empreendimento da SOGIN, SARL, que vem dar um novo impulso ao turismo na capital do norte.

Os quatro elevadores previstos têm um esmerado acabamento, estão preparados para a velocidade de 1,75 m/s, e são movimentados por motores de corrente contínua accionados por grupos Ward-Leonard comandados por tiristores. As portas são automáticas, de abertura central, e as cabinas possuem um requintado bom-gosto, ao mesmo tempo que se mostram extremamente funcionais graças aos pormenores técnicos que as integram.

O fornecimento destes elevadores foi confiado à EFACEC, a maior organização do País no ramo electrotécnico.

Diário do Porto

Câmara de Correctores de Vinhos e Aguardentes

A comissão executiva da Câmara de Correctores de Vinho e Aguardentes da Praça do Porto foi eleita para o exercício de 1970, ficando assim constituída: Domingos de Almeida Soares, presidente, Artur Vaz Osório, vice-presidente; Alfredo António Rodrigues e Camilo Pereira da Costa, respectivamente, 1.º e 2.º secretários; e Manuel Gomes Nogueira Júnior, tesoureiro.

Exposição filatélica

A Associação Recreativa «Aurora da Liberdade», de Matosinhos, para comemorar o «15.º Dia do Selo», promove nas suas instalações, de sábado a segunda-feira, uma mostra filatélica de divulgação inter-sócios.

Colhido por uma motorizada

Foi internado no Hospital de S. João o sr. Alcindo Martins de Sousa, de 50 anos, solteiro, trabalhador, da Foz do Sousa (Gondomar), que ali foi colhido por uma motrizada. Sofreu diversos ferimento pelo corpo.

Teatro amador

A Sociedade Musical 1 de Agosto, de Coimbrões (Gaia), vai apresentar, depois de amanhã e no domingo, o seu corpo cénico, presentemente dirigido e ensaiado pelo amador teatral, José Ferreira Mendonça.

Os espectáculos realizam-se pelas 21 e 30, no Salão Paroquial de Coimbrões.

Contrato Colectivo de Trabalho dos Motoristas

Para apreciar a situação criada pelo Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis que, até ao momento, não deu andamento ao pedido de alteração de algumas cláusulas do Contrato Colectivo de Trabalho, celebrado por aquele organismo e a Federação, reuniu a direcção da Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Motoristas. Está, atendendo á desatualização dos salários e á premente necessidade de criar uma tabela unica para todos os motoristas», e apoiada na confiança dos Sindicatos seus federados, que por delegação lha confiaram, e no desempenho das suas funções, tomou a iniciativa de pôr em execução o estabelecido no decreto-lei n.º 49 212, confiando á Corporação dos Transportes e Turismo a solução do problema.

Espectáculos para hoje

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Rite, ri-te» (17 anos).
ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «Mirandolina» (12 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30 «A chamada» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Sublime tentação» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Natacha» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Barbarela» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Repulsa» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «A lição particular» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «O cérebro» (12 anos).
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Soldado á chuva» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «O homem de Kiev» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A morte é mulher« (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «O homem da aventura» e «Raízes de vingança» (12 anos).
NUN'ÁLVARES — Às 21 e 30: «A vingança do condenado» (12 anos)
ODEON — Às 21 e 30: «Quatro dólares de vingança» (12 anos).
INE-GAIA — Às 21 e 30: «Ladrão roubado» (12 anos).

Amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «A chamada» (17 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Sublime tentação» (12 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «O incêndio de Moscovo» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Barbarela» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 15 e 30: «Repulsa» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «A lição particular» (17 anos).
BATALHA — Às 15 e 30: «O cérebro» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Kiowa» e «Sherlock Holmes e o colar da morte» (12 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «O homem de Kiev» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «A morte é mulher» (17 anos).
JÚLIO DINIS — Às 15 e 30: «Soldado á chuva» (12 anos).

Casamento do dia de Santa Catarina

No domingo, efectua-se, na Capela dos Alfaiates, o casamento da costureira Maria Cecília Marques Ribeiro com o sr. José Manuel da Costa — noivos do Dia de Santa Catarina.

Este ano é dado que a noiva trabalha na «Confiança», os donos daquele estabelecimento, srs Francisco Carvalho e Manuel Machado, ofereceram a boda, que nas instalações, da empresa, na Rua de Santa Catarina.

Centro de Reeducação de Crianças Diminuidas Mentais

Por motivos de ordem interna, a inauguração oficial do Centro de Reeducação da Associação de Pais e Amigos das Crianças Diminuidas Mentais, marcada para depois de amanhã, teve de ser adiada para os dias 12 e 13 do próximo mês.

Trânsito interrompido

A partir de amanhã e por um período de 60 dias, vão ser vedadas ao trânsito, por motivo de obras de beneficiação, as Ruas Dr. Pedro Dias e Júlio Ramos, esta última no troço compreendido entre o Largo do Campo Lindo e a Rua de S. Veríssim, tendo os moradores das referidas artérias acesso ás mesmas pelo Largo do Campo Lindo.

Dia de S. Adalberto Magno

Por iniciativa da Associação dos Engenheiros e Economistas Católicos do Porto, o Dia de S. Adalberto Magno, patrono daquela colectividade, é hoje comemorado com uma missa, ás 19 horas, na Sé Catedral, celebrada pelo Bispo do Porto.

Seguir-se-á um jantar-convívio, no Seminário de Teologia.

Farmácias de serviço esta noite (5.º turno)

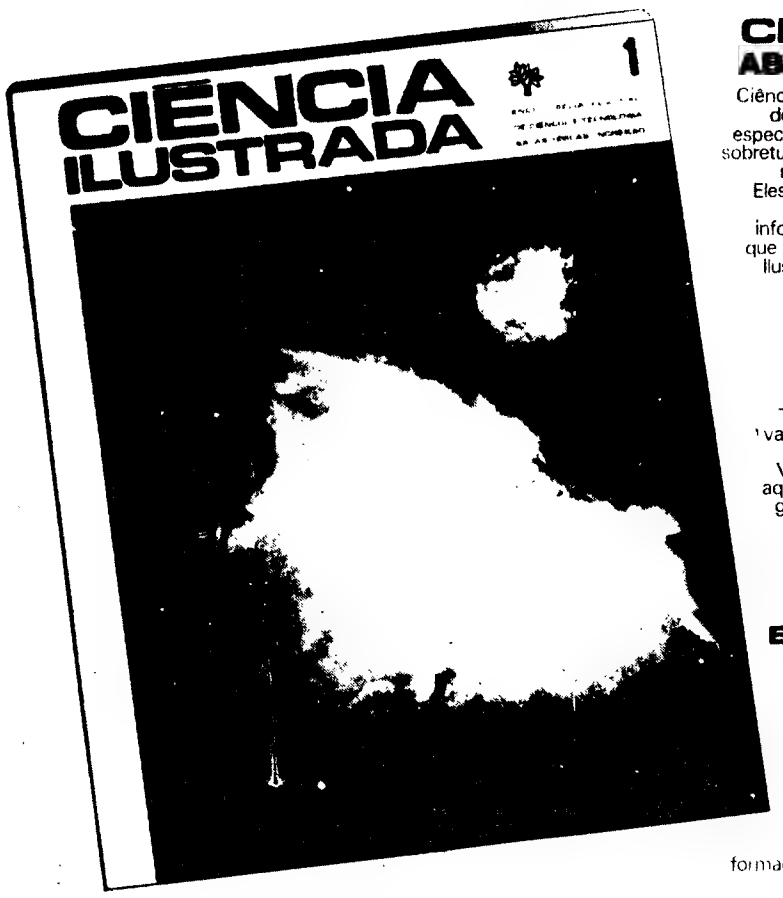
AMEAL, R. do Ameal, 1227 (Tel 43550) ✲ **BIRRA**, P. da Liberdade, 25 (Telef 20463) ✲ **COSTA LIMA**, Av. da Boavista, 885 (Telef 60606) ✲ **FALCÃO**, R. de Santo Ildefonso, 61 (Telef. 21566); **INVICTA**, R. do Bonfim, 330 (Telef 51212), **LAPA**, R. Antero de Quental, 215 (Telef. 40697) ✲ **MARTINHO SUCR.**, P. Marquês de Pombal, 122 (Telef 40747) ✲ **ORDEM DA TRINDADE**, R. da Trindade, 19 (Telef 27420) ✲ **RAMOS**, P. Exército Libert, 91 (Telef 64935) ✲ **SANTA TERESA**, P. G. Gomes Fernandes, 70 (Telef. 35713) ✲ **TERREIRO**, R. da Reboleira 2, (Telef 23576) ✲ **VAZ, TEIXEIRA SUC.**, R. do Heroísmo, 56 (Telef 5285) ✲ **VILARINHA**, R. da Vilarinha, 161 (Telf 682014) ✲ **NACIONAL**, R. Senhora da Luz, 156 — Fox (Telef 6808331

PREVISÃO DOS 50 ANOS FUTUROS:

Homem em Marte. Cura do Cancro. Cura de todas as doenças. $CO_2 + ar + H_2O + ES$ - alimentos sintéticos. Grátis a energia atómica. Transportes supersónicos. Mais tempo livre, maior possibilidade de escolha de emprego do tempo livre. Foguetões a 100.000 Kms. hora. Fim do motor a explosão. Novos metais. Nascimento sem parto. Ensino hipnopédico. Duplicação de pessoas: copias idênticas feitas em laboratório.

NO FUTURO SÓ TERÁ LUGAR AQUELE QUE SOUBER CIÊNCIAS:

PREPARE-SE.



CIÊNCIA ILUSTRADA ABRE O FUTURO PARA VOCÊ:

Ciência Ilustrada é o fruto de anos de trabalho de uma equipa de pesquisadores, cientistas especializados, técnicos, fotógrafos, redactores e, sobretudo, de homens profundamente integrados na evolução científica das ultimas décadas. Eles preocupam-se em pôr ao seu alcance, de uma forma nova, fàcilmente assimilável, as informações exactas sobre todos os assuntos que constituem o universo científico moderno. Ilustrações e legendas permitem uma clara e rápida compreensão do assunto, enquanto o texto o leva a aprofundar, todos os pormenores.

Química, física, biologia, astronomia, tecnologia: tudo!

Todas as semanas Ciência Ilustrada aborda variada série de assuntos científicos, inclusive técnicas de observação e experimentação. Você poderá estudar todos eles ou apenas aqueles de seu maior interesse, mas sempre ganhará uma visão geral do que há de mais actual em todas as ciências. Será uma inestimável contribuição para a sua cultura e um complemento valioso dos estudos que estiver a realizar simultâneamente.

Este é o primeiro fascículo. É o começo de uma enciclopédia científica de 13 volumes.

Do dia 18 de novembro em diante, leia e coleccione todas as semanas Ciência Ilustrada. Em pouco tempo você terá uma importantíssima obra de 5.500 páginas, 11 volumes de enciclopédia científica e mais 2 volumes — "História dos Tres Reinos da Natureza", formada pela colecção das capas dos fascículos.

GRÁTIS: Juntamente com o primeiro número, você receberá um fascículo adicional: "O homem descobre o mundo" — fascinante incursão às fronteiras do conhecimento humano.

CIÊNCIA ILUSTRADA
32 páginas, o dobro de um fascículo normal, por apenas Esc. 30$00, em todas as livrarias e tabacarias do país, terça-feira dia 18 de novembro.

ABRIL CULTURAL

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

É convocada a Assembleia Geral do Banco Português do Atlântico, S. A. R. L., para reunir em sessão extraordinária, na respectiva Sede Social, á praça D. João I, n.º 28, na cidade do Porto, no dia 13 de Dezembro de 1969, pelas 11 horas, com a seguinte

ORDEM DO DIA

— Deliberar acerca da elevação do Capital Social de 600 000 para 760 000 contos, por subscrição de 160 000 acções do valor nominal de 1000$00 cada, a emitir nos termos que forem fixados pela Assembleia Geral ao abrigo do art.º 5.º dos Estatutos.

Lisboa, 24 de Novembro de 1969.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Dr. Tito Castelo Branco Arantes

UM ANTIGO PILOTO DA R.A.F. NO JÚRI DE «A BATALHA DE INGLATERRA»

Um ex-piloto da R. A. F. e um maestro e compositor foram as figuras centrais da reunião do juri de «A Batalha de Inglaterra», ontem realizada no Cinema S. Jorge diante de quase uma centena de «kits».

gumas horas com um homem da famosa Esquadrilha n.º 139, que fez a guerra desde o principio.

Na reunião participaram também os srs. Silva Pinto, da Rank Filmes de Portugal, Francisco Duarte, do Cinema S. Jorge, e dr. Luis Feist, da representação «Frog» em Portugal, e ainda o nosso camarada de redacção Fernando Assis Pacheco.

Depois de uma primeira eliminatória, que obrigou a pôr de parte várias dezenas de «kits» bem trabalhados, mas com pequenos defeitos de pintura ou cronológicamente incorrectos (a camuflagem de tal avião, por exemplo, não estava certa), foram seleccionados cerca de trinta, realmente os melhores. Sobre esses pesou a decisão final do juri, a anunciar pelo «Diário de Lisboa» no próximo dia 30.

O júri de «A Batalha de Inglaterra» trabalhou várias horas na apreciação de quase uma centena de pequenos aviões

Para o sr. J. P. Michell, director da B. E. A. em Portugal, terá sido um prazer travar conhecimento com o maestro Wolmar Silva, verdadeira autoridade nacional na construção de aviões miniaturizados. Entretanto, o português apreciou bastante conviver durante al-

Como curiosidade aponte-se que a média de idades dos concorrentes ficou fixada na casa dos 28, 29 anos. Poucos adolescentes no concurso, em comparação com os homens nascidos entre 1937 e 1950, o que não deixou de ser surpresa. Apareceram também três concorrentes do sexo feminino: Lucinda Isabel Jesus Valente Santos Souto, de 29 anos (Lisboa), Brigitte Bigot, 22 anos (Estoril) e Maria Luísa Dinis de Almeida, 18 anos (Lisboa).

Como se sabe, o vencedor deste original concurso — cujo nome será revelado no final da semana — é convidado da B. E. A. para uma viagem a Londres com estadia de seis dias na capital britanica, podendo fazer-se acompanhar de um familiar ou amigo. Dois prémios num só: a B. E. A. não quis fazer a coisa por menos.

ESTÁ EM LISBOA O PROF. ALFRED SAUVY

Um ex-piloto da R. A. F. Chegou, esta tarde, a Lisboa o prof. Alfred Sauvy, professor do *Collège de France*, e uma das maiores autoridades mundiais em Demografia.

Autor de uma vasta bibliografia sobre assuntos da sua especialidade e sobre temas sócio-económicos, colaborador regular de revistas e jornais, entre os quais «Le Monde», bem conhecidos e categorizados, o prof. Sauvy é um nome internacionalmente respeitado e que goza no nosso País de grande prestígio. Por todas estas razões, as conferências que entre nós vem pronunciar estão a despertar o maior interesse.

O prof. Alfred Sauvy falará, amanhã, na Associação de estudantes do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, sobre «Consequências políticas e sociais do desenvolvimento dos povos do Terceiro Mundo».

No domingo irá ao Porto falar na Cooperativa Confronto, sob «o Mercado Comum», intervindo a 1 de Dezembro, na mesma cidade, numa mesa-redonda em que participam vários economistas e sociólogos portugueses, sobre «Perspectivas de integração europeia».

No dia 2 o prof. Sauvy faz duas conferências em Lisboa: uma ás 18 e 30, para a Associação de Planeamento Familiar sob o tema de Demografia; outra, ás 21 e 30, na S. N. B. A. e em organização do Sindicato Nacional dos Arquitectos, sobre «O aproveitamento do solo urbano».

Para qualquer destas sessões a entrada é livre.

ESCOLA MARQUESA DE ALORNA

A poetisa Matilde Rosa Araujo estará presente na Escola Preparatória Marquesa de Alorna, no sábado, ás 11 e 30, e falará ás alunas daquelle estabelecimento, durante a sessão cultural que lhes é destinada, focando o tema «Momento de poesia».

NOVIDADES TÉCNICAS

Por iniciativa da firma Telemec, a sua associada francesa «La Télémécanique Électrique», importante empresa construtora de aparelhagem eléctrica industrial, enviou ao nosso país um camião expositor do seu material.

Além das últimas criações em aparelhos destinados ao comando e à protecção de motores e de circuitos eléctricos, computadores industriais, etc., expõe também as canalizações eléctricas pré-fabricadas «Canalis». - Este tipo de instalação eléctrica, cuja aplicação tem sido largamente apreciada em Portugal Continental e Ultramarino, deve a sua grande expansão à forma original da sua concepção, donde resultam grandes vantagens para o industrial, quer sob o ponto de vista económico e funcional, quer ainda sob o ponto de vista de segurança e rapidez na montagem.

ofereça
aos amigos,
clientes,
representantes,
residentes no
estrangeiro,
vinhos
do porto
madeira
de mesa

gifts

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
Rua do Alecrim, 73, Lisboa
Telefones - 320031/2/3/4
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
Rua do Bonjardim, 420, Porto
Tel. 26562-32228-35221-37222

ECOS

INFORMARAM as agências noticiosas que o célebre futebolista brasileiro Pelé vai receber, em homenagem ao seu autêntico talento futebolístico, uma coroa de ouro, com pedras de ónix, avaliada em cinquenta mil cruzeiros novos. Pormenor saborosamente ridículo e posto em destaque pela Imprensa: esta jóia fabulosa provém da mesma joalharia que fez a coroa do imperador D. Pedro II. Ocorre perguntar como reagirá o próprio Pelé a esta «carnavalada», que afinal só o diminui, a menos que se leve o caso para o domínio do **nonsens**, para o que teríamos de considerar o Brasil como um país autêntica, ingénua e maravilhosamente surrealista.

*

A crise da agricultura está a atingir em França um ponto áugico. Durante anos, mais de dez, os pequenos lavradores foram incitados pelo Governo a modernizar a sua utensilagem, a dar o maior esforço à expansão agrária. Agora, sùbitamente, prevê-se que os excedentes agrícolas não poder ser canalizados para uma exportação carente e a palavra de ordem é travar o crédito, reduzir as superfícies cultivadas. O prof. Georges Vedel, responsável pelo estudo científico que conduziu à ideia da quase inutilidade da agricultura dentro de quinze anos — em termos caricaturais — acha que até 1985 cinco de cada seis agricultores deverão abandonar a terra, de acordo com a inserção da lavoura na sociedade industrial. Entretanto, sobem os preços do leite e da carne de vaca. Mas os tomates começam, não obstante, a atingir rostos augustos. Os sindicatos agrícolas manifestam-se. Três agricultores do Loire atlântico são presos e julgados. A F. N. S. E. A. exige a sua libertação e 800 delegados da Federação Geral Agrícola, representando 800 000 salariados agrícolas, fazem coro com ela, enquanto estudantes e operários alinham, no Loire, com os agricultores. O **Express** chama, no entanto, a atenção para o facto de o Estado ir conceder aos camponeses no próximo ano uma ajuda de 14 biliões de francos novos.

*

SEGUNDO o pensamento do grande sociólogo americano Galbraith, os meios adequados para a realização da sociedade da abundância e do tempo livre exigem antes de mais uma maior igualização económica, já que a extensão da automatização impõe um nível mais elevado de instrução para uma parte muito considerável da população. Numa sociedade onde o essencial do trabalho consistirá no «contrôle» técnico de máquinas e em actividades administrativas, especializadas e culturais, na planificação científica e na ordenação de conjuntos da economia, não há possibilidade (ou não deve haver) de grandes diferenças entre os vencimentos como os que se verificam hoje nos Estados Unidos entre uma minoria, com formação de alto nível, e os operários especializados ou semi-especializados.

CONSELHO INTERNACIONAL DE AUTORES LITERÁRIOS

Regressou de Paris, onde participou nas reuniões do Conselho Internacional de Autores Literários da CISAC (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores) e da Comissão Jurídica e de Legislação do mesmo organismo internacional, presididas respectivamente pela escritora italiana Alba de Cespedes e pelo grande jurista Valério De Sanctis, o escritor, dramaturgo e advogado dr. Luiz Francisco Rebello, secretário-geral da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses.

O dr. Luiz Francisco Rebello fez naquelas reuniões uma circunstanciada exposição acerca da legislação portuguesa sobre direito de autor e interveio nos debates que se seguiram á apresentação das restantes comunicações, entre as quais se salienta, pela sua particular importância, as de Roger Fernay, vice-presidente do Sindicato Internacional dos Escritores, sobre a evolução do direito de autor.

O disco: um presente cada vez mais em moda

AS JÓIAS, AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
FUNDADA EM 1870
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Gravemente ferido num acidente

SETUBAL, 27 — Teve de ser transportado para Lisboa, devido á gravidade do seu estado, o sr. Fortunato Marcelino Quintas, residente no sítio das Curvas, que, quando guiava a sua motoreta, embateu de frente num autocarro dos transportes urbanos.

NATAL: PRODUÇÃO E CONSUMO

QUARENTA MIL CRO NUMA SÓ CASA DE LIS

O Pai Natal, solitário, em frente da loja de brinquedos, os cromos e os fios de ouro expostos já nalgumas montras — o comércio de Lisboa prepara-se para mais um Natal. Enredado nos circuitos do lucro e da oportunidade, o carácter da festa perde-se. Vender. Vender o máximo. Consumir. Prendas, cartões de boas-festas, «confetti», árvores de Natal, verduras, venturas, amarguras. É preciso é trocar, consumir, lucrar. É preciso é inventar novos meios de interessar, novos motivos de gula, novas formas de atrair. Novas maneiras de recuperar o décimo terceiro mês,

40 000 cromos para venda numa papelaria

Com mais de um mês de antecedência, o comércio de Lisboa começou a preparar-se para o Natal. Um dos ramos onde essa preparação mais cedo se inicia é o das papelarias. Cromos, fios de prata, motivos decorativos, tudo se encontra já á venda, em profusão, nas papelarias de Lisboa Numa delas (a papelaria da Moda) o gerente, sr. Serafim Nogueira, utilizou os seus quarenta anos de experiência para evocar as diferenças profundas existentes entre o Natal de hoje e o Natal do seu tempo:

— *Antigamente, quando eu comecei a trabalhar na casa, o Natal era muito mais sossegado. Vendiam-se objectos para oferta, tal como hoje, mas era tudo bastante diferente. Os cromos tinham a ingenuidade do grafismo daquele tempo. Os clientes compravam canetas de madeira e aparo substituível, tinteiros artísticos, pesa-papéis, daqueles que hoje têm tanta procura, etc. Hoje, vendemos canetas Parker (um dos presentes mais usuais) jogos de faca e tesoura para escritório, albuns, caixas de lápis de cor, conjuntos de secretária, pastas de couro. E, é claro, vende-se muito mais. Há quarenta anos não fazíamos nem cinquenta por cento do negócio que actualmente fazemos.*

Material que a papelaria da Moda se prepara para vender durante a quadra natalícia: 30 000 a 40 000 cromos, 7500 metros de fio prateado, centenas de bolas decorativas (umas de vidro, outras de plástico, as mais modernas).

— *Os cromos são fabricados em Portugal* — diz o sr. Serafim Nogueira.— *Há dois ou três fabricantes. Quanto ás bolas para a árvore de Natal e o fio prateado vêm da França, da Itália e da Espanha.*

Discos: Beatles, Jane Birkin e Joe Dolan

Beatles (novo Album), Jane Birkin (Je t'aime; mod non plus) e Joe Dolan (Make me an Island) são os grandes sucessos do disco que a Discoteca Universal se prepara para vender em grande durante a quadra natalícia. Fala o encarregado do estabelecimento, José Alves Pereira:

— *No Natal vendemos sempre muito mais que no resto do ano. O disco é cada vez mais procurado como objecto de oferta. Há 13 anos que usamos um método que nos tem dado numerosos clientes: o cheque-disco. Por este processo qualquer pessoa pode adquirir aqui um cheque, mediante o qual, a pessoa a quem o oferece pode escolher um disco á sua vontade. Desta maneira se evita que o cliente adquira para oferecer um disco que exista já na discoteca do obsequiado.*

— Que género de discos se vendem mais?

— *Habitualmente, musica ligeira. A camada jovem é a melhor representada entre a clientela. Na quadra do Natal, a situação altera-se um pouco. Aparecem clientes novos e muitos compram musica sinfónica. Um disco de musica para oferecer a chefes e pessoas de posição superior...) custa á volta de 215$00. Por outro lado, o cliente que aparece no Natal revela-se, em regra, menos escrupuloso na selecção: enquanto o cliente habitual ouve, ás vezes, durante muito tempo, vários discos, até se decidir, o cliente desta quadra é muito apressado e efectua a sua compra muito mais rápid gam se m coisa*

«O cheque-disco é um útil brinde de Natal»

tão dificilmente atribuido. E é rado, cromos prateados, fios que como no teatro, tudo tri e na como no carnaval. Esta ...etória zinho: «Naquele dia de Natal eu que havia para o almoço e ela di e um bocado de toucinho Mas á uma camioneta de madeira e trou matou a galinha. E durante o jan poder continuar a contar com o o oferecia».

A prepa coraç to. U dos o ranjo resto pelos

— *que tempo* mina reira.

Mu gas —

de u

Em ali r Pai N do, lo e bot to pa ças.

— C — A — A — A

O barba

QUEM TEM MEDO DAS C

O Pai Natal tem uma missã orupulosamente: falar com as gam-se para ao pé de si, e ele, esteja cansado, farto de conv chegar a casa, sentar-se numa (lembrem-se que é um dia inte que afivelar o sorriso misterios pelas barbas, e fazer uma daque tas que é uso fazer ás crianças Pai Natal perguntou um dia a pazinho que lhe apertava a má

— Então o menino porta-se

— Eu porto — **foi a resposta porta bem é o meu avô, que ch bêbado...**

Quem tem medo das crianças

Se V. não gos
não queira c
Ele obriga-o
a mudar de o
2 e 4 porta
Ford á fre
Ford
A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESS

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

MO — 1

OMOS ISBOA

. E é comprar papel dou-os que luzem — tudo falso na sua forçada euforia, etória contou-me um rapa-

atal eu perguntei á mãe o ela disse que só havia pão Mas á noite o pai trouxe-me e trouxe laranjas, e a mãe e o jantar lamentámos não om o ovo diário que ela nos

rápidamente. Alguns chegam mesmo a pedir: «Veja se me arranja aí qualquer coisa para oferecer»...

A Discoteca Universal prepara activamente a decoração do estabelecimento. Um decorador vem todos os Natais dirigir o arranjo da montra, que no resto do ano é decorada pelos empregados.

— *As vendas são tantas que ás vezes nem temos tempo para almoçar* — termina o sr. José Alves Pereira.

Musica, a quanto obrigas — dizemos nós...

História triste de um alegre Pai Natal

Em frente do «Pinóquio», ali nos Restauradores, o Pai Natal de fato encarnado, longas barbas brancas e botas altas, já está pronto para receber as crianças.

— Como se chama?
— *António...*
— António, só?
— *António Joaquim...*

O rosto escondido pelas barbas, o Pai Natal não está disposto a revelar a sua identidade. É, quem sabe, um desses homens com quem todos os dias nos cruzamos na rua.

— *Trabalho num armazém, como carregador. Há dezoito anos que faço de Pai Natal. Gosto disto. Gosto de conviver com crianças.*

— Que idade tem?
— *Cinquenta e cinco.*
— Tem filhos?
— *Não senhor.*
— Netos?
— *Também não.*
— Nunca teve filhos?
— *Tive uma menina. Uma menina que morreu aos três anos...*

Dia triste. Céu de Inverno. O cartaz do Condes anuncia: «Lição Particular», sexo, amor, violência.

DAS CRIANÇAS?...

a missão que cumpre es-m as crianças. Elas che-e ele, então, mesmo que conversas, desejoso de numa cadeira, descansar dia inteiro em pé...) tem isterioso, meio escondido daquelas perguntas idio-rianças. Foi assim que o dia a um espevitado ra-a a mão:

rta-se bem, lá em casa? **esposta. — Quem não se que chega todos os dias**

rianças?...

Canetas, tinteiros, estojos: os escritórios também serão renovados no Natal

«Faz falta um ensino médio e superior de publicidade»

— afirmou Jorge Rodrigues no almoço comemorativo da exposição dos Prémios Rizzoli

A importância da publicidade na vida nacional foi reconhecida pelo secretário de Estado da Informação e posta em relevo por outros oradores durante o almoço comemorativo da exposição em Portugal de trabalhos galardoados pelo «Prémio Europeu Rizzoli» em 1969. Durante o almoço o dr. Jorge Rodrigues, director da Latina, anunciou que está em vias de preparação «um plano de estudos que constituirá na melhor das hipóteses o núcleo de uma futura Escola Superior de Publicidade e Relações Públicas».

Na reunião participaram, além do dr. César Moreira Baptista e dos seus mais próximos colaboradores, o representante do Prémio Rizzoli, dr. Ernesto Padova, dirigentes e figuras destacadas dos órgãos de informação [illegible] e organismo corporativos e outras instituições de algum modo ligadas á Informação em geral e á Publicidade em particular, os representantes das empresas para as quais foram realizadas os três trabalhos portugueses distinguidos, dirigentes da maioria das empresas de publicidade portuguesa, etc.

Na mesa de honra que presidiu ao banquete sentaram-se o secretário de Estado da Informação, que tinha á sua direita o dr. Giuseppe Cerulli Irelli, embaixador da Itália em Portugal; o dr. Guilherme Pereira da Rosa, presidente do Grémio da Imprensa Diária e o dr. Augusto de Sá Viana Rebello, presidente da Corporação da Indústria; e á sua esquerda o embaixador prof. Martinho Nobre de Mello, o dr. Ernesto Padova, representante da Organização do Prémio Rizzoli e o dr. Luís Borges de Castro, presidente da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas. Nas cabeceiras viam-se, ainda, á direita, o dr. Clemente Rogeiro, director-geral da Informação e o dr. Soldari Allegro, presidente da Emissora Nacional; e á esquerda o eng.º Álvaro Roquete, director-geral do Turismo, e o dr Ramiro Valadão, presidente da R T. P.

A entrega dos galardões

Após o almoço usou da palavra em primeiro lugar o dr. Ernesto Padova.

— *É com imensa alegria* — disse — *que venho trazer-vos as saudações do editor Rizzoli, agradecer á Agência Belarte por ter organizado esta manifestação e apresentar os nossos cumprimentos de felicitação [illegible] Latina e Êxito, que obtiveram as «Prensas de Prata», do 7.º Prémio Europeu Rizzoli para os melhores anúncios publicados na Imprensa portuguesa em 1968.*

Depois de [illegible] a publicidade no mundo moderno, o dr. Ernesto Padova declarou:

— *A publicidade, esta amálgama de artes e de técnicas em vista de desenvolver a venda de um produto, de um serviço, de uma ideia, não escapa a esta sede de novidade nem a esta luta. E é lógico que um sector tão vivo como a publicidade, obrigado continuamente a evoluir se não quer desaparecer rápidamente, sinta a urgência de um aperfeiçoamento constante do seu nível profissional.*

Um dos meios para atingir este aperfeiçoamento e permitir esta evolução, consiste em confrontar as próprias ideias, as próprias técnicas, as próprias experiências, com outros profissionais do mesmo sector. E quanto mais vastos e internacionais, tanto mais válidos e uteis serão os contactos.

Nas Edições Rizzoli acredita-se que um concurso europeu entre agências publicitárias pode ser um instrumento util para dar a conhecer a grande numero de profissionais dos diferentes sectores que constituem a actividade publicitária, as ideias elaboradas pelas Agências de todos os países da Europa.

Isto deveria incitar as Agências de Publicidade a criar anuncios cada vez mais válidos, mais originais, abandonando formas tradicionalistas, aperfeiçoando a técnica da comunicação; esta vasta troca de ideias, de experiências, de informações, traz indubitávelmente consigo um progresso mais rápido e uma qualidade superior.

Seguidamente, o orador

(Continua na 19.ª página)

COMEÇOU O JULGAMENTO DO AUTOR DO ASSASSÍNIO NA CIDADE UNIVERSITÁRIA

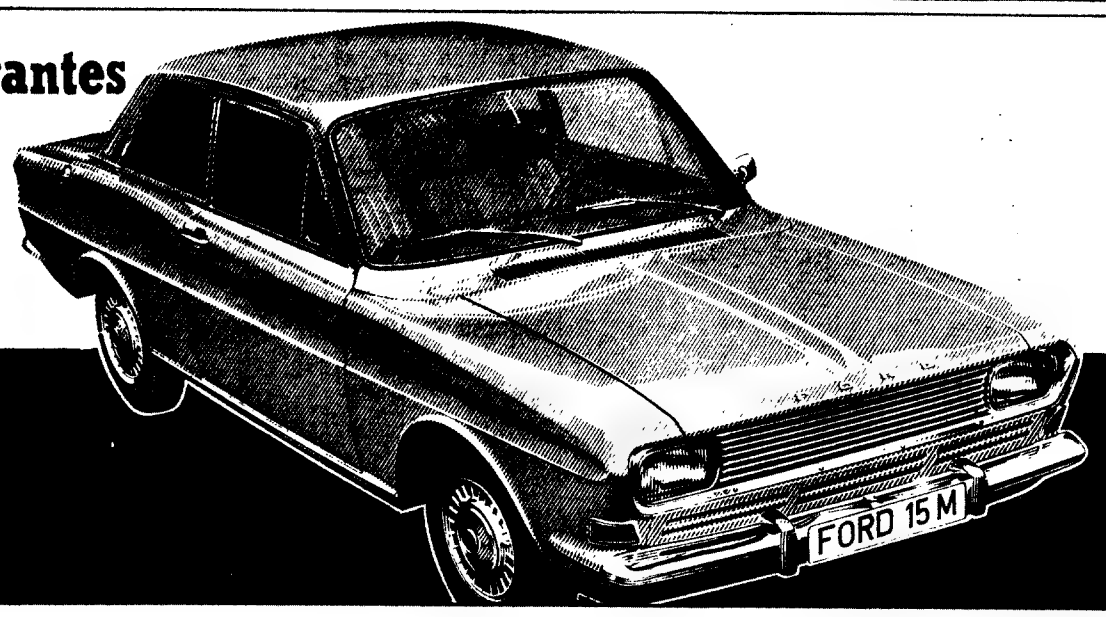
No 2.º Tribunal Militar Territorial, em Santa Clara, sob a presidência do coronel António Joaquim Alves Monteiro, começou esta tarde o importante julgamento referente a Belchior Monforte Pinho, de 36 anos, casado, natural de Roriz, concelho de Chaves, ajudante de motorista autor de um crime de homicídio voluntário praticado numa mata de arbustos a pequena distância da Cidade Universitária na tarde de 26 de Outubro do ano passado. A vítima foi Salvador dos Santos Ginjeira, de 44 anos, casado, ajudante de motorista, natural de Alcochete e residente em Lisboa, atingido á queima-roupa com dois tiros de pistola, depois de ter sido agredido a pontapé. O ofendido veio a falecer, dois dias depois, no Hospital de Santa Maria.

O criminoso fugiu, como se noticiou na altura, apresentando-se ás autoridades mais tarde. Nunca foi possível determinar o móbil do crime. Durante a instrução preparatória, o Belchior apresentou várias versões, as quais, segundo parecer do promotor de justiça, se contrariam, tudo levando á suposição de que ele agiu com malvadez e perversão.

Militam contra o réu uso e porte de arma proibida, as ofensas anteriores ao assassinato, o lugar ermo em que foi cometido o crime, a sucessão e a acumulação. Na discussão deste pleito devem ser inquiridos três declarantes, igual numero de testemunhas de acusação e dez de defesa. É patrono do réu o dr Luiz Vareta Cid.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

gosta de carros arrogantes
a conhecer o 15 M XL
-o
le opinião



portas
frente

CIESA-NCK 15-69

CONCESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA
STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 68 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71 10 66 • LINCURI Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91

CHOCOLATES TAGOL
BARREIRO - LISBOA - OUTELO

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Actualidade internacional

A contestação no PCI durou apenas alguns meses

ROMA, 27 — (F. P.) — Só durou alguns meses a contestação dentro do Partido Comunista Italiano. Com efeito, ao excluir na quarta-feira a sr.ª Rossana Rossandra (ex-deputada, ex-responsável pelos serviços culturais), Luigi Pintor e Aldo Natoli (deputados), acusados de haverem manifestado o seu desacordo com a linha oficial do partido na revista «Il Manifesto», a Comissão Central reafirmou o imperativo absoluto da disciplina contra as tentativas de fraccionamento.

Era profundo o desacordo entre «Il manifesto» e os dirigentes do P. C. I. Os contestadores censuravam o partido por haver perdido todo o dinamismo revolucionário, por ser dominado pela burocracia e pelo parlamentarismo, por se haver separado das suas origens — classes operária e camponesa —, por desprezar o marxismo-leninismo e a realidade do proletariado e do subproletariado italiano. Do lado oficial, eram acusados de enfraquecerem o partido com críticas e iniciativas aventureiras e penetradas de intelectualismo.

A decisão de eliminar do partido os três contestadores põe termo à disputa. Mas os que contavam com a democratização do P. C. I. terão ficado desiludidos.

Democracia e revolução no México

1

O México é o exemplo de uma sociedade politicamente integrada.

As diferenças e as tensões de ordem social são profundas (entre etnias, entre classes, entre a cidade e os campos) mas o aparelho de Estado não as reflecte: um partido unico (ou quase unico), um regime presidencialista, um sindicalismo unico, moldaram, para este país, uma face política impecável, geométrica, ordeira.

A revolução das duas primeiras décadas deste século (de implantação social camponesa e ideológicamente pequeno-burguesa) destruiu os modos de produção herdados do período colonial e do Império azteca. «Nada vai muito bem no México» — *escreveu Octávio Paz em* «Labirinto e Solidão» — «mas pelo menos o regime feudal foi eliminado».

Nada vai muito bem:

— A revolução gerou um aparelho de Estado autoritário;

— As novas classes dirigentes (a burguesia e a burocracia «nacionais» e revolucionárias») apossaram-se das rédeas desse aparelho;

— o país real, as novas linhas de fractura sociais, a sociedade civil mexicana, foram progressivamente ofuscados por uma cortina política que continuava a reclamar-se da revolução e da democracia;

— os levantamentos do Verão de 68 foram concludentes sobre até que ponto, no México, o político se esforça por não reflectir o social: a revolução continua a existir no país de Montezuma — mas para além do Partido Revolucionário Institucional (no poder) e até contra ele.

2

O presidente dos Estados Unidos do México detém o poder executivo. Parlamentarmente, é apoiado pelo P. R. I., frente política criada em 1929 e que, desde então, governa a Republica. Cento e setenta dos 176 actuais deputados foram propostos pelo P. R. I.; todos os presidentes, inclusivamente o actual, foram propostos pelo P. R. I.; o actual ministro da Governação, Luis Echeverria, é o candidato do P. R. I. á eleição presidencial de 70 — e é já considerado eleito...

A Oposição é formada pelo Partido da Acção Nacional (movimento conservador e democrata-cristão), pelo Partido Autêntico da Revolução Mexicana (que enquadra os revolucionários intransigentes e incondicionais) e pelo Partido Popular Socialista (esquerda sindicalista). De todos, só o P. A. N. logrou prosseguir uma actividade de política sistemática; os seus recentes sucessos pré-eleitorais na corrida ao cargo de governador de Yucatan conduziram á intervenção militar nas assembleias de voto de Mérida em 24 deste mês...

O Partido Comunista não existe legalmente. Não é proibido mas, de acordo com a lei, o seu reconhecimento oficial só seria possivel após uma petição com 30 000 assinaturas — até hoje impossiveis de obter. «É evidente que, se as obtivesse, o Congresso votaria uma lei elevando esse numero para 50 000». — *dizia irónicamente ao «Figaro», em 1963, um militante das esquerdas.*

A impotência política da Oposição mexicana, as suas hesitações, o seu legalismo, ficaram suficientemente documentados nos levantamentos do Verão de 68. Também ao nível da Oposição, o político, no México, esforça-se por não reflectir o social.

AMADEU LOPES SABINO

Recontros na fronteira da Arábia Saudita com o Yémen do Sul

ADEN, 27 — (R.) — O Ministério da Defesa do Yemen do Sul comunicou a noite passada, que foram mortos ou feridos 18 oficiais e soldados da Arábia Saudita durante renhida luta fronteiriça entre os dois países.

Disse ainda que as forças sul-iemenitas não sofreram baixas no combate que continuava ainda á volta do porto fronteiriço de Wadieah, na fronteira comum entre os dois países.

Equipamento e armas dos soldados da Arábia Saudita foram apreendidos durante a luta

Um comunicado emitido antes nesta cidade dizia que doze homens foram presos num recontro anterior, quando uma pequena unidade do Exército da Arábia Saudita entrou em território do Yemen do Sul e tentou ocupar o posto de Wadieah.

O Ministério disse que não tinham sido mortos sul-iemenitas no primeiro recontro.

Vário armamento estava a ser empregado na luta que se travava ainda a noite passada.

Caças Mig-17, de fabrico soviético, adquiridos recentemente pelo Yemen do Sul, entraram em acção durante o segundo recontro — acrescentava o comunicado do Ministério da Defesa.

Em Aden todos os representantes diplomáticos árabes e estrangeiros foram chamados a noite passada ao Ministério sul-iemenita dos Negócios Estrangeiros, a fim de serem informados acerca da situação.

MORREU A CANTORA DE FLAMENGO PASTORA CRUZ

SEVILHA, 27 — (R.) — Pastora Pabon Cruz, considerada como uma das maiores expoentes femininas de sempre do flamengo, faleceu a noite passada num bairro desta cidade, onde nascera há 79 anos.

Pastora Cruz, que contribuiu profundamente para o progresso do flamengo, exibiu-se pela primeira vez em publico num café de Madrid quando tinha apenas oito anos, pouco depois do começo do século.

Conhecida como «La Niña de los Peines», Pastora Cruz era casada com outro famoso cantor de flamengo, José Torres Garzon, «Pepe Pinto», que faleceu em Sevilha no principio do mês passado. Contudo, a noticia da morte do marido não foi revelada a Pastora Cruz por causa da sua doença.

NOVIDADES D. QUIXOTE

POR ONDE VAI A ECONOMIA PORTUGUESA?
de FRANCISCO PEREIRA DE MOURA (2.ª edição)

A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO DE 1836
de VICTOR DE SÁ

LIRA DE BOLSO
antologia poética de DAVID MOURÃO-FERREIRA

INTRODUÇÃO À POLÍTICA
de JEAN-PIERRE LASSALE

OS TESTES MENTAIS
de PIERRE PICHOT

LUA-SIM OU NÃO?
de BERTRAND RUSSELL, ARNOLD TOYNBEE e outros
"Cadernos D. Quixote," N.º 20

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

PRIMEIRAS FOTOS DA BASE LUNAR AMERICANA

HOUSTON, 27 — (R.) — Cientistas esperam ter hoje a sua primeira boa visão da base lunar americana no Mar das Tempestades, após revelarem as fotografias tiradas pelos astronautas da Apolo-12.

Os filmes, chegados na terça-feira de avião a este centro, a fim de serem descontaminados e revelados, formarão o primeiro registo ilustrado do segundo passeio do homem na Lua.

A câmara de televisão a cores, levada pelos lunautas Alan Bean e Charles Conrad, avariou-se no princípio da missão. Cientistas julgam que Bean poderá ter voltado acidentalmente a câmara para o Sol e queimado o seu delicado tubo de raios catódicos.

Os cientistas esperam obter uma noção mais concreta da área onde o «Intrepid» desceu e verem como Conrad e Bean trabalharam na superfície lunar durante os seus dois passeios no satélite da Terra, que duraram cerca de oito horas.

POEIRA CINZENTA

A primeira remessa de filmes da Apolo-12 podia conduzir a uma decisão de prolongar a exploração da superfície lunar durante outras expedições.

A primeira caixa com amostras lunares da Apolo-12 — conservada numa câmara de vácuo — foi aberta a noite passada por técnicos usando luvas de borracha grossa. As amostras, que incluem pedaços do solo lunar, pesavam entre 14 a 16 quilos.

Logo que as caixas foram abertas, o conteúdo, envolto numa poeira cinzenta, foi fotografado e marcado. Hoje, as amostras serão colocadas em latas e levadas para o laboratório de radiação e biomédico para novo estudo.

A segunda caixa, que contém amostras escolhidas mais cuidadosamente, será aberta amanhã.

MICRORGANISMOS PREJUDICIAIS À VIDA HUMANA?

As pedras e o solo lunar podiam conter o segredo da formação da Lua e possivelmente uma pista quanto á criação do Universo.

Existe a possibilidade remota de conterem microrganismos prejudiciais á vida humana, mas nenhum foi encontrado nas amostras da Apolo-11.

A bordo do porta-helicópteros «Hornet», actualmente próximo das ilhas Hawai, espera-se que os astronautas Conrad, Bean e Gordon tenham o jantar tradicional do Dia de Acção de Graças, constituído por peru, sumo de arandos e torta.

Os três viram a noite passada um filme na sua unidade móvel de quarentena, após fornecerem mais informações sobre a sua missão. Médicos disseram que é excelente a sua condição física.

O «Hornet», navegando á velocidade de 29 nós, deverá chegar amanhã a Pearl Harbour e os astronautas seguirão de avião para Houston, onde são esperados no sábado de manhã.

Felicitações dos cientistas soviéticos

MOSCOVO, 27 — (F. P.) — «Os homens alcançaram a Lua, o que é um êxito considerável para a ciência e a técnica modernas», declarou o professor Vinogradov, vice-presidente da Academia das Ciências da U.R.S.S., numa entrevista concedida ao jornal «Pravda», á qual se refere a agência Tass.

«Este êxito abriu novas possibilidades no capítulo dos nossos conhecimentos sobre o Universo» — acrescentou o professor Vinogradov. «Os cientistas soviéticos felicitam os cosmonautas americanos, os cientistas e os engenheiros dos Estados Unidos por este notável feito».

O CASAMENTO DE GINA FOI APENAS ADIADO

—DECLAROU UMA AMIGA DA ACTRIZ

NOVA YORK, 27 — (R.) — A estrela do cinema italiano Gina Lollobrigida chegou a noite passada a esta cidade, vinda de Roma e evitou jornalistas que tentaram entrevistá-la no aeroporto acerca de uma possível mudança dos seus planos de casamento.

Antes, uma amiga intima da actriz declarara que os planos de casamento em 18 de Dezembro entre Gina Lollobrigida e o magnate de Nova York, George Haufman, fora apenas «adiado e não cancelado».

A célebre Lollo, ao ser-lhe pedida uma entrevista no aeroporto, disse. «Não. Tenho um compromisso. De qualquer modo, não vou declarar nada.»

Ao ser-lhe perguntado se havia qualquer verdade nos boatos de que o casamento fora cancelado, retorquiu rápidamente: «sois demasiadamente curiosos.»

A secretária para a Imprensa da artista afirmou, por seu turno que «não fazia a minima ideia» acerca dos planos de casamento da estrela, que conta 42 anos.

GINA LOLLOBRIGIDA, que ontem chegou a Nova York, recusou-se a comentar os boatos sobre um possível cancelamento do seu casamento com George Kaufman

ROGERS: Os EUA não pensam participar noutra guerra de envergadura na Ásia

WASHINGTON, 27 — (F. P. e R.) — «Não participaremos em mais nenhuma guerra de envergadura no continente asiático nem enviaremos para lá forças americanas», declarou o secretário de Estado William Rogers numa entrevista televisionada.

O chefe da diplomacia americana estava a ser interrogado acerca do auxílio militar ao Laos e do treino das Forças Armadas daquele país pelos Estados Unidos. Rogers esclareceu assim o seu pensamento: «Com certeza que não o faremos, a não ser que o povo americano e o Congresso estejam atrás de nós. Seja como for, não temos semelhantes planos nem a intenção de os formar». Julgava, porém, que o Congresso não hesitaria em autorizar o Governo a satisfazer os compromissos e obrigações que decorram de tratados se tivesse de assim proceder.

Referindo-se ao Vietnam, o secretário de Estado salientou que a actual política de desescalada era «irreversível» embora os progressos das negociações sejam decepcionantes. Não pensava de resto que as retiradas de forças americanas pudessem ser afectadas por iniciativas militares do Vietnam do Norte. «Confiamos em que o Sul tenha capacidade para endossar as responsabilidades do combate» — salientou.

A respeito das conversações secretas sobre a limitação de armas estratégicas (SALT) com a União Soviética, Rogers afirmou que os Estados Unidos estavam muito encorajados pela atmosfera que reina nas negociações.

Contudo, manifestou dúvidas em obter em breve um acordo para cessarem os ensaios com veículos multiplos de reentrada independente (MIRV) ou mísseis de ogivas multiplas.

No primeiro relatório em alto nível sobre as conversações SALT, que começaram em Helsínquia em 17 de Novembro, Rogers declarou: «Os que se encontram em Helsínquia (...) informaram-me que a natureza das conversações, a forma do diálogo, é a melhor de qualquer discussão que tivemos com a União Soviética.

«Os soviéticos mostram-se sérios, não se envolvem em polémicas e estamos muito encorajados pela atmosfera geral».

O pugilismo profissional proibido na Suécia

ESTOCOLMO, 27. — (R.) — A Camara Alta do Parlamento sueco votou a noite passada no sentido de proibir o pugilismo profissional na país.

Por 75 contra 41 votos, com 4 abstenções, A Camara aprovou uma proposta governamental destinada a tornar ilegal o pugilismo profissional a partir de 1 de Janeiro.

Contudo, a Camara rejeitou por unanimidade uma medida semelhante acerca do pugilismo amador.

O plano para proibir o pugilismo profissional segue agora para a Camara Baixa, a fim de ser aprovado.

Nos termos da lei, qualquer pessoa que participe em combates de pugilismo profissional seria multada ou condenada a uma pena máxima de seis meses de cadeia.

Do mesmo modo, qualquer pessoa que organize ou dê apoio financeiro a combates de pugilismo profissional estaria sujeita á mesma punição.

Condenações em Espanha

MADRID, 27 — (R.) — Um jovem nacionalista basco, expulso do tribunal durante o julgamento no princípio deste mês por se recusar a falar espanhol, foi condenado a noite passada a 17 anos e três meses de cadeia.

A sentença contra José Maria Dorronsoro, pronunciada pelo tribunal da ordem publica de Madrid, é cumulativa com uma pena de 20 anos de cadeia imposta no mês passado por um tribunal militar. Contudo, nos termos das leis espanholas, o réu apenas pode cumprir 30 anos de prisão

Outro homem, Manuel Garcia Domínguez, foi condenado a quatro anos e 61 dias de cadeia por possuir literatura de dois partidos políticos ilegais.

ATENTADO EM ATENAS

(Continuação da 1.ª página)

tes dois homens foi adiado para o próximo ano.

JULGAMENTO NA SUIÇA

WINTERTHUR (Suiça), 27 — (A. N. I.) — Começou esta manhã em Winterthur o julgamento dos três «comandos» árabes que atacaram um avião das linhas aéreas israelitas El Al, no aeroporto de Zurique, em Fevereiro deste ano, e do agente secreto israelita Mordechai Rachamim, que estava a bordo do aparelho para o proteger contra um possível ataque árabe.

Tanto os «comandos» árabes como o agente israelita são acusados de homicídio.

MASSACRE

(Continuação da 1.ª página)

conduta ilegal e imoral, como a alegada, será tratada de acordo com os regulamentos rigidos da justiça militar».

INDIGNAÇÃO SOVIÉTICA

MOSCOVO, 27 — (R.) — A Cruz Vermelha Soviética exprimiu, a noite passada, indignação por causa do alegado massacre de My Lai no Vietnam do Sul.

«Milhões de membros da Cruz Vermelha Soviética denunciam severamente este crime monstruoso cometido pelos soldados americanos e juntam o seu protesto ao de todas as pessoas decentes do Mundo», diz a C. V. numa comunicação emitida nesta capital e transmitida pela agência noticiosa soviética Tass.

«A união da Cruz Vermelha e as sociedades do crescente vermelho da U.R.S.S., assim como todo o povo soviético, continuarão a prestar todo o apoio moral e material ao povo vietnamiano na sua luta justa pela liberdade e independência da sua pátria», acrescentava o comunicado.

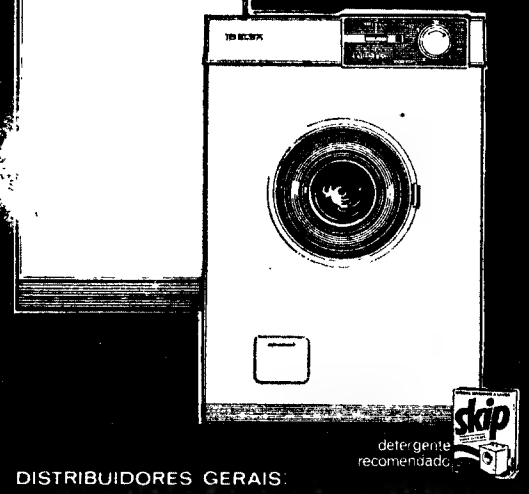
CONVERSAÇÕES RUSSO-VENEZUELANAS

CARACAS, 27 — (A. N. I.) — O presidente Rafael Caldera, da Venezuela, recebeu ontem uma delegação russa, integrada por 11 altos funcionários — anuncia-se em Caracas.

Nas conversações teria sido estudada a possibilidade de restabelecer as relações diplomáticas entre os dois países, interrompidas em 1952 — afirma-se em círculos fidedignos.

Electrodomésticos IBELSA

**Qualidade sinónimo de garantia



DISTRIBUIDORES GERAIS:
MONTEIROS & REYNOLDS, LDA.
(DIVISAO ELECTRICA) TELFS. 838170 42495
A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

TITULO DE OCUPAÇÃO

TORRALTA é uma sociedade para todos e a todos dá a possibilidade de aplicar o seu capital de uma forma útil e rentável. Ao comprar TÍTULOS DE OCUPAÇÃO você adquire um bem real que lhe garante 8 a 12 % de rendimento. INFORMAÇÕES Av. Duque de Loulé, 66-A LISBOA Telefs. 5 44 79 55 56 81 - 5 17 48

8 a 12 %

DE COIMBRA

O MUNICÍPIO DECIDIU CRIAR SERVIÇOS TÉCNICOS ESPECIAIS ENCARREGADOS DE VELAR PELA HIGIENE DA CIDADE

Houve ontem reunião na Câmara Municipal. Presidiu o respectivo presidente, sr. eng.º Araujo Vieira, e estavam presentes todos os vereadores.

O vereador dr. Francisco Cortês, a propósito de uma local publicada no «Diário de Coimbra», em que afirma ser ele o responsável por uma casa dos bairros camarários, que foi distribuída há um ano, ainda não ter sido entregue ao novo inquilino, por não terem sido feitas as obras até esta data — esclareceu que as reparações das casas dos bairros camarários não estão a cargo dos seus pelouros, mas sómente a sua distribuição. Por isso, propôs que o presidente do Município procure que o signatário da referida local concretize o caso, promova a elaboração de um auto de averiguações e, se as suas conclusões forem procedentes, se instaure processo disciplinar contra o funcionário responsável pelo ...dido.

Continuando, e a propósito das muitas queixas que o publico tem feito sobre a falta de limpeza na cidade, fez um largo relato da sua acção no pelouro de Higiene, que ocupa desde a presidência do falecido dr. Alberto Sá de Oliveira.

O dr. Francisco Cortês apreciou, depois, o estado de limpeza da cidade, afirmando que a «higiene dos grandes aglomerados não pode ser conduzida, apenas, pela carolice das pessoas de boa vontade» e que, modernamente, impõe-se a existência de técnicos. Afirmou ser necessário enfrentar, com energia e conhecimentos, os novos inimigos da saúde, pois os fumos, os ruídos, os cheiros, as radiações, etc., carecem de cuidados muito especializados. Disse, ainda, que, numa cidade nova, estes problemas, embora com grandes despesas, são praticamente resolúveis, mas em Coimbra, cidade de alicerces medievais, não lhe parecia possível resolver satisfatóriamente todos os problemas de higiene.

A terminar, afirmou que a Câmara Municipal resolveu criar novos serviços, os Serviços Técnicos Especiais, superiormente dirigidos por um engenheiro-chefe. Só assim — afirmou aquele vereador — seriam devidamente acautelados os munícipes contra os perigos resultantes da menor competência do vereador, que tem orientado os Serviços de Higiene.

Sobre esta exposição usaram da palavra o presidente, que pôs em relevo a acção do dr. Francisco Cortês, nos Serviços de Higiene; o dr. Viriato Namora, que afirmou não poder ser só o vereador a resolver a questão e lembrou que, em Dezembro de 1968, havia apresentado um projecto do Código de Posturas para apreciação dos vereadores; a dr.ª D. Maria José Bacelar disse ter ouvido com todo o interesse a exposição, e propôs um voto de reconhecimento.

A higiene da cidade deu origem a uma troca de impressões em que intervieram vários vereadores. Por fim, o eng.º Azevedo Sobral chamou a atenção da Câmara Municipal para o elevado preço das rendas de casa, pedindo que o Município, rápida e eficientemente, iniciasse a tarefa de construção de mais blocos residenciais.

Exposição de arte na Figueira da Foz

Um artista conimbricense, padre Nunes Pereira, vai expor os seus trabalhos na Figueira da Foz. A exposição conta com gravuras, desenhos, esculturas, trabalhos em metal, etc.

Iluminações de Natal

A exemplo dos anos anteriores, Coimbra vai ter iluminações nas ruas durante a quadra do Natal. Para já, sabe-se que vão ser iluminadas as ruas de Ferreira Borges, Visconde da Luz e o Largo da Portagem, mas espera-se que, tal como nos anos anteriores, os comerciantes das ruas da Sofia, do Corvo, Eduardo Coelho, Adelino Veiga e da Praça do Comércio não deixem de iluminar aquelas artérias, mantendo a tradição.

A inauguração das iluminações está prevista para o dia 8 do próximo mês.

Sessão médica no Centro de Saúde Materno-Infantil

No Centro de Saúde e Assistência Materno - Infantil Dr. Bissaya Barreto, realizou-se mais uma reunião médica, que foi consagrada ao diagnóstico das situações geradoras de dificuldades respiratórias do recém-nascido.

O dr. Santos Bessa, em continuação da sessão anterior, dedicada ao mesmo tema, ocupou-se do diagnóstico clínico e radiológico dos vários quadros nosológicos que lhe dão origem, pondo em evidência, especialmente, as anomalias congénitas. Ilustrou a sua exposição com vários diapositivos.

Sobre o mesmo assunto, o dr. Joaquim de Moura Relvas forneceu elementos de natureza radiológica, referindo-se ás dificuldades de interpretação de certas imagens e apontando os elementos fundamentais do diagnóstico diferencial das diversas situações clínicas.

Alunos de Medicina da Reforma de 1930

Por despacho ministerial, foi autorizada a prorrogação, até 30 do corrente, da época de exames de Outubro, para os alunos da Reforma de 1930, da Faculdade de Medicina.

Passeio-convívio a Aveiro

A direcção do Orfeão Académico organiza, no próximo domingo, um passeio-convívio a Aveiro, colaborando, desta forma, na semana de recepção aos novos alunos do Ultramar, promovida pela Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos, e que este ano decorre naquela cidade.

As inscrições para o passeio podem fazer-se na sede do Orfeão, nas instalações académicas, todos os dias até sábado, inclusive, das 13 e 30 ás 14 e 30 e das 21 e 30 ás 22 e 30.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

Gil Vicente — Às 21 e 30: «Por favor, não me morda o pescoço» (17 anos).

Avenida — Às 17 e 45: «O quarto indiscreto» (17 anos); ás 21 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos).

Tivoli — Às 21 e 30: «Sherif, precisa-se» (12 anos).

Sousa Bastos — Às 21 e 30: «Enganei-me no número» (17 anos).

Farmácias de serviço

Nazaré — Rua Ferreira Borges (Tel. 22605).

Figueiredo — Rua da Sofia (Tel. 22837).

Estádio — Rua do Brasil (Tel. 24410).

Montes Claros — Rua Dr. António José de Almeida (Tel. 25904).

Aspecto das obras do novo edifício

MUSEU E BIBLIOTECA DA FIGUEIRA DA FOZ

FIGUEIRA DA FOZ, 27 — O novo e luxuoso edifício do Museu-Biblioteca, desta cidade, já se encontra na fase de acabamento, esperando-se que, fique completamente concluído antes de meados do ano de 1970. É um conjunto de grandes proporções e para o qual, foi valiosíssima a colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian.

O edifício, projecto da autoria do arquitecto figueirense Isaías Cardoso, situa-se na nova zona das Abadias, numa alameda de múltiplos acessos, que se estendem desde o Jardim Municipal e que de desenvolve paralelamente ao eixo longitudinal, a partir da cidade nova, por outras artérias, servindo o núcleo mais populoso do Bairro Novo e Cidade Baixa.

O Museu Municipal dr. Santos Rocha, sábio arqueólogo, foge um pouco ao esquema clássico dos museus. Num pátio-jardim, expor-se-ão esculturas, lápidas com inscrições, convenientemente enquadradas num jardim, de concepção simples em dois planos.

A Biblioteca Municipal «Pedro Fernandes Tomás», dirigida pelo professor António Victor Guerra, já possui 100 mil volumes que abrangem os vários domínios da literatura, história, arte e ciências; jornais, revistas e muitas espécies bibliográficas.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compro	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 4%	539$	538$	540$
Consolidado 3 1/2%	630$	—	630$
Centenários 4%	1.495$	1.490$	500$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	000$
Externo Série	—	710$	750$
Externo Série c	—	830$	850$
Externo 3ª Série	—	—	755$
Externo 3ª Série c	—	—	880$
Cautelas 3ª Série	155$	150$	160$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	470$	—
A P I 5% 56	950$	940$	950$
A P I 5% 58	950$	940$	—
C P 4 1/2% 65	—	875$	—
C P 5 1/2% 67	—	995$	—
C U F 6%	996$	993$	996$
C U F 6% 68	1.005$	000$	1.003$
Gás Elect 4% 48	—	770$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	800$	—
Gás Elect 5% 52	890$	885$	895$
Gás Elect 5% 58	—	885$	—
Gás Elect 5% 59	890$	885$	895$
Gás Elect 5% 62	—	940$	—
Gás Elect 5% 63	935$	930$	945$
Gás Elect 5% 65	—	—	930$
Gás Elect 6% 67	—	—	1 015$
H E A. Alentejo 5%	—	870$	—
H E Cávado 5%	—	—	—
H E Cávado 6%	—	—	—
H E Douro 5%	—	825$	—
H E Douro 6%	1.018$	1.016$	1.019$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	012$	1 013$
H E Zêzere 5% 55	830$	825$	—
H E Zêzere 5% 57	—	825$	840$
Lenave 6%	—	—	1 030$
Metropolitano 4%	—	895$	900$
Metropolitano 5 3/4%	1.003$	1.000$	1 005$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	—	840$	—
Nitratos 5%	—	800$	—
Nitratos 5% 60	—	780$	—
Petroquímico 5%	—	850$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	890$	880$	900$
Siderurgia 5% 2ª	820$	815$	825$
Siderurgia 5% 3ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4ª	—	—	—
Sonete 5%	—	845$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	815$	820$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	—	82$
U E P 5%	—	—	825$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.245$	2.240$	2.250$
Alentejo	1.070$	1.060$	1.070$
Angola	3.400$	3.400$	—
Burnay	—	—	—
Créd Predial	4.900$	4 900$	5.000$
E Santo	—	19 800$	20.000$
E Santo n	—	—	—
Consecas $ p	—	20.000$	—
L G Açores p	—	7.250$	—
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico p	—	3.200$	3.300$
Portugal n	7.500$	7 450$	7.500$
Portugal p	—	—	4.450$
Totta Allança	6.900$	6.900$	6.950$
Ultramarino n	3.300$	3 280$	3.320$
Ultramarino p	3.680$	3 680$	—
Seguros			
Alentejo	—	—	82$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	900$	900$	910$
Sagres	—	2.300$	2.700$
Tranquilidade	—	50 000$	60.000$
Ultramarino	—	15 000$	30 000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	910$	920$
Ag Cassequel	—	860$	875$
Ag Incomati	—	—	2.000$
Ag Neves	—	450$	500$
Ag S Tomé e Príncipe	—	320$	340$
Boror	—	—	—
Buzi	—	87$5	88$5
Cabonda	—	241$	248$

Ultramarinas	Efec	Compro	Vendo
Caminhos Angola	2 500$	2 480$	2 500$
M E Revué	—	640$	690$
Ilh do Príncipe	—	—	000$
Moçambique	89$	88$5	90$
Sonete n	—	—	—
Sonete p	437$	435$	440$
Zambézia	91$	90$5	91$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	7 900$	7 850$	7 950$
Cim Leiria	5.500$	—	—
Cim Tejo	—	7.200$	—
Cp Navegação	1.510$	1.500$	530$
C U F	1.530$	1.500$	—
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3 750$	—
Petroquímica	—	—	2 270$
Port e Colónias	—	1.480$	495$
Port Celulose	—	4.800$	4 850$
Port Pesca	1.250$	1.250$	—
Port Tabacos	788$	787$	—
Sacor	4.850$	4.830$	—
Seguro Nac	1.820$	1.820$	830$
Socel	3 420$	3 410$	3 430$
Tabacos de Portugal	1.740$	1 740$	750$
Tabaqueira	—	8 400$	8 500$
U F Azote	880$	876$	—
Aguas Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	430$	—
Aguas Lisboa 34	—	430$	—
Aguas Lisboa 36	—	—	400$
Elect Beiras	1.640$	620$	1 650$
Gás Electr	423$	422$	424$
H E Alto Alentejo	154$5	154$5	54$5
H E Cávado	1.250$	1 250$	255$
H E Douro	1.248$	1 248$	750$
H E Norte Portugal	—	—	320$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	—	1.250$	290$
Nac Electricidade	—	1 250$	—
Termoeléctr Port	1.245$	1 245$	1.250$
U E P	192$	191$5	193$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Atlântico	—	208$7	215$
B E S	—	128$8	137$7

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	19/11/69	25/11/69	26/11/69
GERAL	148,5	153,1	154,8
METRÓPOL.	143,0	145,1	145,8
ULTRAM.	189,2	211,7	221,1

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	37$00	39$00
América.		
— Dollars de 1 e 2	28$35	28$75
— Dollars de 5 e 000	28$55	28$95
Canadá — Dollar	26$40	26$90
Alemanha — Marco	7$65	7$95
Austria — Schilling	$08	$15
Argentina — Peso	$06	$09
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	1$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	1$90	8$20
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Liro	$04,43	$04,07
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$75	5$15
Suíça — Franco	6$58	6$78
Marrocos — Dirham	4$70	5$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabe	280$00	300$00
Inglaterra — 1/2 Libra	280$00	300$00
Ouro fino — Barra	33$50	35$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

†

PRIMO ANTÓNIO LOURENÇO

FALECEU

C. DREYDEL, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito dedicado colaborador de há 25 anos e que o funeral se realizou hoje, no cemitério da Ajuda.

EXPOSIÇÃO DOS PRÉMIOS RIZZOLI: A IMPORTÂNCIA DA PUBLICIDADE SALIENTADA NO ALMOÇO COMEMORATIVO

(Continuação da pág. central)

disse que o Prémio Rizzoli ia ser desenvolvido e elogiou a publicidade portuguesa, destacando algumas individualidades deste sector, como António Pereira, que «Foi o pioneiro da profissão publicitária portuguesa», Jorge Rodrigues, Fernando de Almeida e Benjamim de Mello, durante vários anos membro do juri do Prémio Internacional Rizzoli. A terminar afirmou que um dos anuncios distinguidos, o da Agência Latina, destinado a fazer conhecer ao público a sua própria actividade, «sintetiza verdadeiramente a missão de uma agência de publicidade de serviço completo»

Após as palavras do dr. Ernesto Pádova, procedeu-se á entrega dos galardões Rizzoli. A seu pedido, a «Prensa de Prata» destinada ao melhor anuncio português a cor publicado em 1968, foi entregue pelo embaixador de Itália ao director-geral da Éxito, Fernando de Almeida. O anuncio em causa foi realizado para o Secretariado Internacional da Lã.

O Grande Diploma de Honra conquistado para Portugal na categoria preto e branco, foi entregue pelo embaixador prof. Martinho Nobre de Mello ao director-geral da Latina, Jorge Rodrigues, distinguindo um trabalho sobre a importância da criatividade numa Agência de Publicidade, realizado para a própria Latina.

Finalmente, o secretário de Estado da Informação entregou a Jorge Rodrigues a «Prensa de Prata» destinada ao melhor anuncio a preto e branco publicado na Imprensa portuguesa em 1968. Este anuncio foi elaborado para o Banco de Crédito Comercial e Industrial.

O Grande Prémio de Publicidade do «Diário de Lisboa» lembrado por Jorge Rodrigues

Usou, a seguir, da palavra o director-geral da Latina, dr. Jorge Rodrigues.

Depois de saudar o secretário de Estado da Informação, de agradecer a sua presença e de ter feito considerações acerca da função da publicidade no mundo moderno, o dr. Jorge Rodrigues disse:

— *O valor formativa de certames como o Rizzoli, que, aliás, já encontrou digno eco ao nível nacional, no grande Prémio da Publicidade que o «Diário de Lisboa» instituiu há 2 anos e que beneficamente tem agitado o meio publicitário português, é relevante sob muitos aspectos. Em primeiro lugar, pelo que representa de incentivo para os componentes dos quadros das agências de publicidade. A certeza de que as obras criadas vão ser presentes a um juri idóneo, experiente, capaz de compreender o nada simples processo de criação publicitária, determina, desde logo, um estímulo poderoso — o estímulo que encontram todos aqueles que se dirigem a uma audiência qualificada, conscientemente exigente. Por outro lado, dada a extraordinária notoriedade do prémio também não é menor estímulo a possibilidade de ver a sua obra lançada, de subito, para os quatro ventos de uma fama que não tem o amargo sabr da transigoência. Não são, porém, apenas os quadros criativos que beneficiam. Os dois polos entre os quais a agência estabelece o elo de ligação anunciante — consumidor são também largamente abrangidos pelos resultados deste tipo de iniciativa. Quanto ao anunciante, ele encontra a oportunidade de estabelecer um padrão para aferir os anuncios que insere e, pela divulgação dos critérios utilizados na avaliação, de adquirir referências para seleccionar o bom do mau anuncio, de conhecer o que pode e deve requerer da Agência que o serve e de procurar uma rentabilidade real dos seus investimentos publicitários. É um facto da vida comercial moderna que numerosas pessoas diferentes são conduzidas a participar na criação da publicidade e a rectificá-la.*

O dr. Jorge Rodrigues referiu-se, depois, á forma como a publicidade é encarada pelas empresas, citando os diversos pontos de vista entre elas e as opiniões diferentes que ás vezes existem dentro da mesma empresa. Salientou que os êxitos podem alcançar-se na publicidade graças á cooperação do anunciante com a agência, e sublinhou que a publicidade «sendo uma força extraordinária de imposição de modelos», de institucionalização de modas e sistemas, pode contribuir no plano estérico, na sua expressão gráfica e literária, para, de algum modo, promover uma certa disposição cultural, de sinal positivo, ainda que, como é óbvio, não seja esse o seu objectivo imediato.»

A função da publicidade

Mais adiante declarou:

— *Como se sabe, a publicidade é, sumáriamente, uma técnica que tem por objectivo facilitar, quer a propagação de certas ideias, quer as relações de ordem económica entre homens que têm uma mercadoria ou um serviço a oferecer a outros homens susceptíveis de utilizar essa mercadoria ou esse serviço. Mas é sómente no contexto de um plano de «marketing» que pode hoje entender-se a publicidade e não como a actividade desconexa que foi durante muitos anos. A definição clara e precisa daquilo que se lhe pede no âmbito desse plano de comercialização é, com efeito, indispensável, quer para uma focagem exacta das suas baterias quer para uma avaliação posterior dos resultados da sua acção. Contrariamente ao que acontece todos os dias, não se deveria exigir da publicidade que ela cumpra mais do que a missão para que é qualificada como meio, pago, de comunicação de massa: transmitir uma informação, criar uma disposição, estimular uma acção favorável ao anunciante (geralmente a venda de um serviço ou produto). Na realidade, a publicidade é apenas uma entre várias forças que contribuem para fazer conhecer, fazer compreender, convencer e fazer agir. As outras forças podem variar, consoante se trata de um produto ou serviço de largo consumo ou industrial. No seu conjunto podem incluir a venda directa, as recomendações feitas pelo utilizador ou o retalhista, as relações publicas ou as diversas formas de comunicação massiva tais como: a Imprensa, a Televisão, a Rádio, o Cinema, etc.*

Fez, a seguir, a distinção entre as noções de objectivo e de política, sublinhando que a missão da Agência de publicidade pode contribuir para atingid fins mas tem de ser parte de uma política geral da empresa, que engloba relações publicas, distribuição, promoção, qualidades específicas do produto e vantagens que oferece ao consumidor, concorrência, dimensão, grau de satudação, etc. Deve, pois estabelecer-se qual a fracção de trabalho que deve efectivamente competir á publicidade.

O empresário português, salvo raras excepções, não está ainda mentalizado para a realização dos estudos e inquéritos necessários á fodmal fixação do que incumbe á publicidade e, consequentemente, do que ela terá sido capaz de conseguir.

O dr. Jorge Rodrigues falou, depois, demoradamente, acerca da constituição literária e gráfica do anuncio, definindo-o como «uma peça que deve provocar reacção por parte do publico a quem se dirige.»

— *Um anuncio é hoje produto de uma equipa* — acentuou. — *O numero de executantes que unem os seus talentos para obter essa peça perfeita que é um bom anuncio (criadores de temas e redactores de textos, visualizadores, fotógrafos, artes-finalistas, retocadores, conselheiros em tramagens, gravura e impressão) é bem demonstrativo que ele não é uma peça artística proveniente da inspiração de um indivíduo privilegiado, mas o resultado de aptidões amadurecidas que concorrem, em conjunto, para uma alta qualiade de realização. O trabalho do publicitário já não se limita, nem á confecção de uma bela ilustração nem a encontrar um «slogan», como tantos ainda acreditam. Aquele que dantes concebia campanhas fazia-o, muitas vezes, utilizando quase exclusivamente a intuição. Hoje tem ao seu serviço todo um arsenal de elementos recolhidos por equipas de especialistas, que lhe permite realizar as peças publicitárias mais adequadas á função a preencher pela publicidade. Faço notar que estas condicionantes não limitam o aspeco puramente criativo da publicidade e, pelo contrário, são a causa da melhoria permanente das mensagens transmitidas. A razão de ser de um anuncio não é sómente ser ouvido ou lido; A sua razão de ser é transmitir uma informação e provocar uma reacção em face do produto (serviços, empresas, etc.), de tal modo que o cliente fique mais favorávelmente disposto á compra. A razão de ser de um anuncio é operar modificações no grau de conhecimento das pessoas, na sua disposição afectiva e no seu comportamento face á compra de um produto. A publicidade triunfa ou falha na medida em que comunica melhor ou pior, por um preço justo, a informação e as atitudes pretendidas, a pessoas visadas e no momento adequado. A razão de ser da publicidade* — não o esqueçamos — *é objectivar uma acção: a compra.*

Ausência de um ensino médio e superior de publicidade

O dr. Jorge Rodrigues referiu-se, depois, á publicidade como uma industria nacional em franco desenvolvimento, salientando que há a necessidade de acompanhar esse desenvolvimento com estruturas que permitam a melhoria das condições de trabalho e de preparação técnica dos que a ela se dedicam.

— *Devem sublinhar-se* — disse — *dois aspectos negativos de fundamental importância: a ausência de dados concretos, oficiais, em relação á maioria dos «media» e, lamentàvelmente, a ausência de um ensino médio e superior de publicidade á altura das exigências já verificáveis. A notícia de que está em vias de preparação um plano de estudos que constituirá, na melhor das hipóteses, o nucleo de uma futura Escola Superior de Publicidade e Relações Publicas, não pode deixar de provocar um geral movimento de interesse e a iniciativa será, por certo, seguida com a mais carinhosa atenção, por todos quantos vivem os problemas deste sector de actividade.*

A terminar disse:

— *A transformação já entre nós pressentida nas estruturadas, nos métodos e nas mentalidades, criando perspectivas particularmente favoráveis a mais efectiva aplicação das capacidades do País e a mais larga comunicação e cooperação no plano internacional, haverá, por certo, de dar os seus frutos. Aguaddemos que eles tomem a forma de uma nítida e estimulante realidade*

Palavras do secretário de Estado da Informação

Usou, finalmente, da palavra, o secretário de Estado da Informação, dr. César Moreira Baptista

Depois de saudar os presentes, destacando o embaixador de Itália, aquele membro do Governo declarou:

— *Não crei oque no estado actual das comunidades sociais, alguma empresa que se proponha realizadar seja o que for que signifique consumo, de bens ou de serviços, possa dispensar-se de utilizar os meios publicitários. Daí resulta que a soma dessas intervenções e actividades atinge hoje valores verdadeiramente relevantes e insuspeitáveis há relativamente poucos anos. Actividade que o é, no mais real sentido da palavra e que é ainda de «antemão» — porquanto procura criar novas soluções e diferentes necessidades, pondo a imaginação permanentemente á prova — a publicidade é bem expressão clara dos tempos que vivemos.*

Referiu-se, seguidamente, á força de pressão colectiva que a publicidade pode constituir, lembrando o papel que a publicidade desempenha em algumas campanhas políticas, nomeadamente as americanas.

A terminar dirigiu palavras de felicitações aos premiados e manifestou a esperança de que as técnicas de publicidade entre nós «sempre constituirão motivos de utilidade para a comunidade».

227 trabalhos expostos

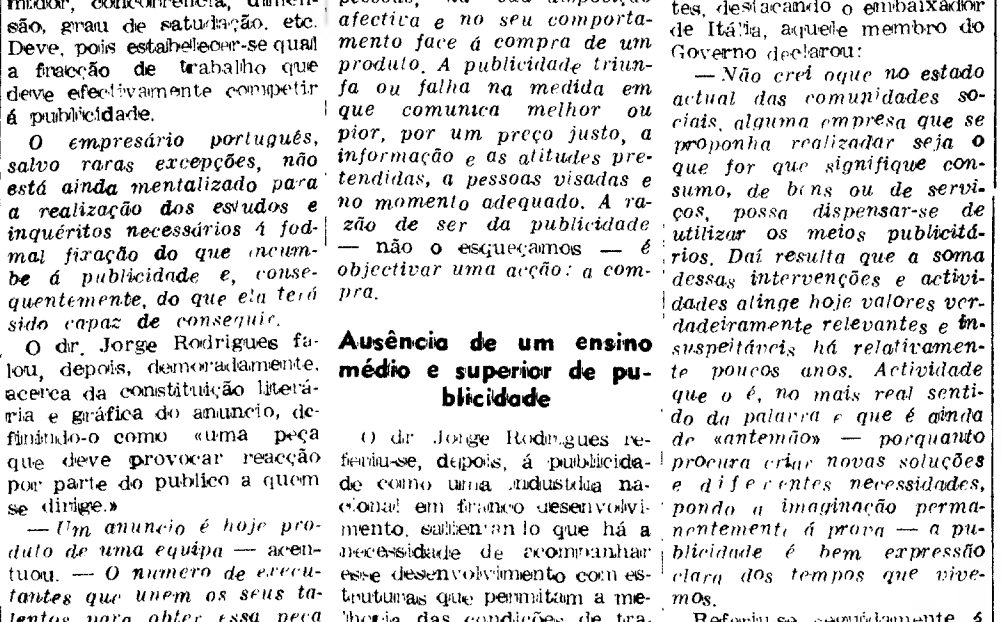
A tarde, o dr. César Moreira Baptista inaugurou solenemente a 2.ª Exposição de Prémios Rizzoli em Portugal.

Organizada segundo um esquema funcional, que proporciona uma sequência lógica de observação, e decorada com o sóbrio bom-gosto que seria de esperar e exigível numa realização do sector da Publicidade, a Exposição comporta 52 painéis, onde estão apresentados os 153 anúncios a cor e 74 a preto e branco seleccionados entre, aproximadamente, 3500 trabalhos que, este ano, concorreram ao «Prémio Rizzoli».

Desses trabalhos, foram premiados 61, contando-se entre eles as «Prensas de Oiro», as «Prensas de Prata» atribuídas a alguns países, os dois «Grandes Diplomas de Honra» a nível europeu, atribuídos em cor e preto e branco, e alguns «Grandes Diplomas de Honra» concedidos a algumas das representações nacionais.

Mais três painéis, de concepção estética extremamente feliz, são de carácter explanativo: um sobre a Editorial Rizzoli, a poderosa empresa de Milão instituidora do Prémio, evidenciando a sua dimensão e o lugar de primeiro plano que ocupa entre as suas congéneres europeias; outro sobre os objectivos, princípios e significado internacional do Prémio Rizzoli; e o terceiro focando a posição de Portugal no certame.

No salão da Exposição, que estará aberta até ao dia 4 de Dezembro, são distribuídos artísticos catálogos com reproduções dos trabalhos premiados este ano.



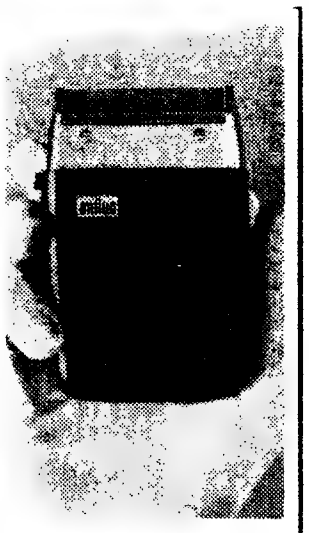
Um grupo de universitários de diversas escolas de Lisboa (que têm como traço comum o serem do bairro de Campo de Ourique e estarem interessados no debate das questões do nosso tempo) visitou as nossas instalações. A visita que nasceu, sobretudo, do desejo de conviver interessou-os e deu-lhes um tema para longas trocas de impressões sobre o que aqui puderam ver e que nem todos, infelizmente, vêem

TESES DE LICENCIATURA

Todos os trabalhos policopiados aceitam-se para qualquer ponto do País. Perfeição e economia. Faça uma consulta a:

UNITAS — Cooperativa Académica de Consumo

Rua da Sofia, n.º 73, 2.º — COIMBRA — Tel. 27743



BRAUN

Lembre-se ...
que barbear-se com Braun é diferente de tudo quanto até agora experimentou.

- Escanhoamento perfeito
- Corte rápido
- Suavidade para a pele

Experimente a maquina eléctrica Braun

A venda em todas as casas da especialidade

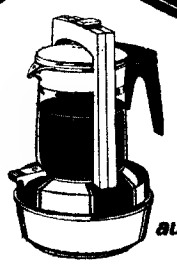
REPRESENTANTES EM PORTUGAL:
FRIAL AV. DO BRASIL 40 A E 40 B
TELEFONES 76 89 03/06/63 78 LISBOA
DISTRIBUIDORES NO NORTE
ARNALDO TRINDADE & CIA.
RUA DE SANTA CATARINA, 117 - PORTO

RAUL NETO, LDA.

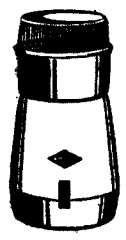
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador) — Esq. R. da Prata
Telefone 32 77 23 — LISBOA

SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM:
TECIDOS PARA DECORAÇÕES
ESTOFOS ★ ALCATIFAS E CARPETES

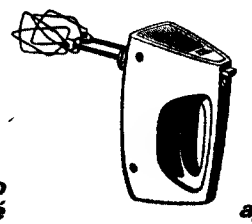
KRUPS dá à dona de casa uma vida melhor



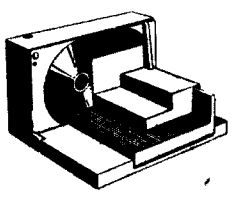
Maquina de café automática



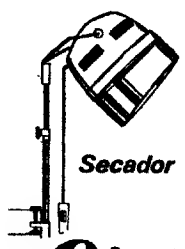
Moinho de café



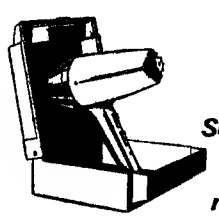
Batedeira de multiplas aplicações



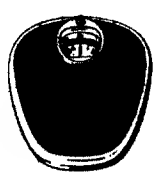
Cortadora universal



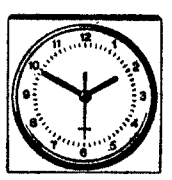
Secador de cabelo com tripé



Secador de cabelo manual



Balança para pesar pessoas



Relógios eléctricos de pilha

Representante e distribuidor
Lusomax
SOC. DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA. Rua dos Correeiros, 123 - 3º Dtoº Telef. 3 06 07/8 - LISBOA

KRUPS é isto... e muito mais!

GROSS Ambassador

A CAIXA REGISTADORA detalhadora DE CARACTERÍSTICAS COMPLETAS

- Capacidade de registo 9.999$90
- Fiada de iniciais
- Recebimentos, Créditos e Pagamentos
- Somadora independente

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS,
Soc. de Rep. **SIDA - SUECA, LDA.**
RUA DE S. NICOLAU, 15-17 TEL. 36 93 31 - LISBOA

MARCA/B DV1-69

Esta é a nova pistola manual electroestática de segurança absoluta e que lhe garante um rendimento de trabalho muito superior ao normal. DeVilbiss — a pistola que conquistou o nosso mercado... e o de todo o mundo, apresenta equipamentos resistentes, construidos com grande precisão, eficiência e simplicidade. Poderá escolher entre o sistema convencional, sem ar (airless), ou de tinta aquecida (hot spray)... DeVilbiss ajudá-lo-á na escolha do melhor sistema para o seu trabalho e garante-lhe um serviço de assistência de acessórios e de sobressalentes. Peça uma demonstração.

comece com DeVilbiss e «acabe» melhor

DEVILBISS

Agentes Gerais:
Bethencourt Bros., Ltd. — R. Sapateiros, 128-1.º — LISBOA
SORIA, Lda. — R. Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

Oferta excepcional

15 VOLUMES ENCADERNADOS À ESCOLHA
PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 52$50
Entrega das obras contra o primeiro pagamento
Obras encadernadas em balacuir de

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMILO CASTELO BRANCO
CHARLES DICKENS
JÚLIO DINIS
STEFAN ZWEIG
WALTER SCOTT

170 autores de várias nacionalidades, sendo: 200 volumes originais de autores portugueses e brasileiros — 200 volumes, traduções portuguesas, mencionados numa lista que remetemos, grátis e sem qualquer compromisso, a quem a solicitar. Todas as obras têm o formato mínimo de 0,19×0,12 m. O numero de exemplares disponíveis para esta oferta é limitado. Solicite imediatamente a lista á LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO — Telefone 22286, ou á sua Filial em Lisboa — Av. Almirante Reis, 102, r/c., Dt.º — Lisboa-1 — Telefs. 58796 e 58798

Recortar este cupão e remeter a
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
PORTO

D. L. — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição.

Nome .....
Morada .....
.....

EMPRESA DE INDÚSTRIA TÊXTIL

ADMITE

ENGENHEIRO

- **EXPERIÊNCIA DE DIRECÇÃO FABRIL DE INDÚSTRIA TÊXTIL (de preferência no domínio de Tapeçarias ou Lanifícios).**
- **Conhecimentos de inglês, que permitam a frequência de Curso de especialização em Inglaterra.**

CONDIÇÕES OFERECIDAS: DIRECÇÃO DA FABRICA (com cerca de 300 operários), com formação adequada.

Remuneração anual total de 230 a 300 contos, conforme o grau de experiência. Férias de 1 mês. Regalias sociais. A fábrica fica situada na região de Coimbra, permitindo a fixação de residência nesta cidade.

Resposta a este jornal ao n.º 500

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE

Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

Comunica-nos a C. P. que por motivo dos trabalhos de renovação da via, o comboio dos sábados com partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 14-17 horas, a efectuar nos dias 29 de Novembro, 6, 13 e 27 de Dezembro de 1969, só tem ligação em Porto (Campanhã) para as estações e apeadeiros entre esta estação e as de Braga e Marco.

PHILCO

Tem o privilégio de apresentar a MARAVILHA NEGRA

grande novidade em TELEVISÃO

Anos de avanço na técnica de TV

- **VIDRO NEGRO**
- **CHASSIS FRIO**
- **SISTEMA DE ALIMENTAÇÃO AC**
- **PREPARADO PARA O 2.º CANAL**

À venda nos revendedores autorizados

REPRESENTANTES GERAIS EM PORTUGAL
ARNALDO TRINDADE & CA. LDA.
RUA SANTA CATARINA, 117 — PORTO
PHILCO DE FAMA MUNDIAL PELA QUALIDADE
Aceitam-se Agentes nas áreas ainda disponíveis

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

O JOGO DA VIDA: UM BURLÃO NAS ÍNDIAS

Dan Farrell (Robert Stack) continua às voltas com o crime

Cerca das 22 e 5 é apresentado mais um filme da série policial «O Jogo da Vida», com Robert Stack, Suzane Pleshette, Donald Sutherland e Paul Winfield. Dirigiu este episódio, de hora e meia de exibição, o realizador Alexander Singer.

Numa ilha das Índias Ocidentais, instala-se um burlão no intuito de explorar a população local. Dan Farrel, dinamico repórter da revista «Crime» vai investigar...

II PROGRAMA «ZIP-ZIP»

A repetição do programa «Zip-Zip» verifica-se às 5.as feiras pelas 22 horas, preenchendo toda a emissão. Hoje repete-se o «Zip-Zip» que o programa nacional apresentou em 27 do mês passado.

Pippi é uma moça encantadora, sempre em aventuras maravilhosas

Garota Endiabrada: «Passeio de Balão»

Pippi e os seus habituais amigos Tommy e Anica vão dar um passeio de balão, mas quando estavam ocupados com os preparativos da viagem, Trovão e Blum roubaram-lhes o bau cheio de moedas de oiro. A viagem é maravilhosa. Os pequenos estão encantados. Nunca deram um passeio tão maravilhoso. E até para cumulo da sorte conseguem reaver da maneira mais imprevista o célebre bau com as moedas de oiro.

É esta mais uma aventura maravilhosa da encantadora Pippi Langetrumpf, que é hoje exibida pelas 19 e 45.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 5: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de pousa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de ...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 13.º Episódio do Folhetim «O Herói da Caridade» (Vida de S. João de Deus), de Odette de Saint-Maurice; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Música, só música; 21 e 40: Tom maior; 22 e 30: Música ligeira; 23 e 5: Programa da noite; 23 e 40: Serenata a Coimbra.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 20: Música de Elgar; 16 e 30: 2.º acto da ópera «Lohengrin» (Wagner); 18: Música do século XX — obras de Karl Amadeus Hartmann; 18 e 51: Les Diamants de La Couronne; 19: Crítica literária, pelo dr. João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore português — Música da Beira Alta, recolhida por Artur Santos; 19 e 25: O pianista Sviatoslav Riitcher; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música instrumental; 20 e 30: A cantata BWV 35 de Bach; 21: Música de Câmara; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: oncerto por um trio, constituído, por Vasco Barbosa, violino; François Broos, viola; e Celso de Carvalho, violoncelo, preenchido com obras de Bach, Haydn e Schubert; 22 e 13: O violinista Leonid Kogan — Melodia Hebraica (Akhron Auer); 22 e 20: Poemas sinfónicos.

2.º Programa — (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s Às 23: Musica de piano; 23 e 30: Festivais da Páscoa em Salzburgo de 1969 — num programa cedido pelo Instituto Alemão — 2.º acto do drama musical «Siegfried» de (Ricardo Wagner); 1: Fecho.

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Temas da Universidade; 19 e 35: Noticiário, 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 6: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 9 e 30: Rádio-Jornal, 20 e 07: Momento ABC; 20 e 2: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: «P. B X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura e noticiário; em órbita (continuação); 21: Noticiário; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Miscelânea; 19 e 20: Rabbioliac; Norte dia a dia; 21 e 02: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã 23 e 04: Clube de Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Canções a 2 vozes; 18 e 20: Nota do dia, boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: Conjuntos modernos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30:

POSTA RESTANTE

H. M. P. — Viana do Castelo — Evidentemente que esta rubrica é de todos os nossos leitores. Tanto assim que transcrevemos a sua crítica ao ultimo Tele-Ritmo: «Pop-Tols — assim, assim, se o compararmos ao Wallace Collection. Fernando Guerra, Duarte Ciriaco e Barata Mousa — uma chateza. Margaret Savage — muita escola e boa. «Ballet» Fernando Lima — era um «ballet»? Zizi Jean-Maire — não sabia que cantava... e mal. Mara Abrantes — de que lhe serve ter boa voz se está «tão» ultrapassada? Elsa, porquê repetir? Já perdeu a gracinha toda, ao perder a movidade. Wallace Collection, francamete sensacionais. Realização deficiente no 1.º numero.» Como vé, com toda a isenção transcrevemos os seus apontamentos críticos.

Dr.ª M. L. P. — Olhão — Julgamos que essa série está definitivamente acabada. Alegre-se, porém, pois temos visto ultimamente juntos Hélder Mendes e o Manuel do Amaral. Quem sabe...

D. C. C. — Elvas — As inscrições para essas audições só acabarão quando se esgotarem as presenças dos candidatos. Já sabe que a sua deslocação corre por sua conta (e risco)?

P. F. L. — Lisboa — «O caso de poucos terem gostado do J. M., nas transmissões da viagem da Apolo-11, não queria, de modo algum, dizer que ele não havia de voltar, como voltou agora e há-de voltar até ao Apolo cinquenta e tal... Não são só os astronautas a sofrer... E nós?»

M. A. F. — Lisboa — «Esta minha ideia de desligar o som da TV e escutar Eurico da Fonseca, na E. N., resultou excelente, sim, mas foi original...

A. M. — Algés — O actor James Mason não interveio em qualquer série, presentemente programada.

P. F. P. — Porto — Pippi é alemã, mas pode-lhe escrever por intermédio da R. T. P. Alameda das Linhas de Torres, 95. O nome verdadeiro é Inger Nilsson.

Michel em Moscovo

ACTUALIDADE DESPORTIVA

Onten foi dia de futebol europeu para as principais equipas portuguesas que voltaram a defrontar os seus rivais, para os diversos torneios em marcha. O Sporting deslocou-se a Londres onde se bateu com o Arsenal. O Vitória de Setubal voou até Liverpool, onde o esperava o clube da terra. O F C. do Porto esteve em Newcastle defrontando o clube local. O Benfica recebeu o Celtic e em Coimbra a Académica terçar armas com o Magdeburgo. Destes encontros, sã apresentados resumos filmados, cerca das 21 horas, na rubrica «Actualidade Desportiva».

Michel triunfou na URSS

Michel, que actuou já na R. T. P., regressou há pouco a Espanha, de uma segunda digressão pela Rússia. Entre o muito que disse em diversas entrevistas á Imprensa espanhola, pouco falou, todavia, do seu êxito. Um pouco mais tarde veio a saber-se que a cesso já foram apontados. Esperemos que o bom-senso da crítica venha um dia a ser ouvido dentro da fortaleza e sua popularidade atingiu a dos Beatles, Tom Jones e Polnareff.

Disse Michel no regresso:

— Permaneci na Russia de 3 de Setembro a 31 de Outubro. Prátiçamente actuei todos os dias. Conheci cidades como Tbilisi (lembram-se de Miguel Strogoff?), Baku, Asgavat, Novo Sibirisk, Tachkent, Riga, Minsk, Leninegrado e Moscovo, evidentemente.

— Impressão geral sobre o que viu.

— Estou maravilhado. O publico russo é qualquer coisa de grande. Foi um prazer actuar para ele. Escuta o artista com deleite, em silêncio, sem «tosses»... é um público extraordinário, culto e correcto.

— Quais os gostos musicais do publico russo?

— Na União Soviética, a chamada musica «pop» não venceu. Ouve-se pouco. Preferem a musica clássica, melódica, mesmo romantica. No meu reportório levei 25 canções, mas as de maior êxito foram, indubitávelmente, «Granada», «Valência», «Dolores» e «Mayte». A musica espanhola encanta os russos. No final de cada recital interpretava «El Porrompompero» e uma canção russa composta pelos espanhóis Manuel González e Ricardo Ceratto «Spasiba». Ambas obtiveram fartos aplausos. Na TV russa actuei em seis programas, dois deles a cores. Cantei nove canções em cada um. No primeiro, realizado em directo em Tbilisi cantei duas canções do Festival de Sopot.

Vai cantar poemas de Evtushenco

— Como é a TV russa?

— Encantou-me, não só porque técnicamente está entre as primeiras do Mundo, como pela simpatia e cordealidade do seu pessoal. Gostam de grandes montagens em enormes cenários, ainda que as realizações sejam sóbrias.

Entusiasmado o jovem valenciano Michel concluía as suas declarações:

— Quando voltar á Russia, na próxima Primavera, terei que pagar muito dinheiro por excesso de bagagem, tantos são os pedidos dos meus amigos russos para lhes levar livros de autores espanhóis, escritos na nossa língua. O seu interesse por nós é notável. Quero dizer ainda que muito me orgulhei de conhecer o grande poeta Evtushenko, que me ofereceu «Vodka» purissimo e fortissimo, servido em pequenos cálices de prata e oiro e me autorizou a adaptar alguns dos seus poemas ao meu reportório.

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil — «Os Homens e os Livros e as Coisas»; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Parada da Indústria; 20 e 55: «Casei com uma feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Concerto; 22 e 35: «A Brigada Especial»; 23 e 35: Marcha do Mundo, Meditação e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «2 Contra o Mundo»; 23 e 55: Fecho.

canal da crítica

VIVA, MESTRE GIL! VIVA, POR QUE VOCÊ ESTÁ VIVO, AFINAL

1 — Dar a conhecer aos portugueses os artistas portugueses, eis aí uma obra de misericórdia no domínio cultural e de consciencialização das nossas raízes. Gil Vicente não podia deixar de vir, mais tarde ou mais cedo, à nossa Televisão. Não podia deixar de vir em grande força e na plenitude da sua verdade. É verdade que o tivemos já algumas vezes nesta tão poderosa teletela. Tão diluído, porém, tão convencionalizado que sempre acabávamos por nos perguntarmos onde teriam deixado o verdadeiro Gil Vicente.

2 — Pois ontem, com uma rapsódia das três barcas, aconteceu Gil Vicente. Aconteceu muito da sua poesia, muito do seu poder de crítica, e alguma da sua visão de alguns problemas da época, em especial no respeitante a questões religiosas. É certo que várias limitações — entre as quais a do tempo — impediram a exibição integral da trilogia. Daí que possa considerar-se criterioso e admissível o «digesto» a que procedeu Rogério Paulo — isto se considerarmos que o óptimo poderá ser inimi-

(Continua na página seguinte)

SALORA
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM J. PIMENTA, S. A. R. L.

Rendimento de 6 a 10% garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito.

Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

135.000$00 — 215.000$00
140.000$00 — 225.000$00
150.000$00 — 230.000$00
155.000$00 — 250.000$00
165.000$00 — 255.000$00
175.000$00 — 265.000$00
180.000$00 — 305.000$00
185.000$00 — 325.000$00
190.000$00 — 350.000$00
195.000$00 — 470.000$00
200.000$00 — 600.000$00

PREÇOS DOS ANDARES

3 assoalh. 190.000$00
3 » 200.000$00
3 » 220.000$00
4 » 300.000$00
5 » 380.000$00
6 » 440.000$00
9 » 750.000$00
12 » 880.000$00

LOCAIS ONDE POSSUÍMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA-AMADORA — CENTRO DA AMADORA — VENDA NOVA-AMADORA (Junto à Garagem Eduardo Jorge) — PAÇO DE ARCOS (Espargal) — PAREDE (Rua do Lobito, à Quinta do Junqueiro) — LISBOA e CASCAIS

MORADIAS LUXUOSAS

9 DIVISÕES ASSOALHADAS, 3 CASAS DE BANHO, COZINHA, GARAGEM, QUINTAL E JARDIM MAGNÍFICA VISTA DE MAR E SERRA, SITUADA NA RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO, EM PAÇO DE ARCOS

Facilita-se parte do pagamento

APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO:

Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — Rua D. Dinis; Venda Nova — por detrás da Garage Eduardo Jorge; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (na retaguarda do Hotel Baia).

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Azulejos nacionais e estrangeiros — **Plásticos** para revestimentos de paredes e tectos. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, flores e apetrechos para jardins, encontra V. Ex.ª nos mais baixos preços, nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15 — Tels. 45843 e 47843 QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Tels. 952021/22; AMADORA-REBOLEIRA, Tel. 933670

A nossa organização vende mais barato e com mais garantias porque é a única do país devidamente apetrechada na indústria e comércio do ramo

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

go do bom e se alimentarmos a convicção (o sonho...) de que estas exibições empurrem alguns telespectadores para a leitura integral de Mestre Gil e para a compreensão total dele.

3 — A apresentação de Gil Vicente encontra sérias dificuldades. Em primeiro lugar, repete-se: há que enfrentar corajosamente a necessidade de actualizar o nosso grande artista. A linguagem de Gil é, para nós, uma linguagem estrangeira em muitos dos seus aspectos. E como qualquer língua estrangeira tem de ser traduzida.

Esta sugestão não é de agora. Afonso Lopes Vieira desejava-o. António José de Almeida acha indispensável a tradução.

Tal como aconteceu na última emissão dedicada a Gil Vicente, também ontem Luís Francisco Rebelo procedeu a algumas modernizações. Subsistiram, porém, muitas palavras, muitas expressões que já não se enquadram no nosso quotidiano. Quase sempre, entenda-se, para manter a rima — como se isso tivesse alguma importância para o entendimento do texto.

Assim, por exemplo, se mantiveram *eramá*, *giolhos*, *refrigério*, etc., etc. Igualmente ficou o *onzeneiro*, embora ninguém hoje adivinhe que essa palavra significa usurário, emprestador de dinheiro a juros. Depois da «bronca» monumental do «Zip-Zip», de que todos ainda estarão lembrados, compreende-se que tradução não haja sido feita. Aí tínhamos Mestre Gil sentado no banco dos réus a responder por difamação...

4 — Mas a apresentação de Gil Vicente, dada a construção erudita da frase, dada a movimentação exigida pela arquitectura do poema, exige que os actores saibam falar, que expliquem, que desdobrem tudo muito bem desdobradinho. Por mal dos nossos pecados, o actor português, de maneira geral, não sabe falar. Aí se encontra uma das razões da dificuldade em dar Gil Vicente em condições satisfatórias.

Foi nítida, ontem, a preocupação de remover (tanto quanto possível) esse obstáculo, nem sempre conseguido, é certo, como foi o caso de Célia de Sousa que destoou por completo dos seus companheiros. Algumas interpretações ficaram, muito justamente, na memória, no agrado do público. Nicolau Breyner, por exemplo, estudou com minúcia o seu papel que resultou estranhamente eficaz. A mudança de velocidade que imprimiu á voz e á expressão quando se transferiu do Diabo para o Anjo, feita com raro instinto de teatro, contou ainda com o impacto da câmara que estava atenta.

Alexandre Vieira fez o seu melhor trabalho como actor na televisão portuguesa. Luís Cerqueira, Borsatti, Santos Manuel, Rolando Alves, souberam integrar-se no ritmo imprimido á encenação.

Maria Dulce foi talvez quem melhor soube dizer as palavras de Gil Vicente. É verdade que a vagarosa, a angelical intenção ajudava muito. Mas que Maria Dulce tenh aaproveitado (e não desaproveitado) esse vento de feição, eis o que não pode deixar de ser levado a seu crédito.

Rogério Paulo, por sua vez, deu-nos um Diabo pouco activo, pouco desenvolto, como que peado pelo breve espaço posto á sua disposição para actuar. Preferiu que todo o poder, toda a verdade diabólica, se exprimissem pelo espaço de cada palavra, de cada verso, de cada intenção. Foi, sem dúvida, o tipo de Diabo que melhor convinha ás exigências da televisão. Pena foi que a falta de fôlego o atraiçoasse tão frequentemente, originando desnecessárias e perigosas soluções de continuidade no discurso.

5 — Antes da representação houve uma longa conversa entre o belga Beckan, Luís-Francisco Rebelo, Rogério Paulo e Artur Ramos. Do improviso, nenhuma vantagem de ordem prática resultou para o telespectador comum. Em especial Artur Ramos, perdeu-se em divagações desajeitadas, próprias de quem possui mais prática em planificar para as câmaras do que para enfrentá-las.

Rarearam os grandes planos nesta emissão. E eles seriam a arma a utilizar para evitar o empastelamento das figuras em tão limitado espaço concentradas e para dar mais ênfase ao que importava mais ali: as palavras de Gil Vicente.

Assim mesmo, as câmaras actuaram de maneira a reforçar uma ou outra expressão, um ou outro gesto.

A música electrónica teve o condão de sublinhar a nota grave, solene e misteriosa a que justamente Artur Ramos se referiu. E com que delicadeza, com que contenção o fez!

Mas querem saber? Talvez Peixinho não a fizesse pior...

VIRAM A «TV INFANTIL»?

Ontem era dia de «TV Infantil». Era dia da «Aldeia do Moinho», a fitinha inglesa capaz de purificar os nossos meninos de tanto mal que lhe fazem os desenhos animados de origem americana.

Ficámos á espera da voz de João Perry, que costuma acompanhar esta fita. A voz não vinha, a voz não veio. A fita estava no ar com a banda sonora da origem: um inglês puríssimo, um narrador cheio de encanto e de imaginação — mas através do qual, claro, os nossos pequeninos não entendiam patavina. A certa altura a fita parou, sem mais nem menos, e «Viram TV Infantil».

Compreende-se a existência de um engano. Uma fita ainda não programada, troca de bobinas, sei lá que mais. Atire quem quiser á RTP a primeira pedra e verá o que lhe acontece no conceito bíblico.

Se tal facto se compreende, compreende-se igualmente que a Televisão portuguesa apresentasse desculpas ou, pelo menos, viesse explicar o que se passara. Nada disso fez. E a falta, que era apenas profissional, tornou-se pessoal. A RTP corta abruptamente uma rubrica destinada ás crianças e não dá explicações — corre tudo normalmente, no melhor dos mundos...

E pelos vistos parece que corre. Mas lá que a RTP merecia uns açoites — merecia. Sua mázona, então isso faz-se ós meninos?

MÁRIO CASTRIM

Cooperativa Florestal das Beiras

(EM FORMAÇÃO)

SEDE PROVISÓRIA — ÁGUEDA

(Abrange os distritos de Aveiro, Viseu e Coimbra)

COMUNICADO

Realizou-se no sábado, dia 22, a ultima assembleia para a aprovação dos Estatutos que vão ser entregues imediatamente ás entidades competentes para a respectiva aprovação.

Solicita-se aos proprietários de pinhais e eucaliptais daqueles distritos, não importa onde vivam, que entrem com brevidade em contacto com a Direcção a fim de tomarem conhecimento dos problemas, receberem estatutos e quaisquer outras publicações, prestarem a sua ajuda e darem a sua adesão, querendo.

Correspondência dirigida para Américo Urbano, RECARDAES — ÁGUEDA, Telef. 62624.

A DIRECÇÃO

Américo Urbano — professor
Dr. Victor Hugo Miragaia — advogado
António Faria — proprietário
Fausto Manuel de Sousa — proprietário
Dr. Jacinto Lailanda Ribeiro — médico

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

ANDARES

Vendem-se os ultimos que restam alugados, a renderem 7 e 8%, aos preços de 150 e 220 c., um dos melhores locais da Vila de Sacavém Trata «A Diligente». Tel. 41364, Rua Carlos Mardel, n.º 2, 2.º.

Cortina *J. Mendes Coelho, Lda.* **Escort**

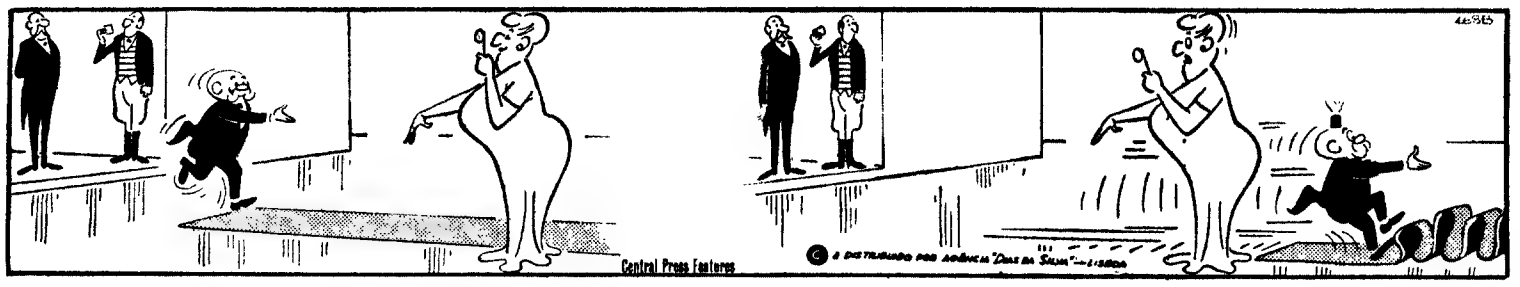
R. Alexandre Herculano, 6-A

Ford

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 27 de Novembro de 1969 publicava:

«**MOSCOVO — Notícias de Leninegrado dizem que naquela região militar o Exército russo se encontra preparado para entrar em acção, no caso de a Finlândia não dar satisfação ás exigências que lhe foram feitas.**»

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concurso para o ano de 1970

PAPÉIS REGISTADORES PARA ELECTROMEDICINA E APARELHAGEM DE LABORATÓRIO

Concurso público n.º 25/70

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sábados, em que o horário será das 9 ás 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, em 25 de Novembro de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES,

a) **Manuel Brioso Pina de Jesus**

Palavras cruzadas

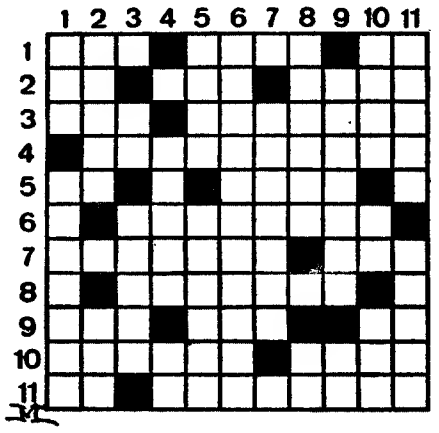
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5371

HORIZONTAIS: 1 — Capa sem mangas. Célebre corsário francês a quem Luís XIV deu títulos de nobreza e o posto de chefe de esquadra. Fazes parte. 2 — Preposição. Cidade da França, no departamento de Altos-Alpes. Faustuoso. 3 — Época. Roubou. 4 — Pequenos estabelecimentos de miudezas e quinquilharias. 5 — Concede. Grande vaso de barro, para líquidos. 6 — Cuidareis de. 7 — Atónita. Rente. 8 — Arrogante. 9 — Recusa. Pronome pessoal. Existe. 10 — Anreda. Quis muito. 11 — Pertences. Imputais.

VERTICAIS: 1 — Composição poética. É consequência. 2 — Prejuízo. Ditongo (pl.). 3 — Em porções iguais (abrev. quím.). Dificuldades. 4 — Antiga medida de comprimento equivalente a 22,5 cm. Caminhe. 5 — Vestígio de exploração de ouro na Zambézia. Capazes. 6 — Toques com a mão. 7 — Agravara-se. 8 — Melancólico. Antes de Cristo. 9 — Completo. Imperfeita. 10 — Ressoa. Igreja episcopal. Tenho. 11 — Rio afluente do Douro. Transpirais.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5370

HORIZONTAIS: 1 — Quelimane. 2 — Nulo. Asas. 3 — Eduzir. Til. 4 — El. Dakar. 5 — Atiinamos. 6 — As. Ar. Nepal. 7 — NEM. Usai. 8 — Umas. Maçada. 9 — Roi. Sarai. 10 — TUDO. Ir. 11 — Sue. Ases. Só.

VERTICAIS: 1 — QUE Canudos. 2 — Dê. Sem. 3 — Émula. Mante. 4 — LUZ. Tá. Sou. 5 — Ilidir. Ida. 6 — Morar. Um. Os. 7 — Kansas. É. 8 — Na. Ameaçais. 9 — Estropiar. 10 — Ai. Sã. Dais. 11 — Osile. OIRO.

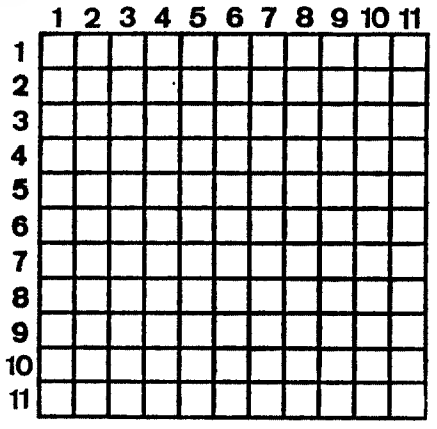
(Provérbio: NEM TUDO QUE LUZ É OIRO.)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9214

HORIZONTAIS: 1 — Taça. Doença que dificulta a respiração. 2 — Camareira. Nome de mulher. Um dos pontos cardeais. 3 — Reis. Arremessa. Seguia. 4 — Examina com atenção. 5 — Paixão. Espécie de andorinha. 6 — Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Balela. 7 — Cidade de França. Leitos. 8 — Afiara. 9 — Apelido. Azeitona. Crómio. (s q.). 10 — Remo para trás. Rio da Rússia afluente do Volga. Progenitor. 11 — Aversão. Rio que nasce em França banha a França, a Bélgica e a Holanda.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Belmonte. Apanha na água (o peixe). 2 — Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Esteiro. Suspiros. 3 — Deus dos pastores. Venera. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 4 — Sem nome. 5 — Prender. Chão. 6 — O mesmo que índigo (matéria corante). Teatro de uma luta qualquer (Fig.). 7 — Cantiga. Terra cavada. 8 — Albergara por esmola. 9 — Abreviatura de Santíssimo. Perfume. Rio de Itália. 10 — Muito. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Cabelos brancos. 11 — Inundo. O Arão da Bíblia.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9213

HORIZONTAIS: 1 — Rego. Sado. 2 — Aló. Ata. Cri. 3 — Lá. Acena. Er. 4 — Avisa. Ulano. 5 — Ramal. Lagos. 6 — Meã. 7 — Calma. Ranas. 8 — Atoar. Irada. 9 — Tu. Sabão. Ui. 10 — Ari. Mim. Obá. 11 — Ramo. Arão.

VERTICAIS: 1 — Ralar. Catar. 2 — Elava. Atura. 3 — Gó. Imola. Im. 4 — Asa. Mas. 5 — Acalmaram. 6 — Até. Bis. 7 — Anularam. 8 — Ala. Ana. 9 — AC. Agira. Or. 10 — Dremo. Aduba. 11 — Oiros. Salão.

PRÉDIO EM LISBOA POR 4.200 CONTOS

De excelente construção moderna, de 3 frentes, c/ 2 entradas, de comércio e habitações, tendo cada 4 casas assoalhadas, cozinha, despensa, 2 casas de banho e todos os requisitos modernos. Trata e mostra a

«NORTENHA»

P. ALEGRIA, 58-2.º — Telefs. 36 67 31 - 36 68 12 - 36 22 28

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDA A:	DESTINO
«ROVUMA» *	1 de Dezembro	Directo A: Príncipe, S. Tomé, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçâmedes, e, se necessário, Porto Alexandre e Cuio.
«P. PERFEITO»	9 de Dezembro	Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.
«ANGOLA»	9 de Dezembro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.
«NACALA» *	17 de Dezembro	Luanda, Lourenço Marques, Beira e Nacala.
«S. THOMÉ»	17 de Dezembro	Leixões, Luanda, Lobito e Cabinda.
«TIMOR» *	22 de Dezembro	Luanda, Lobito, Lourenço Marques, Beira (se necessário), Singapura, Hong-Kong, Dili.

* Com escala prévia por Leixões

LISBOA — Rua do Comércio, 85 — Telef. 323021 — Reserva de Passagens: 34764 - 369172

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 63 — Telef. 22430

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TAÇA DOS CAMPEÕES: Benfica, 3 - Celtic, 0

O SALÁRIO DO ESFORÇO PERDEU-SE NO CASINO

Uma moeda de um florim, lançada pelo árbitro holandês senhor Rawens, volteou no ar, e, ao cair, disse que o Celtic é que era bom e merecia continuar na Taça dos Campeões. Fora com o Benfica. Ao longo de duas horas, o velho vulcão encarnado que há muito parecia adormecido esteve em súbita e espectacular erupção. E o que parecia impossível aconteceu: o Benfica, dente por dente, aliás, golo por golo, anulou a pesada desvantagem trazida de Glasgow. Inesperadamente. E mais inesperadamente porque o azar batera à porta do campeão português, impedindo-o de apresentar jogadores de grande influência, como são Humberto Coelho e Torres. E mais, no próprio dia do jogo, Eusébio doente, com febre, a implorar que o deixassem jogar, mas (por esse motivo ou por ter sofrido um pontapé) não aguentou mais que os três primeiros quartos de hora da partida, que viria a ser longa e, também toda ela, febril.

E aí estava o Benfica, com Raul Águas, habitualmente «reserva», o inexperiente Messias, que não fizera ainda mais que vinte minutos na primeira categoria, e, mais tarde, um «miúdo» de nome Vítor Martins, junior da época passada, aí estava um Benfica assim a lutar contra o famoso Celtic, escudado no seu seguro de vida de três golos. E o que aconteceu foi realmente uma coisa espantosa. Não apenas o vingar com 3-0 o 0-3 da Escócia, mas toda uma superioridade, o assalto, o cerco à baliza adversária, as oportunidades de chegar mais além, a vitória sobre o adversário e sobre o cansaço, a entrega total à empreitada. Podia ter chegado, merecia ter chegado além de três golos, o salário amealhado por esses trabalhadores da bola no seu suor de duas horas de esforço impressionante. Com uma abnegação que foi para além dos limites, como no caso de Diamantino, que se manteve na luta — com um braço partido.

E no fim, os homens ainda quedos e exaustos souberam que tudo haviam perdido numa sorte de casino. A moeda ao ar. Ora bolas para um regulamento que traz uma espécie de «jogo de batota» para um jogo de bola. Mais: naquela moeda, naquele gesto do árbitro holandês, não havia apenas o prazer de continuar numa prova importante ou a decepção de se ser afastado dela.

Comentário de MÁRIO ZAMBUJAL

O futebol profissional, a este nível, envolve grandes interesses financeiros, receitas de milhares de contos. Que o Benfica perdeu por ter escolhido a face errada. Que o Celtic ganhou por ter apostado na outra.

Talvez poucas vezes tenha acontecido, mesmo em Monte-Carlo ou Las Vegas, jogar-se assim, numa fracção de segundo, uma tal fortuna. Ao «cara ou c'roa».

Aconteceu nas cabinas do Estádio da Luz.

Se o Celtic tivesse marcado um golo teria sido a coisa mais natural deste mundo, e, enfim, a vitória do Benfica não seria, como acabou por ser, talvez a mais amarga de quantas conseguiu até hoje. E teria sido natural, porque os escoceses, atacando muito menos, fizeram-no de tal modo que José Henrique foi uma das grandes figuras do jogo. (A propósito, estranha-se: este magnífico guarda-redes ainda não terá feito o suficiente para ser chamado, ao menos, aos treinos da selecção?).

Remate de Simões — um dos muitos que os avançados do Benfica atiraram á baliza do Celtic

Se isso (um golo escocês) tivesse acontecido, estaríamos, uma vez mais, perante a consagração do futebol de contra-ataque, o bate-e-foge, o calculismo de quem espera o adversário em desequilíbrio. Porque o Benfica começou o jogo com todos os sentidos atentos á baliza de Fallon. A meta que era preciso alcançar. Com urgência e a todo o custo. Essa ambição impulsionou os campeões portugueses para uma velocidade admirável, e a defesa do Celtic cedo viveu os primeiros sobressaltos. Não tardou, porém, que os escoceses reagissem e a sua linha de ataque se mostrasse ameaçadora. A ponto de os «laterais» do Benfica terem de recorrer a algumas infracções, que tiveram a nota mais desagradável quando Malta da Silva atingiu Hughes com uma cabeçada.

Chegou a parecer que o Celtic ia destruir as ilusões benfiquistas com uma perna ás costas. Durante alguns minutos, os escoceses, muito rápidos e de boa execução individual, mostraram as melhores cartas, e a tal hipótese remota de anular o atraso de três golos passou a ser ainda mais remota. Mas o Benfica voltou á carga com redobrado ardor. O golo, o desejado, anunciava-se uma vez e outra. Especialmente numa espectacular «bicicleta» de Artur Jorge, e num soberbo remate de Eusébio, com a bola no ar, que Fallon defendeu muito bem. Mas, por estas e por outras, estava-se á espera do golo. E vieram dois, no espaço de quatro minutos. Primeiro por Eusébio, que saltou vigorosamente para a bola, que Simões, em jogada estupenda, lançara para a sua frente. E, logo a seguir, por Jaime Graça, a concluir uma sucessão de passes, mais uma vez iniciados por Simões.

Até ao intervalo, o Benfica continuou a ser «todo ataque». Desde Malta da Silva e Adolfo, que se «desdobravam» como «extremos», até ao impressionante Coluna, que, lá de trás, dava o primeiro silvo para muitas viagens do comboio das ambições benfiquistas. Um comboio «foguete».

*

Na segunda parte, o Benfica não jogou tão bem. Surgiram os primeiros sinais de fadiga. Em vez de ofensiva continuada, de velocidade permanente, a equipa começou a aparecer em espasmos de inconformismo, de cada vez que o Celtic ameaçava tomar conta da banca. A saída de Eusébio equivaleu á perda de um trunfo importante, talvez decisivo. Mas o jovem Vítor Martins, depois de alguns minutos para «apanhar o ritmo», seria um jogador de grande utilidade na faina do meio-campo. Na frente passou a estar Jaime Graça — um excelente futebolista, mas sem aquele «instinto da baliza» que tornou Eusébio famoso.

Golo do Benfica. Três vezes se assistiu a esta cena de júbilo. Mas no fim, uma moeda holandesa iria transferir toda a alegria para a equipa da Escócia.

Assustados, os escoceses, a verem escapar-se-lhe entre os dedos as economias amealhadas, redobraram de preocupações. Não encafuando-se na sua área, antes atirando para o meio-campo — a terra-de-ninguém da guerrazinha do jogo — o grosso dos seus efectivos. Na frente ficou apenas o incansável Johnstone, réplica escocesa de Simões, a amarrar junto dele dois ou três benfiquistas. E dar-lhes dores de cabeça. Claro que os portugueses que abundavam aqui faltavam na batalha do meio-campo. E essa primeira cortina de camisolas listadas de verde ia parando a maioria dos golpes e tentando lançar os seus. Mas o Benfica, parecendo por várias vezes morrer para as possibilidades de um terceiro golo, renascia de novo. E no último quarto-de-hora voltou a fazer andar o guarda-redes Fallon numa roda-viva. E, quando já parecia que não, que afinal não fora possível, eis que um «livre» de Simões permite a Diamantino o golpe de cabeça que anulava toda a vantagem do Celtic. Três-zero. Seguia-se o prolongamento.

*

Quem terá pensado, conscientemente, que o Benfica se poderia superiorizar ao adversário na meia hora suplementar? Mas foi o que aconteceu, com uma nitidez espantosa. Especialmente na primeira metade, a coisa tomou aspectos invulgares entre equipas do mesmo plano. Tanto mais que, em princípio (ainda não se sabia qual a «decisão» da moeda) o Celtic tinha agora tanta necessidade de obter o seu primeiro golo como o Benfica necessitava de conseguir o seu quarto tento. Mas os escoceses mostraram, então, que também neles a fadiga era muita. E como em cima dessa fadiga tinham o peso da decepção, o desmorte pela inesperada perda do seu pecúlio, mais lentas lhes eram as pernas e o raciocínio. E foi o Benfica, onde á resistência física de Coluna e Toni se juntava a força do ânimo de todos, que lançou rasos e corriscos na área do Celtic.

Com menor intensidade, mas ainda superioridade, no quarto-de-hora último. Mas a árvore do esforço não floriu.

Em vez disso — florim.

*

Coluna (um quarto-defesa segurís-simo e que comandou admiràvelmente a equipa), José Henrique (três defesas

(Continua na 26.ª página)

TAÇA DOS CAMPEÕES: Liverpool, 3-V. Setúbal, 2

DOIS GOLOS INÚTEIS NO CAIR DO PANO

LIVERPOOL, 27 — Dois golos sofridos nos ultimos quatro minutos da partida num período já concedido pelo árbitro para compensar tardanças, furtaram ao Vitória de Setubal a possibilidade de novo triunfo sobre o Liverpool na segunda eliminatória da Taça das Cidades com Feira.

Mas embora derrotado por 2-3, a equipa de Setubal garantiu a sua continuidade na competição, o que conseguiu com invejável brilho e com a categoria que a identifica como um excelente conjunto á escala internacional.

Mercê de um excelente

Comentário de RUDOLPH DAVIES

sentido de entre-ajuda e de uma racional distribuição posicional dos seus jogadores no rectangulo, os portugueses não consentiram que o maior poderio físico do adversário se apoderasse do comando da partida, conseguindo com a sua técnica invejável reduzir ao mínimo o perigo que representava a força dos ingleses.

Repare-se até que só aos 17 minutos de jogo se registou o primeiro remate á baliza de Vital e que já anteriormente o venenoso contra-ataque do Setubal lançara o panico na equi-

(Continua na página seguinte)

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TAÇA DOS VENCEDORES DAS TAÇAS
Académica, 2-Magdeburgo, 0

SEGUNDA PROVA SEGUNDA APROVAÇÃO

Comentário de

LUÍS PEDRO

A Académica correspondeu, ontem, á noite, ás esperanças que muitos nela depositavam, de que seria capaz de anular a desvantagem trazida de Magdeburgo, quando ali disputou o encontro da primeira «mão» da segunda eliminatória da Taça dos Vencedores das Taças.

E correspondeu da melhor maneira que se poderia desejar, oferecendo a toda a assistência um magnífico espectáculo, proporcionando uma exibição de grande gala, que, sem favor, pode considerar-se das melhores dos ultimos anos.

Mormente nos primeiros 45 minutos, o trabalho produzido pelos pupilos de Juca foi excelente, pecando, apenas, por falta de concretização, retardando o desfecho do desafio. Os dois golos que, providencialmente evitaram complicações para os estudantets (não fosse caso de ter de se recorrer a «moedas ao ar») surgiram, quando a ascendência e a fulgurancia da exibição académica já decrescera um tanto.

Francamente, a equipa conimbricense excedeu as melhores previsões, revelando novo sistema de jogo e imprimindo aos lances uma velocidade que a todos — adversários e publico — terá surpreendido. Sentido mais prático de jogo foi a impressão dominante que ficou do trabalho dos pupilos de Juca, que com o pé direito entrou a orientar a equipa.

A equipa da Académica foi, totalmente diferente daquela que os alemães conheceram há quinze dias, no seu burgo. Até isso poderia ter ajudado o adversário a curvar-se, desorientando-o e impedindo-o de alcançar um golo, que poderia servir a tranquilidade dos visitantes

A pertinácia dos estudantes em adiantarem-se no marcador, em prolongarem a sua permanência na prova, acabou por produzir os seus efeitos, mesmo considerados motivos que poderiam quebrar o ritmo de jogo em que a equipa da casa se havia lançado, como seja a substituição de Rui Rodrigues (e que bem ele estava a jogar), pelo dedicado Rocha.

Atingir o intervalo com o marcador sem funcionar podia ter sido motivo de desanimo para a equipa dos estudantes. Mas não foi. Na segunda parte, embora menos fulgurantemente, os donos do campo porfiaram. O primeiro golo surgiu em boa altura, a dar novos alentos á equipa local. A partir da sua vantagem de 1-0, a Académica evidenciou preferência por outra táctica (a de contra-ataques) continuando a ser o grupo mais perigoso sobre o terreno, sem descurar, no entanto, a defesa, porquanto um golo dos alemães seria o ruir do belo trabalho produzido.

Os alemães do Magdeburgo não puderam corresponder ao que deles se esperava, jogando, apenas, o que a Académica deixou que jogassem.

*

Estádio Municipal de Coimbra.

Árbitro — Francesco Francescon, italiano, auxiliado pelos seus compatriotas Guiseppe Muretto e Moito Campanini.

ACADÉMICA — Viegas; Artur, Alhinso, Rui Rodrigues e Araújo; Gervásio («cap.») e Vitor Campos; Mário Campos, Manuel António, Nene e Serafim.

F. C. MAGDBURGO — Meldenhauer; Zapes («cap.»); Kubilsch, Ohm, Fronzek e Sykora; Hang e Abraham; Hermann, Walter e Sparwasser.

Hansen substituiu Hang (aos 86 m.).

Marcadores: Alhinho (aos 58 m.) e Mário Campos (aos 85 m).

A equipa da Académica que ontem eliminou o seu segundo adversário da Taça das Taças. Em pé: Viegas, Rui Rodrigues, Alhinho, Artur, Araujo e Gervásio; no primeiro plano: Mário Campos, Manuel António, Vitor Campos, Neves e Serafim.

HOMENAGEM A JOAQUIM AGOSTINHO

Uma comissão de adeptos do Sporting, residentes na Damaia, oferece hoje um jantar de homenagem ao ciclista Joaquim Agostinho, que se fará acompanhar dos seus colegas, Leonel Miranda e João Roque.

No final, o presidente da comissão, António Ramos Pereira, oferecerá ao homenageado a miniatura em ouro de uma roda de bicicleta, e também, será entregue, aos dois ultimos ciclistas, uma pequena lembrança.

LIVERPOOL-V. SETÚBAL

(Continuação da pág. anterior)

pa adversária que se não entendia com o futebol filigranado mas intencional do «onze» português.

Surgiu, assim, como corolário de uma toada mais espectacular e simultaneamente realista o primeiro golo do Vitória de Setubal na conversão de uma grande penalidade a castigar a forma como a defesa inglesa se opusera á finalização de uma estupenda jogada dos visitantes.

A perder por 0-1, mais se acentuou a intranquilidade do Liverpool, enquanto do lado português se fortaleceu a ideia de que realmente a eliminatória poderia ser ganha. E até ao intervalo os futebolistas do Liverpool não revelaram talento para se opor a um antagonista claramente mais tecnicista nos esquemas apresentados e cujo contra-ataque fazia oscilar de «ponta a ponta» a defesa e meia defesa inglesa.

Era por demais evidente o desnorte que se apossara da turma do Liverpool e muito embora este apresentasse novos «pontas-de-lança» no início dos quarenta e cinco minutos finais foi essa perturbação que esteve na base do segundo golo dos portugueses, alcançado por Strong na própria rede. Logo a seguir, o fruto ainda do descontrole dos ingleses, incapazes de parar a «teia» em que os envolvia o conjunto de Setubal, Jacinto João teve o 3-0 á sua mercê com a baliza adversária completamente escancarada e á sua disposição.

No entanto, era impossível aos portugueses manter o ritmo velo. que tinham adoptado e a fadiga começou a fazer a sua aparição nas hostes setubalenses. E veio o 1-2 também na conversão de um castigo máximo.

O treinador do Vitória de Setubal fez então duas substituições na sua equipa: Guerreiro cedeu o lugar a Correia e Figueiredo substituiu Ar anjo Era visível o propósito de refrescar o «team» e a inclusão de Correia nas zonas do meio campo denunciava até intenções defensivas.

E foi acertada a decisão do técnico português. A sua equipa, agora mais ameaçada territorialmente, pôde suportar o assédio contrário. Sofreu, ainda, dois golos quando o juiz da partida entrara já no domínio das compensações do tempo perdido, mas pôde eliminar da prova uma das equipas mais categorizadas que nela participam: a do Liverpool.

Anfield Park, em Liverpool.

Árbitro — A. Delcourt, da Bélgica.

LIVERPOOL — Lawrence; Lawler, Smith, Yeats e Strong; St. John e Thompson.

VITÓRIA — Vital; Rebelo, Cardoso, Alfredo e Carriço; Tomé, Vagner e José Maria; Guerreiro, Arcanjo e Jacinto João.

Substituições: Depois do intervalo, Hunt e Evans substituiram os dois «pontas-de-lança», Peplow e Graham. No Vitória, Figueiredo rendeu Arcanjo aos 21 minutos e Correia estreou-se substituindo, aos 32 minutos, Guerreiro.

Ao intervalo: 0-1.

Marcadores, de grande penalidade (aos 21 minutos) e Strong (aos 25 minutos) pelo V. Setúbal; Smith, de grande penalidade (aos 60 m.), Evans (aos 91 m.) e Hunt (aos 94 m.).

Académica (Taça das Taças) e Setúbal (Taça das Feiras) continuam «na Europa»

Das equipas portuguesas empenhadas nas competições europeias de futebol apenas duas se mantêm em prova: a da Académica de Coimbra na Taça das Taças e a do Vitória de Setúbal na Taça das Cidades com Feira. Ontem á noite ficaram afastados o Benfica, o Sporting e o F. C. Porto.

Meritório é, sem dúvida, o feito dos setubalenses, que, partindo para Liverpool com a vantagem de um golo, souberam mantê-la através de um inteligente processo de jogo que lhes rendeu mais dois tentos o que lhes garantiu a qualificação apesar das três vezes em que a equipa do Liverpool conseguiu bater Vital.

Louvavel também o empenho dos estudantes cuja capacidade bastou para neutralizar o golo sofrido no jogo da 1.ª mão com os alemães do Magdeburgo. A vencer por dois golos sem resposta a Académica disputara por direito e mérito próprios a 3.ª eliminatória da prova.

Dramática foi a eliminação do Benfica ditada pelo caprichoso sistema de «moeda ao ar». Depois de recuperar os três golos sofridos em Glasgow, os «encarnados» vêem o Celtic continuar na Taça dos Campeões porque a fortuna lhes sorriu. Ficou por terra todo o esforço de uma noite gloriosa e de uma actuação inesquecível de querer, brio e... futebol.

Se atendermos as condições que rodearam as partidas que o Sporting e o F. C. Porto disputaram respectivamente em Londres e Newcastle temos de reconhecer que a eliminação destas equipas deve-se mais á infelicidade do que realmente a falta de virtudes. Aquelas duas equipas portuguesas deixaram bem vincada a sua categoria, não podendo, porém, vencer os imponderáveis do próprio futebol.

HOJE À NOITE

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Metropolitano de Seniores: Paço de Arcos-C. U. F., ás 22 e 30, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa.

Campeonato Metropolitano de Juniores: C. Ouriquense-Salesiana, ás 21 e 45, no Pav. dos Desportos de Lisboa.

Campeonato Nacional de Juvenis: P. Arcos-Salesiana, ás 20 e 45, no Pav dos Desportos de Lisboa

O BRINQUEDO QUE MAIS ESTIMULA A IMAGINAÇÃO

MÄRKLIN

Opel
É sempre mais carro

Para todos os gostos e necessidades: Kadett, Kadett Caravan, Rekord, Comodore, GT. Todos eles com a precisão da mecânica alemã. O máximo em performance e economia. O estilo, tão moderno e funcional. O conforto. A segurança. Uma rede de serviços por todo o país. Opel. É sempre mais carro. Venha vê-lo e experimentá-lo no nosso stand.

LICAR AV. CASAL RIBEIRO 48A 48C LISBOA 1

OPEL GM

Sporting em Coimbra

Garantimos bilhete

DOMINGO, 30 DE NOV.º

1.ª PARTIDA — Sábado, dia 29, às 14.30 h. — Visitando PENACOVA, CRUZ ALTA, BUÇACO e LUSO

ESC. 100$00

2.ª PARTIDA — Domingo, 30 às 8 horas

ESC. 80$00

LUSANOVA

Avenida João XXI, 9-A
Largo Martim Moniz, 5-A
Telefs, 726115-862194-726116

O NORTE DESPORTIVO

NA EDIÇÃO DE HOJE

Além de comentários aos jogos europeus, e das últimas informações desportivas, o Suplemento de Outono de Automobilismo com os últimos preços dos carros à venda em Portugal.

TAÇA DAS FEIRAS: Newcastle, 1-Porto, 0

De um excelente guarda-redes para um guarda-redes improvisado

COMENTÁRIO DE DENIS CLARK

Especial para o «Diário de Lisboa»

NEWCASTLE, 27. — Ao perder ontem, á noite, por 1-0 frente ao Newcastle a equipa portuguesa do F. C. Porto viu cairem por terra as suas esperanças de prosseguir na Taça das Cidades com Feira.

Mas diga-se desde logo que a equipa portuguesa criou grandes embaraços ao Newcastle. Com efeito os jogadores ingleses, embora tivessem alcançado um golo por intermédio de Jim Scott aos vinte e um minutos da partida não se entenderam com o 4-4-2 dos portugueses todo feito de pertinácia, aplicação e entusiasmo.

Rui, guarda-redes do F. C. do Porto

Certo é que esse empenho dos visitantes não se desenvolveu no sentido atacante. Os portugueses, antes do mais, procuraram guarnecer o seu meio campo, para dessa forma tentar deter a natural toada ofensiva que os jogadores do Newcastle adaptaram e que o seu 4-2-4 testemunhava.

E mercê da sua velocidade sobre a bola, da ausência de renunciar na discussão das jogadas e sobretudo de exemplar espírito de sacrifício, os portugueses conseguiram suportar com êxito a pressão atacante a que foram submetidos, travando sucessivamente todas as investidas contrárias.

Para o malogro constante das arremetidas inglesas, porém, um homem houve cuja exibição tocou a fronteira ao brilhantismo, opondo-se com iniludível categoria a que muitos dos lances concebidos e desenhados pelos dianteiros do Newcastle terminassem em golos: o guarda-redes Rui que com uma excepcional exibição fez fracassar todas as ocasiões que se depararam aos ingleses O golo sofrido era dos considerados indefensáveis e por isso ele, realmente, nada pôde fazer. De lamentar que a seis minutos do termo da partida o guarda-redes Rui tivesse de abandonar a baliza, vítima de lesão. O seu lugar foi então ocupado por Valdemar, uma vez que havia sido já esgotadas as hipoteses de substituições

•

Esta equipa portuguesa do F. C. Porto deixou agradável impressão em Newcastle. Não, pròpriamente pelo padrão ofensivo que imprimiu ao seu futebol, mas essencialmente pela humildade que denunciou, apesar dos seus futebolistas evidenciarem predicados técnicos dos melhores.

Além disso a equipa mostrou apreciável colectivismo e uma boa estrutura defensiva, que muito dificultou, como se disse já, a progressão inglesa no meio campo dos portugueses.

E se considerarmos as condições em que a partida se disputou, com o rectangulo completamente coberto de neve, com uma espessura superior a cinco centimetros e uma temperatura excessivamente baixa em confronto com a que é habitual em Portugal, mais credora de elogio se torna a acção do F. C. Porto neste jogo, cujo desfecho, embora impusesse a sua eliminação, constitui, no entanto, a expressão exacta do que foi a sua exibição.

■

Não poderemos analisar o comportamento do Newcastle dissociando-o da forma como jogaram os portugueses. Efectivamente para o conjunto inglês foi um problema constante a rapidez dos adversários na discussão das jogadas. Essa circunstancia, o adensamento das zonas de protecção á baliza e a acção do guarda-redes Rui foram factores que influiram poderosamente o desenrolar do desafio. A resistência portuguesa avolumava-se com o decorrer dos minutos e os ingleses, por falta de lucidez não souberam encontrar o antídoto para se opor á táctica dos adversários.

A vitória alcançada pelo Newcastle terá de aceitar-se como consequência do domínio territorial exercido e pela insistência nas jogadas de ataque. Justificado por isso a continuidade na Taça das Feiras, que a equipa já conquistou uma vez.

Sob a direcção de W. Riedel, da Alemanha Oriental, as equipas alinharam:

NEWCASTLE — Mo Faul; Craig, Clark, Burton e Scott; Gibb, Moncure e Arentoft; Robson, Davies e Foggon.

F. C. PORTO — Rui; Gualter, Valdemar, Vieira Nunes e Sucena; Rolando, Salim e Pavão; Albano, Pinto e Nóbrega.

Taça das Feiras: Arsenal, 3 - Sporting, 0

A DERROTA SAIU DO FRIO

LONDRES, 27 — Foi com uma temperatura que solicitava todos os abafos, que a capital inglesa acolheu a equipa do Sporting que aqui se deslocou para defrontar o Arsenal, na segunda mão da segunda eliminatória da Taça das Cidades com Feira.

A eliminação da turma portuguesa poderá tomar aspectos de justiça. Logo que o Sporting não conseguiu no seu campo, em Lisboa, amealhar vantagem que pudesse aqui defender dir-se-ia que o seu destino estava traçado e que poucas possibilidades lhe restariam de arrastar da competição o seu categorizado adversário.

Impõe-se, todavia, fazer uma afirmação. O resultado pode conduzir á ideia de que o Sporting foi um adversário fácil para os ingleses, na verdade, não aconteceu.

A equipa portuguesa suportando com inegável saber e consciência o princípio impetuoso dos londrinos, que durou cerca de um quarto de hora, pôde, depois, entregar-se a um futebol de evidente categoria, equilibrando o jogo e fazendo até tremer o Arsenal na sua estrutura. Aconteceu, porém, que os golos do Arsenal têm uma história. No primeiro, Alexandre Baptista não chegou ao corte a tempo e Radfort pôde introduzir o esférico na baliza de Damas e, no segundo, o mesmo jogador «leonino» não pôde deter um larguíssimo cruzamento, por chegar atrasado ao lance, e novamente a baliza sportinguista foi violada. Assinala-se, entretanto, que Màrinho, a expressar o inconformismo de toda a equipa após o primeiro golo do Arsenal, entrou sem qualquer cerimónia pela grande área contraria e desferiu poderoso pontapé que fez estremecer todo o estádio ao embater estrondosamente na barra.

De resto, na segunda parte a partida decaiu bastante de nível. Todavia o Sporting pode ainda desenvolver algumas jogadas de ataque que causaram perturbações na defesa «arsenalista», notòriamente vulnerável se não fora a serenidade própria de quem está a vencer por 3-0.

O Sporting, já o dissemos, fez uma boa partida, muito embora a contundência do resultado possa levar a outra conclusão. No entanto a equipa acusou as ausências de José Carlos e Hilário, o primeiro vítima de doença inesperada e inoportuna que o obrigou a ficar no hotel, o segundo a contas com uma lesão que, como se sabe, o impediu de se deslocar a Inglaterra. Manaca, como não podia deixar de ser, acusou certas ingenuidades e Alexandre Baptista denunciou a sua falta de equipa nos ultimos desafios.

Na linha média, Peres teve excelente comportamento na primeira metade do desafio, enquanto Gonçalves subiu de rendimento nos ultimos quarenta e cinco minutos, e na vanguarda, Márinho foi o mais inconformado e intencional. Dinis deixou bem vincada a sua excelente categoria de futebolista. Com mais uns meses de futebol e muito haverá que dizer (e escrever) do magnífico jogador angolano. Nelson, a contas com uma visível quebra física foi o mais discreto enquanto Lourenço alardeou melhoria em relação a jogos anteriores.

Comentário de

AMADEU JOSÉ DE FREITAS

BENFICA-CELTIC

Continuação da 24.ª página

sensacionais), Simões (a habilidade e a «inteligência do jogo» servidas por um brio sem limites) e Artur Jorge (que ontem apareceu como nos seus bons tempos da Académica) formaram o quarteto dos melhores na equipa do Benfica. Mas há que elogiar muito e censurar alguma coisa á actuação de Malita da Silva, e dizer que Messias, com ingenuidades que lhe podiam ter saído caras, mostrou, por outro lado, boas qualidades; que Adolfo tentou muito, e algumas vezes bem, ser mais um avançado; que Toni deve ter gasto as energias que qualquer futebolista dispende... em três jogos; que Eusébio fez o suficiente na primeira parte para que se lamente a sua ausência na segunda; que Jaime Graça jogou muito bem, só lhe faltando, quando na frente, mais decisão nos remates; que Raul Águas e Diamantino tentaram quanto puderam, sendo de salientar o golo e o sacrifício deste último.

Os defesas McNeill e Gemmel, Murdoch, Auld, Johnstone e Hughs estiveram em bom plano no Celtic, uma equipa de evidente categoria, mas que não resistiu ás chamas da ambição benfiquista.

Resistiu a moeda.

*

Estádio da Luz. Árbitro: Rawens (Holanda).

BENFICA — José Henrique; Malita da Silva, Messias, Coluna e Adolfo; Jaime Graça e Toni; Raul Águas, Artur Jorge, Eusébio e Simões.

Substituições: no início da 2.ª parte entrou Vítor Martins, saindo Eusébio, e aos 62 m., saiu Águas, entrando Diamantino.

CELTIC — Fallon; Craig, McNeill, Brogan e Gemmel; Murdoch e Auld; Johnstone, Callagan; Wallace e Hughes.

Substituições: para o prolongamento, o Celtic apresentou Camoln e Hood, nos lugares de Brogan e Wallace.

Ao intervalo: 2-0.

Marcadores: Eusébio (35 minutos), Jaime Graça (39) e Dimantino (90).

SOVINICE?

Sucedeu na Luz. Para fazerem a cobertura do jogo Benfica-Celtic, deslocaram-se a Lisboa dezena e meia de jornalistas ingleses, a quem o Sport Lisboa e Benfica ofereceu entrada para os camarotes de imprensa, no Estádio da Luz.

Mas, os nossos confrades britanicos necessitavam, para além dos seus bilhetes de ingresso, de outras autorizações de entrada para colaboradores eventuais que os auxiliariam no trabalho de reportagem. Tentaram obtê-las no Benfica, nada conseguindo. Indagaram na Federação: «isso é com o Benfica» — responderam-lhes. Por último, esgotadas todas as hipóteses, viraram-se para os futebolistas do Celtic e tentaram que eles lhes cedessem algumas das senhas oferecidas pelo Benfica para os convidados dos jogadores. A resposta foi colocada em termos irredutíveis: por 3 libras (210 escudos, aproximadamente) qualquer dos «célticos» vendia um dos papelinhos que lhe tinham sido ofertados...

O espírito de sovinice dos filhos da Escócia, patente uma vez mais.

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

F. C. Porto-Leixões	1
Varzim - Barreirense	1
Guimarães-Setubal	1
Belenenses-Sp. Braga	1
Académica-Sporting	2
O. U. F. - Boavista	1
Sanjoanense-Beira-Mar	1
Acad. Viseu-Vizela	1
Lamas - Salgueiros	X
Peniche-Farense	X
Sintrense - Atlético	2
Tramagal-Torriense	2
Seeimbra - Montijo	X

«RECORD»

Passa hoje mais um aniversário o bisemanário «Record», motivo porque apresentamos parabens a Artur Agostinho e José Monteiro Poças, respectivamente, director e editor daquele jornal desportivo.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Acontecimentos DE ONTEM

HÓQUEI EM PATINS

Os campeonatos nacionais de hóquei em patins, que então em curso, prosseguiram ontem fornecendo os seguintes resultados:

Em seniores, o F. C. do Porto bateu o Carvalhos, por 5-1, com 1-1 ao intervalo.

Em juniores, o Valongo bateu o Vigorosa, por 10-1; e, em juvenis, o Infante de Sagres venceu o Carvalhos, por 7-0.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje

A MAGIA DA MULHER — S. JORGE
ISTO ACONTECEU — ESTÚDIO 444
CERIMÓNIA SECRETA — VOX

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153/4
ESTREIA — Hoje ás 21.30
A MAGIA DA MULHER
com SILVANA MANGANO
Às 15 e ás 18,15
A BATALHA DE INGLATERRA
(M. 12 anos)

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Para o público que so gosto do melhor!
William Holden — Ernest Borgnine — Robert Ryan em
A QUADRILHA SELVAGEM

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
O HOMEM DE KIEV
com Alan Bates e Dick Bogarde

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
FRANK SINATRA
num filme policial de grande categoria
O DETECTIVE
com Lee Remick

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
HOJE, Às 15.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA SENSACIONAL COM O ARROJADO FILME
A PRIMAVERA EM ROMA DE MRS. STONE
com Vivien Leigh e Warren Beatty.
Apesar de ser muito novo... ela quis que fosse o seu pecado...
TECNICOLOR

HOJE, Às 18.15 (Adultos)
SESSÃO CLÁSSICA

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
O extraordinário filme russo premiado no Festival de Cannes
O 41.º
com Izolda Isvitskaia e Oleg Strijenov

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 21.45
Uma obra de rara linguagem cinematográfica
ISTO ACONTECEU
com Sabine Sinjen e Bruno Dietrich

AVIS
(M 12 anos) Tel 47163
As 21.45
5.ª SEMANA
Um festival de belas canções no cenário maravilhoso do Brasil
QUIMERA
com Gianni Morandi e Laura Efrikian

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.15 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO!
Vanessa Redgrave vive intensamente a figura da bailarina mais disputada do Mundo!
ISADORA
O filme mais importante do ano!
TECHNICOLOR
Metro: Estação Picoas

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
4.ª SEMANA
LOTAÇÕES ESGOTADAS
com MILÚ e CALVÁRIO
O DIABO ERA OUTRO
com Nicolau Breyner, Julieta Castelo, Fernanda Borsatti e Armando Cortês
Fados por HERMINIA
Canções de JOÃO NOBRE
Eastmancolor

CONDES
(Adultos) Tel. 522523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
ISADORA
com Vanessa Redgrave
Grande Prémio de Cannes 1969 (versão integral)

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45 h.
2.ª SEMANA
A obra-prima de Pietro Germi
DIVÓRCIO À ITALIANA
com Marcello Mastroiani

VOX
(Adultos) Tel. 720808
ESTREIA — Às 21.45
Elizabeth Taylor, Robert Mitchum e Mia Farrow
Num extraordinário e inquietante filme!
CERIMÓNIA SECRETA
Uma obra-prima em technicolor de Joseph Losey
R. Bulhão Pato (à Av. Roma)

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Color
Jean Paul Belmondo num filme de Robert Enrico
O GRANDE AJUSTE DE CONTAS (HOJ)

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Um filme excepcional! uma interpretação maravilhosa!
SOU EU NATÁLIA
com o grande artista Patty Duke

LIZ
(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
UM HOMEM PARA IVY
A FECHADURA MISTERIOSA

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 15 e 21 h.
QUANDO BEIJAS
UM DESCONHECIDO
OS AMBICIOSOS

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
SINFONIA PARA UM INIMIGO
com Charlton Heston e Maximilian Shell

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
O F. B. I. CONTRA A MAFIA
O TEMPLO DO ELEFANTE BRANCO

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
MINUTO A MINUTO
SEM RESPIRAR
com Carol White e Paul Burke
QUINZENA CINEMA AMERICANO
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
O AGIOTA, de Sidney Lumet
com Rod Steiger e Geraldine Fitzgerald

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
O extraordinário filme russo premiado no Festival de Cannes
O 41.º

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
CATHERINE DENEUVE e JACK LEMMON são
OS LOUCOS DO AMOR
4.ª SEMANA

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
Um extraordinário filme
GANGSTERS 70
com Joseph Cotten e Franca Polesello

CINECLUBE IMAGEM

Hoje, ás 18 e 40, no Jardim Cinema, o Cineclube Imagem promove a exibição do filme de Richard Fleisher «O Estrangulador de Boston»

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Nova Companhia de Circo» (12 anos).

TEATROS

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tambo no Inferno» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «A dança da morte» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e às 23 h.: «Esperteza saloia» (17 anos)
ABC — Às 20 e 45 e 23: «Ena já fala» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O pecado de João Agonia» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 14 e 19: «O mistério da ilha maldita» (12 anos).
POMOTORA — Às 15 e ás 21: «Golpe de mestre á napolitana» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 14 e 19: «Amor de perdição» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 15 e ás 21: «Ritmo de aventura» (12 anos).
CINEARTE — Às 15 e ás 21: «Matt Helm não perdoa» (12 anos).
IDEAL — Às 15 e ás 21: «Comissário Maigret em Pigalle» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «O Conde sinistro» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «A baía das emboscadas» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Repulsa» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Flechas de fogo» e «As minhas pistolas» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Escorregar e cair» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Sinfonia para um inimigo» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Um lugar para amar» (17 anos).

● Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O motim» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Will Penny» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Doutor Jivago» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Um império na Selva» e «Fúria na Baía para OSS 117» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Operação Kid Brothers» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O Caso Stange» e «Chamada para a vida» (17 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «Khartoum» (12 anos).

ARRABAL NO T. E. C.
(COM EUNICE)

No Teatro Gil Vicente, em Cascais, continuam as representações de Arrabal e das suas peças «Oração» e «Os dois Verdugos». Mantém-se o êxito registado desde a hora da estreia, em que Avilez viu o seu trabalho coroado pelo aplauso de uma assistência entendida.

Arrabal, que ama o macabro, o grotesco, os ritos eróticos, que tão depressa deixa transparecer uma alegria primitiva e pueril, como explode num pesadelo de obsessões; Arrabal-a-criança, que não é capaz de pensamentos reservados, duplos sentidos ou ambiguidades, ainda que tenha de ir até ao mais fundo da crueldade; Arrabal, que surpreendeu quantos espectadores tomaram contacto com a sua linguagem diferente, constitui o grande êxito da temporada do Teatro Experimental de Cascais. Frise-se, entretanto, que a tal não é estranha a extraordinária interpretação de Eunice Muñoz e de Santos Manuel, na primeira daquelas peças e de Eunice e dois jovens valores (Carlos Paulo e Filipe La Féria) na segunda. E para que tudo fosse bom, Avilez rodeou o seu trabalho do verdadeiro espírito de Arrabal

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno L

ALAMEDA — Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (722868).
ALCÂNTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (631635).
ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lopes, 120 (843881) ✲ Teles, R. João de Barros, 2 (638249).
ALVALADE — Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66 (722368) ✲ Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (776358).
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 16-C (682772).
ANJOS — Matos, R. Álvaro Coutinho, 10 (40471).
AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (715370) ✲ João XXI, Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (727721). Av. João XXI, 16-A (726462) ✲
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (763107) ✲ Avenidas, Av. da Republica, 27-A (538688) ✲ Império, Rua Filipe Folque, 40-A-B (48002). ✲ Palma, Av. Duque de Ávila, 25 (47088).
BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (51451)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216).
BAIXA — Americana, Calç. de Santana, 3 (863984). Costa, Praça da Figueira, 6-B/C (Tel. 328381).
BELÉM — Remísio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699) ✲ Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (631958)
BENFICA — Lisboa, R. Claudio Nunes, Lote, 2 (703393) ✲ Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — Combro, Calç. do Combro, 78 (326059) ✲ Azevedo Irmão & Veiga, R. da Misericórdia, 24 (323540).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667)
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 101-101 A (682333) ✲ Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181).
CONDE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076).
ENTRECAMPOS — Galena, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (774920).
ESTEFÂNIA — Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10 (661734).
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✲ Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351) ✲ Bastos Andrade, Calç de St.ª André, 107-111 (860450) ✲ Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333)
LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ S. Tomé, Est do Desvio, Lote 12-C (790704).
MADRAGOA — Lealdade, R. do Olival, 226 (663441).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (311237).
PALHAVÃ — Aguilar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A 764629).
PATRIARCAL — São Marçal, R. de S. Marçal, 100 (325818).
PENHA DE FRANÇA — Carronde, Rua Padre Sena Freitas, 10-A (842518)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (728395 e 720703)
SÉ — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Salter, Rua de Xabregas, 63-65 (381185).
MOSCAVIDE — Império — Rua Olivença, 44 (Tel. 251820).

● L'nha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Comb G Guerra, 29 (Tel 212081)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel 2432058)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões 18 (2430058).
PAREDE — Alzir — Av. Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (Tel 2472948).
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (Tel 261186)
MONTE ESTORIL — Costa, Av. Sabóia, 29-B (260085).
CASCAIS — Misericórdia — R. do Regimento 19, 41 (Tel. 280141) ✲ Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel 930019); Figma — R. Elias Garcia, 78-B (Te 932485); Confiança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel 938149)
DAMAIA — Confiança, Est. Militar, lote D (971023).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) ✲ Zeller, R. da Republica, 83 (950045).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — Largo Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).
COLARES — Colares — Abrela (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — Largo Coronel Ramos da Costa, 9 (T. 234187)
ALHOS VEDROS — Portugal — Avenida da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA — Central — R. de Olivença, 1-B (Tel 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est Nacional 221-B (Telf 224141)
BARREIRO — St.ª Marta — R. do Lavradio, 77-C (Tel 272141)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est das Barrocas, 50-A (Tel 276182)
MOITA — União Moitense — Av. Dr Teófilo Braga (Tel 239025).
MONTIJO — Montepio — R. Almirante Reis 93 (Tel 230035).
SESIMBRA — Leão — Av Salazar Telf 22947)
SETUBAL — Rosado Pinto, P. do Bocage (22484) ✲ Nova, R. General Gomes Freire (22052).
SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho 38 (Tel 22 8560

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861358 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla, idem e feriados, 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 Voluntários, 538524
POLÍCIA e G. N. R — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Tore - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M 15 anos)

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M. 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D (à Av. Duque de Loulé)

CHOCAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava em geral pouco nublado, o vento era fraco e havia nevoeiro em várias regiões

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 16,8°; mínima: Penhas da Saúde, 5.5°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 3°; Faro, 12°; Funchal, 16°; Lisboa, 9°; Penhas Douradas, 0°; Portalegre, 5°. Porto, 4°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 9°; na água do mar 15°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco a moderado de nordeste.

Amanhã:
Nascer ás 8 e 33
Ocaso ás 18 e 16

Dia 2 Dia 9 Dia 16 Dia 23

MARES

PREIA-MAR: **Dia 27** — 6 e 08 (3,8 m); 18 e 33 (3,5 m). **Dia 28** — 6 e 48 (3,7 m); 19 e 16 ((3,4 m). **Dia 29** — 2 e 27 (3,6 m); 19 e 59 (3,3 m). BAIXA-MAR: **Dia 27** — 11 e 48 (1,3 m); 23 e 58 (1,4 m). **Dia 28** — 12 e 30 (1,4 m). **Dia 29** — 0 e 33 (1,5 m); 18 e 10 (1,5 m).

A Carta da ONU vai ser revista?

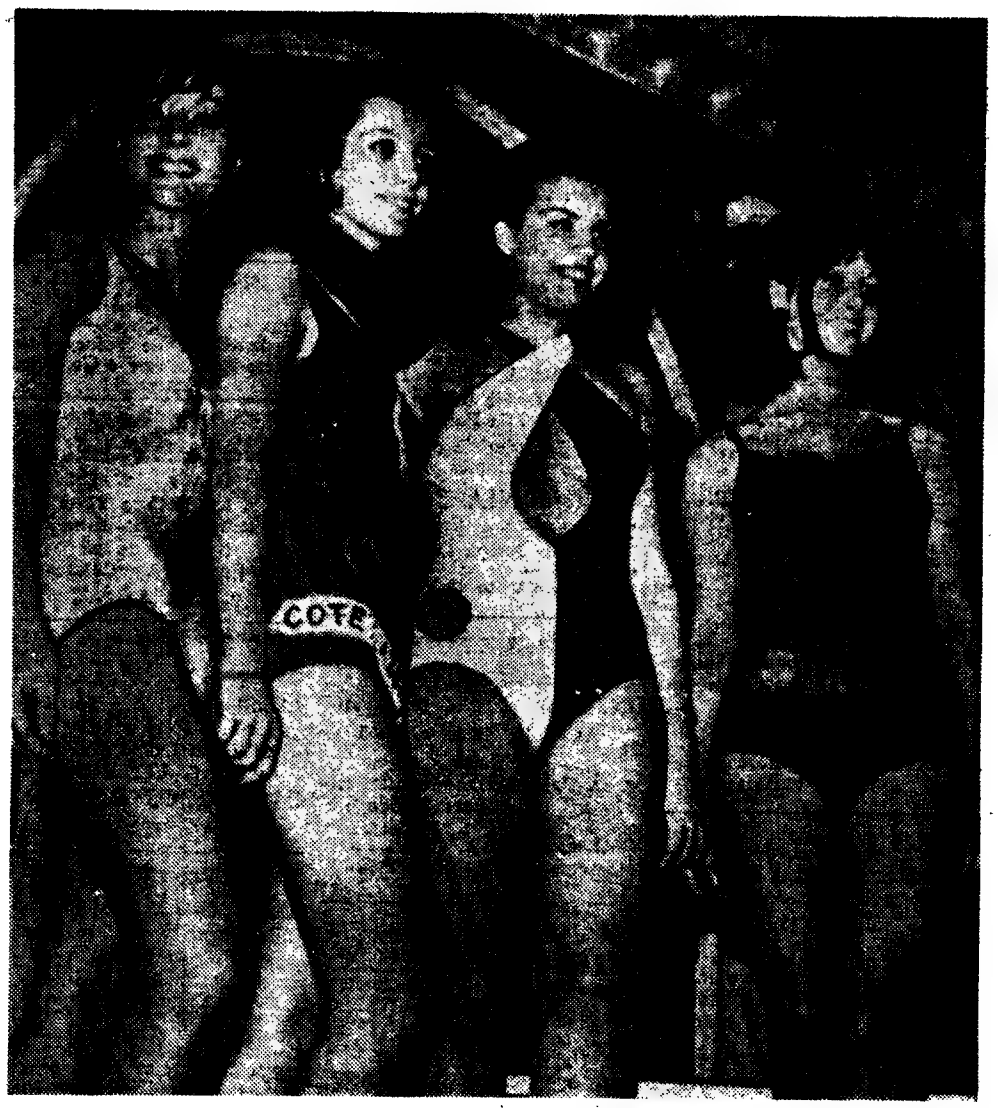
NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 27 — (R.) — A ONU vai verificar se a sua carta, que data de há 25 anos, necessita de ser revista, segundo foi decidido a noite passada.

A comissão geral da assembleia das Nações Unidas rejeitou a oposição soviética e decidiu por 15 votos contra três, com três abstenções, a favor de uma resolução colombiana sobre o assunto.

No entanto, a proposta da Colômbia foi suavizada de forma a que a assembleia discutirá «a necessidade de considerar sugestões acerca de uma revisão da carta».

O embaixador colombiano, Joaquin Vallejo, propusera a «criação de uma comissão geral para estudar sugestões para se rever a carta».

A União Soviética afirmou que não via necessidade de inserir o assunto presentemente na agenda da assembleia, visto não «existir qualquer base para se apresentar a questão da revisão da carta».



MERCADO COMUM DE MISSES, MISSES DO MERCADO COMUM — As representantes da Alemanha, do Luxemburgo, da França e da Bélgica no concurso de «Miss Mundo», que hoje se efectua em Londres

IV REUNIÃO ANUAL DE MICROSCOPIA ELECTRÓNICA

Na Estação Agronómica Nacional, em Oeiras, vai realizar-se, nos dias 2 e 3 de Dezembro, a IV Reunião Anual da Sociedade Portuguesa de Microscopia Electrónica.

A sessão inaugural, que se realiza às 9,30, do dia 2, é presidida pelo secretário de Estado da Agricultura. Na reunião participam alguns cientistas estrangeiros, nomeadamente o prof. Luís Brú, presidente da Sociedade Espanhola de Microscopia Electrónica; dr. Juan Alonso, também espanhol, prof. N. A. Bannicot e drs. B. E. Juniper e Howard G. Davies, de Inglaterra; e prof. R. Buvat, de França.

Durante a reunião estarão patentes uma exposição de fotografias científicas e uma exposição de material de laboratório.

Quaisquer informações sobre a reunião podem ser solicitadas ao presidente da Sociedade Portuguesa de Microscopia Electrónica, eng.º Miguel Mota. Departamento de Genética da Estação Agronómica Nacional, Oeiras.

SÁ DA COSTA AUTÓGRAFOS NA LIVRARIA

Na Livraria Sá da Costa efectua-se, no sábado, às 17 horas, uma sessão de autógrafos dos últimos livros publicados pela Editorial Inova do Porto.

Naquela livraria estarão, nesse dia, os escritores Armando de Castro, que autografará «Ensaios sobre a Cultura e História»; Óscar Lopes, que autografa «Ler e Depois» e «Modo de Ler», e Papiniano Carlos, que autografa o seu último livro «Terra com Sede».

ESTA NOITE NO «ALBERT HALL»

O DESFILE DAS CONCORRENTES A «MISS MUNDO»

LONDRES, 27 — (R.) — As finalistas do concurso para a eleição de «Miss Mundo» desfilarão esta noite no consagrado Royal Albert Hall, nesta capital, abalando com todo o seu brilho e beleza o esplendor régio do centro cultural, iluminado com candelabros.

A majestosa sala circular, destinada há um século para concertos sinfónicos, tem visto desde então sessões de música de «jazz» e até mesmo combates de pugilismo e de luta — mas nunca observou antes uma exibição de pernas em tão grande escala como esta.

A rainha Victoria, no seu reinado puritano, nunca teve tais visões quando mandou construir o Albert Hall em memória do seu amado consorte.

Os organizadores do concurso de «Miss Mundo» mudaram as finais deste ano para o cavernoso salão devido á crescente procura de bilhetes por parte do público.

Cerca de 5000 pessoas — dez vezes a lotação habitual — encherão a sala ornamentada, após pagarem 350 escudos por cada bilhete, para verem as 50 jovens mais encantadoras do Mundo exibirem os seus encantos.

«O negócio da beleza é um grande negócio» — afirmou um informador da Mecca, o grupo de diversões que organiza o concurso.

Robustos guardas dos serviços de segurança estarão postados nas entradas e vigiarão os automóveis donde sairão as concorrentes, ataviadas e embelezadas, para serem apreciadas por um juri internacional.

Os juízes, cujos nomes são mantidos secretos até ao último momento, apreciarão avaliadoramente as beldades, cheias de nervos, desfilarem em vestido de baile, em fato de banho e com um trajo nacional.

Damas de companhia, com olhos de lince, inspeccionarão os trajos para terem a certeza que nenhuma das beldades tentará ajudar a natureza com um bocado de chumaço estratégico.

Tudo por causa de serem altas as apostas no jogo da beleza. A vencedora pode esperar uma viagem em redor do Mundo e ganhos aproximando-se dos 2800 contos em consequência de aparecer como convidada em vários espectáculos.

CRUZEIRO STAR DO FIM DO ANO
NA ROTA DO SOL
PARA AS CANÁRIAS E FUNCHAL
a bordo do paquete «Santa Maria»
27 de Dezembro a 2 de Janeiro
BAILES AO SOM DE 3 CONJUNTOS MUSICAIS
CONCURSOS ● TORNEIOS ● VARIEDADES
ALGUMAS CATEGORIAS ESGOTADAS
Preços desde Esc. 2.190$00
UTILIZE O CREDI-STAR
CONSULTE A STAR
Telfs. 539871 - 362501
OU O SEU AGENTE DE VIAGENS
STAR TURISMO VIAGENS
Lisboa Faro
Estoril Funchal
Porto Luanda
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

OS PREÇOS
E
AS CARACTERÍSTICAS
DOS AUTOMÓVEIS
* * *
ESTA SEMANA
motor
SAI AMANHÃ
* * *
UM COMPLETO SUPLEMENTO
PROFUSAMENTE ILUSTRADO
COM OS PREÇOS E AS CARACTERÍSTICAS
DOS AUTOMÓVEIS PARA 1970
2$50
48 PÁGINAS
RESERVE HOJE MESMO O SEU EXEMPLAR

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 590/27 DE NOVEMBRO DE 1969

A PROPÓSITO D'
O NOVO «O TEMPO E O MODO»

conversa (entre dentes) com João Bénard da Costa
(página 4)

INGLATERRA, POETAS DE HOJE

Ted Hughes: «Animal poems»

Texto e traduções de Luís Amorim de Sousa

DISSE-ME UM DIA um amigo português de visita a Londres, que só na Inglaterra era ainda possível encontrar poetas a escrever sobre flores e animais. Argumentava este meu amigo que apenas o isolamento em que a Grã-Bretanha se tem mantido, aliado talvez às poderosas tradições do romantismo inglês e do lirismo narrativo de todo o passado anglo-saxónico, podia explicar essa empenhada insistência numa temática tão obsoleta.

E reportando-se à literatura portuguesa como termo de comparação, acrescentou que El-Rei D. Diniz sim senhor, que João de Deus já era abuso, e que felizmente, nos dias que vão correndo só mesmo nos Jogos Florais de Sobral de Monte Agraço é que se poderia talvez assistir à manifestação anacrónica duma inspiração poética desse tipo.

Ao fazer a apresentação do inglês Ted Hughes escolho um aspecto importante e característico da sua obra: os poemas sobre animais. Mas antes disso, porque julgo tratar-se de facto de uma apresentação, duas palavras sobre este poeta. Ted Hughes nasceu em Gorkshire em 1930. Seu pai era carpinteiro, e anos depois, promovendo-se na escala social, tomava de trespasse uma pequena tabacaria. Aos vinte anos, após dois anos de serviço na RAF, Ted Hughes, tendo obtido uma bolsa de estudo, ingressava na Universidade de Cambridge. Depois de Cambridge, trabalhou como jardineiro, guarda-nocturno e leitor de argumentos para a empresa cinematográfica Rank.

O seu primeiro livro, «The Hawk in the Rain», foi publicado em 1957 e premiado pelo Centro de Poesia da cidade de Nova Iorque. Entre os membros do júri encontravam-se W. H. Auden, Stephen Spender e Marianne Moore.

Desde então publicou vários livros, dos quais os mais importantes são «Lupercal» (1960) e «Wodwo» (1967).

Este ano, após 12 anos de actividade literária Ted Hughes conquistou o Prémio Internacional de Poesia da cidade de Florença.

Ted Hughes: do trabalho de jardineiro (e etc.) e o trabalho de poeta

Retomemos agora o fio à meada e vejamos como é possível escrever sobre animais sem equacionar a qualidade dos textos com a Menção Honrosa dos Jogos Florais da nobre vila atrás mencionada. Eis um fragmento dum poema intitulado: «Tordos».

Aterradores, os tordos,
[atentos e lustrosos no relvado
Mais aço espiralado que
[seres vivos — um olhar
[escuro
Fixo e mortífero, aquelas
[pernas frágeis
Engatilhadas p'ra tumultos
[impensáveis —
Com um arranque, um salto, uma bicada,
Dominam o instante e escavam uma coisa em
[convulsões.
... ...

Haverá nisto qualquer possibilidade de associação com o lirismo derramado a que o meu amigo de há pouco se referia? Com efeito, se trouxe as opiniões de um estranho a esta nota de apresentação dum poeta tão original e poderoso como Ted Hughes, foi porque elas (possuindo embora um fundo de verdade) me proporcionam uma denúncia de certas acusações não informadas, e portanto, fáceis, que frequentemente se lançam sobre a actual poesia inglesa. Tendo escapado ao modernismo que abalou a poesia europeia nas primeiras décadas do século vinte (dispensam-se os vários exemplos) os poetas de língua inglesa entregaram-se a um trabalho de renovação que utiliza a sua herança como fonte de inspiração. Não para a perpetuação de valores, mas para a obtenção de novas técnicas sobre um conjunto de estruturas sòlidamente sedimentadas. Assim se explicam, a meu ver, as descobertas de Pound e Eliot. Tudo depende apenas do conceito rigorosamente pessoal de «herança poética» de cada um. No caso de Pound, a Sir Philip Sydney vem juntar-se o confucionismo, Villon e o círculo de Dante.

No caso de Eliot, a cultura germânica e o simbolismo francês. Mas regressando a Hughes, cuja herança poética é sem dúvida um osso duro de roer, em particular para o leitor português, sem acesso a certos termos de referência fundamentais (Wodwo), aquilo que se torna desde logo evidente é o rigor do seu pensamento, enriquecido

(Continua na 6.ª página)

NO XI ANIVERSÁRIO DA MORTE DA ESCRITORA

Irene Lisboa: Das palavras

por Fernando Guimarães

Envelhecer, lembrar-me.
Envelhecer indiferente, sem poesia.
Achar suave o tempo, a luz, amoráveis,
[benignos!
Coisas externas, de favor, e no coração
[não ter nada...

Eis um tom de voz que se torna sinuoso, que nos persegue e, de certo modo, nos condena. Uma esvaecida, ambígua descrição da consciência, a qual se apresenta menos como um devaneio que uma notação de estados fluídos, que se alargam graças a um «acrescentar» ou «desdobrar» contínuos. Parecem ser estas as características da voz de Irene Lisboa, uma voz mal escutada e que se apagou há precisamente onze anos...

Essa voz é, também, um aviso:

Que é que se chora?
Nada, nem se sabe.
O que não foi e podia ter sido...
O que foi sem ter sido...
O impreciso, tudo e nada, toda a vida!

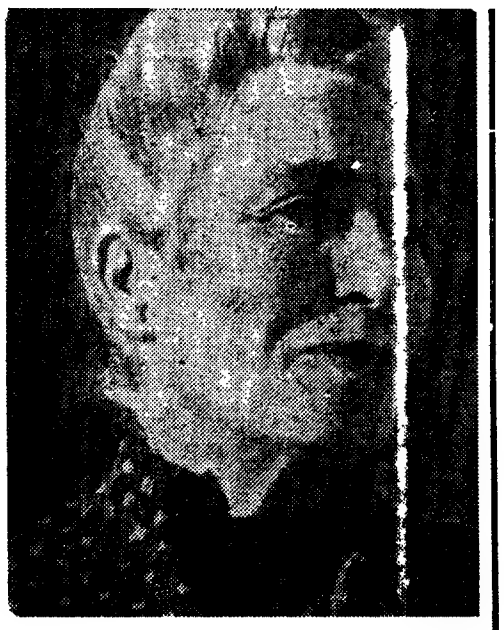
Irene Lisboa foi um poeta cuja obra coincidiu aproximadamente com o aparecimento da geração da *Presença*, revista onde, aliás, colaborou várias vezes. Mas as características da sua poesia são bastante diferentes: ela recusou sempre a efusão, o dramatismo íntimo, que são tão característicos num José Régio ou Miguel Torga. Dir-se-ia que a sua consciência só existe num segundo plano, que tem uma realidade não mediadora. Essa impressão é o resultado de uma escrita neutra, quase apagada, sem desdobramentos de natureza retórica: a metáfora, por exemplo, é, quase sempre, substituída pela imagem.

Dentro desta opção, sente-se na sua poesia a importância de que se reveste o olhar: «se cegasse deixaria de sentir, de pensar». Em cada poema, a realidade é-nos, geralmente, restituída através de sensações:

Só ter olhos,
olhos...

Notar bem a aparência,
a linha,
a cor...
.....

Só quero ter sensações,
não sentimentos.
Mas belas sensações sóbrias!



Irene Lisboa: a evidência do conhecimento

.....
Ver, como esta tarde,
o sol em roseta,
na cortina clara,
e ficar sentada,
olhando,
dizendo só, por fim:
é bonito!
já viste?

Há, aqui, uma notação que não se cansa de se procurar e se precisa cada vez mais. Por vezes essa procura parece ser levada até ao esgotamento ou à plenitude:

A luz da tarde, terna, morta, casta,
[enche tudo.

Depara-se com um característico isolamento frásico, realçado pelo emprego de vários substantivos ou adjectivos — cuja função gramatical, no exemplo dado, quase se confunde —, ao mesmo tempo que se assiste a uma espécie de fechar o cerco a um dado estado de consciência pessoal àquilo que somos

(Continua na página seguinte)

Dizer de sua justiça

(um leitor toma a palavra)

PORQUE a questão *merece ser devidamente estudada* e para que não fique por mero dever de cortesia a referida independência deste jornal, passamos a publicar a carta que nos foi enviada por um leitor do Porto.

LEITOR ATENTO que sou do «Diário de Lisboa» e do seu suplemento literário, fiquei surpreendido com a declaração dum poeta que discorda, em alguns pontos, da orientação da Portugália Editora, a propósito da publicação da sua última antologia de poesia. Peço-lhe, senhor director, que permita a publicação desta carta no Suplemento Literário que dirige, a fim de me ser possível fazer ouvir a minha voz sobre uns pontos que chamam a minha atenção:

1) Acho estranha a atitude do poeta A. B. da Fonseca, pois, no meu entender, ele foi um dos felizes contemplados com a rigorosa selecção de Ramos Rosa.

Feliz contemplado, pois ficaram de fora outros surrealistas, pelo menos tão bons como ele. A sua afirmação é duríssima e, até certo ponto, injusta. Mais alvejado deveria ser R. R., que a editora, da sua selecção.

2) Tal editora, porém não pode sacudir a água do capote, assim com tanta facilidade, como o sr. Agostinho Fernandes peremptòriamente fez, levando a sua vaidade ao ponto de «em prol da cultura portuguesa» se julgar muito acima de «alguns colegas», só porque estes não prestam atenção «aos novos autores que escassamente transcendem o círculo em que se movimentam». Aí pôs o sr. Agostinho Fernandes o dedo na ferida e não sei como não pôde sentir umas tantas culpas. Será mesmo a Portugália Editora a casa que mais autores novos publica? Terão as editoras portuguesas dedicado a necessária atenção aos novos? Estes, como toda a gente sabe, só excepcionalmente se vêm aceites pelas editoras portuguesas, pois, sobretudo os poetas, mandam cá para fora, em série, «edições do autor». Uma desculpa: o leitor português prefere o que é estrangeiro. Porquê? pergunto eu. E respondo: porque é esse o prato que mais lhe servem.

Por outro lado, a Portugália Editora não deve eximir-se à culpabilidade nos defeitos que porventura a antologia em questão apresente e isso porque foi ela quem escolheu o antologiador, manifestando, desde logo, o seu conceito e poesia, sabido que é que A. R. Rosa é, dentre os críticos portugueses, um dos mais ferrenhos prosélitos da crítica formalista. Repare-se que o sr. Agostinho Fernandes acentua «os méritos extraordinários de António Ramos Rosa». O adjectivo «extraordinários» é sintomático.

3) Não concordo com o trabalho selectivo de A. R. Rosa por vários motivos:

a) Nas nótulas introdutórias de cada poeta antologiado revela um discutidíssimo conceito de poesia. Esta não pode ser aferida por estreitos critérios como «a imaginação livre», «a redução do discurso», «e dom da invenção verbal», a fuga «à clareza expressional», «uma grande contensão, um conceptualismo depurado», «uma linguagem despojada e rigorosa», etc. Fica a perceber-se que só os poetas com pendor funambulesco, onírico e matemático é que são verdadeiros poetas. Mas isso não é assim, sr. Ramos Rosa. A poesia neo-barroca (que é mais artifício do que arte) não é toda a poesia.

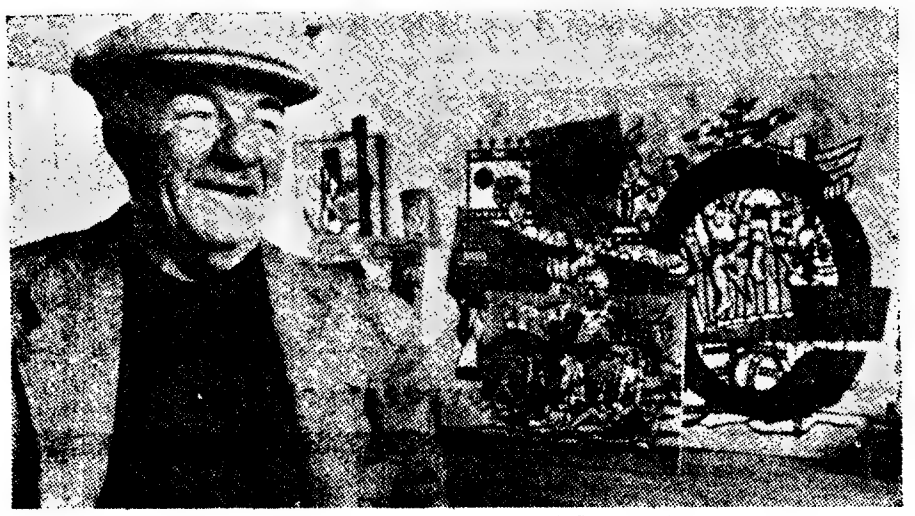
b) Considero a intromissão de Manuel Alegre e Assis Pacheco como um meio espertalhão para despistar os críticos e os leitores, porque não seleccionou os seus poemas mais «válidos» e «representativos» e porque aos restantes poetas neo-realistas não se concedeu qualquer importância.

c) Estranho que não haja poetas do rio Douro para cima. Eu conheço-os. Será que o sr. R. Rosa finge desconhecê-los? Aquela importância atribuída à «Poesia 61» e aos discípulos de Herberto Helder faz pensar numa «capelinha» muito «capelista». Em vez de Ramos Rosa melhor diríamos «Rosa, Cruz & Castro».

d) Porque razão ocultou R. R. o nome de uma antologia da **Ulisseia**. «Poesia Portuguesa do Pós-Guerra», e o de «Hiroxima», da **Nova Realidade?** Repare-se que, no seu minúsculo prólogo, apenas cita a «Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa», dos seus camaradas Melo e Castro e Alberta Meneres. E nem uma referenciazinha aos «poemas livres», onde figuram alguns dos poetas seus antologiados... Isto é sectarismo notório.

Vai longa esta minha carta Senhor Director, para a simples achega que eu queria trazer a uma questão que merece ser devidamente estudada. Peço-lhe desculpa pelo espaço que roubo ao seu valioso e independente jornal, pedindo-lhe também, que em nome dessa independência permita a publicação desta carta

ANTÓNIO R. SANTOS



Léger: tão importante a contribuição do pintor como a sua reflexão sobre a pintura...

Funções da pintura

ALGUMAS das maiores contribuições para o esclarecimento do acto de criação e da sua projecção no mundo dos homens, contam-se entre os escritos que alguns artistas exemplares legaram á história. Esse trabalho de reflexão, produto de uma experiência compreendida por dentro, continua a ser um instrumento poderoso para historiadores e críticos, além de subsidiarem o mecanismo de leitura do observador comum. Para além da sua eficácia e do seu brilhantismo, é nessa linha que podemos entender o livro de Fernand Léger, *Funções da Pintura*, recentemente publicado pela Livraria Bertrand. Este livro reúne, pela primeira vez, os principais escritos do artista, colocando com a maior oportunidade os problemas da criação pictórica e enquadrando os da forma, da cor e do espaço. A essas questões somam-se os fenómenos da abstracção, do novo realismo e da figuração.

Fernand Léger, figura angular da chamada Escola de Paris, alcança no plano da sua reflexão sobre a pintura um nível semelhante à sua contribuição como pintor, cuja permanência se deve ao verdadeiro entendimento das questões do seu tempo e aos problemas que têm marcado as sociedades contemporâneas. Para ele, na directriz de uma atitude bastante lúcida, a arte deve integrar-se nos domínios da civilização técnica, capaz de a reflectir e portanto capaz de a subsidiar nos seus movimentos internos sem que o homem se perca ou se reduza à servidão. Léger empenha-se assim em estabelecer relações como as da pintura com a arquitectura, assinalando a importância do maquinismo e dos espectáculos colectivos, abrindo perspectivas, com flagrante oportunidade, à definição de uma estética de conjunto. Assim, procura «criar um *modelo* plástico das novas relações que estão em vias de se estabelecer entre o homem e o mundo que construiu; dar a esse *modelo* um carácter prospectivo, dado não ser a obra de arte um simples reflexo passivo ou uma resultante dessas relações, mas uma criação que vai adiante das realidades nascentes, que por vezes as precede, como o acto precede a consciência; preparar a *passagem* da invenção estética à consciência colectiva, do acto criador à plena compreensão do seu sentido pelo público, modificando a ordenação plástica da vida colectiva — arquitectura, cartazes, vitrinas, mobiliário, decoração —, por cuja mediação se tornaram legíveis e inteligíveis nos nossos dias a descoberta dos pioneiros».

Estas palavras de Garaudy, inscritas no prefácio da obra, reflectem na verdade a importância e a oportunidade de *Funções da Pintura*, livro que merece ser lido com a maior disponibilidade.

Humor Português: Tac!

O HUMOR PORTUGUÊS (Tac!) estará amanhã-ou-depois nos escaparates dos livreiros Já não era sem tempo, depois da tanta tristeza (mental) que por aí circula a fingir de humor (com h minúsculo). O volume, gigantesco, traz a chancela do editor Fernando Ribeiro de Mello e a garantia, intelectual, dos responsáveis pela sua organização: Ernesto Sampaio e Virgílio Martinho. Em breve daremos o devido relevo a esta edição, que justifica, para já, um conselho amigo: leitor, prepara os dentes!

Astúrias em Lisboa

O EMBAIXADOR da Guatemala em Paris vem a Lisboa. Esta notícia passaria razoàvelmente despercebida se se não desse o caso de o embaixador ser escritor, e mais que isso um prémio Nobel da Literatura (1968), o primeiro jamais conquistado por (atribuído a) qualquer autor centro-americano.

Falamos de Miguel Angel Asturias, evidentemente. As Publicações Dom Quixote convidaram-no e ele aceitou. Virá a Lisboa na segunda quinzena de Dezembro, coincidindo essa visita com mais um lançamento seu em português: «Furacão» («Viento Fuerte»), traduzido por Pedro da Silveira.

Irene Lisboa: Das palavras

(Continuação da pág. anterior)

gradualmente menos ou mais entre a inconsciência e a vigília.

Da leitura de muitos poemas de Irene Lisboa fica, sem dúvida, uma impressão dominante de melancolia e solidão, temperada por uma plácida ironia e uma apetência de convívio ou de apego humano a que não é alheio, por um lado, o tom de um lirismo feminino e, por outro, imprecisas incidências das preocupações da geração neo-realista. Mas o que importa, sobretudo, salientar é que essa solidão e melancolia tornam possível o aprisionamento de uma linguagem que acaba por as relegar enquanto manifestações sentimentais, passando a testemunhar uma pura evidência de conhecimento.

Ao distanciarem-se do leitor que estaria, sobretudo, interessado em ouvir o seu eco, deixam as palavras de ser transparentes a um segundo plano psicológico, onde elas acabariam por se atrair ou repudiar mediante um desenvolvimento dramático que, geralmente, lhes é exterior. E exigir que se leia só o que os poemas dizem é ter já alcançado aquele momento que a linguagem expressiva pode atingir quando, ao furtar-se a um vago ideal que, na evolução da literatura, provinha de algumas concepções ligadas ao pensamento retórico de Aristóteles, se recusa a *auxiliar* o leitor.

Lembremo-nos que, acompanhando uma série de poesias a que deu o nome de *Poemas Mentais*, aparece esta epígrafe bem significativa e talvez adequada para caracterizar qualquer encenação realizada por um dramaturgo e poeta dos nossos dias, Brecht, que, igualmente, não aderiu a uma estética aristotélica e se não quis comprometer no auxílio prestado a um espectador que deveria descobrir por si as intenções e o significado de toda a obra — «mental: nada ou quase nada sentimental»...

25-XI-1969.

FERNANDO GUIMARÃES

Exposição de Vítor Fortes

por Rocha de Sousa

VITOR FORTES
Galeria 111

Vítor Fortes nasceu no Funchal em 1943.

Participou nas exposições:

Exposição de Artistas Contemporâneos.

Retrospectiva da Arte Portuguesa Contemporânea.

Exposição do Curso 68, Galeria «Gravura».

Exposição Individual na Galeria «Árvore».

11 artistas portugueses, Rio de Janeiro.

Concurso B. P. A.

Exposição de Verão, S.N.B.A.

Exposição de Verão, Galeria «Gravura».

Exposição de Gravura Portuguesa, Londres.

Participou nas seguintes Bienais:

I Bienal Internacional de Gravura de Liège (Prémio Cidade de Liège).

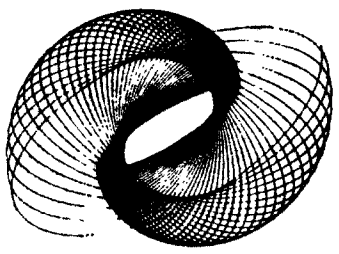
Bienal de Paris.

X Bienal de S. Paulo (Prémio Internacional de Gravura).

Trabalhou para o novo edifício da Fundação C. Gulkian, organismo de que é é actualmente bolseiro em Londres.

AUTOR ainda jovem, Vítor Fortes sedimentou ràpidamente um curriculum e obteve no nosso País o reconhecimento caloroso da sua obra. A oportunidade da execução de um painel para o novo edifício da Fundação Gulbenkian é privilégio que outros artistas mais velhos, e de mérito não inferior, nunca obtiveram em casos semelhantes. A consagração dentro do país foi consolidade fora dele, recentemente, com o Prémio Internacional de Gravura da Bienal de S. Paulo. O mesmo se pode dizer em relação ao Prémio da Cidade de Liège, o que nos permite situar Vítor Fortes entre os artistas afortunados saídos do nosso meio e com a vantagem de não o ter sido através de uma forte campanha tecida em Portugal a seu favor.

Com a exposição de gravura e pintura agora apresentada na Galeria 111, Vitor Fortes sublinha um período de nítida maturidade do seu trabalho e situa-se definitivamente no plano dos artistas significativos destes anos 60. No que se refere à gravura, as quatro peças apresentadas prolongam o tipo de experiência que tem desenvolvido ultimamente e que por certo o distinguiram na Bienal de S. Paulo. Nessas gravuras, apenas decididas pela chapa nua, a acção do gravador concentra-se na reprodução de módulos ou de formas motoras que se organizam em diferentes posições ou segundo linhas rítmicas particulares, provocando a sequência e o intercâmbio das figuras. Estas marcas definidas, que nascem de uma recolha prévia, ferem o papel na impressão seca e propõem uma voz branca que parece reassumir o acto de gravar na sua origem e na sua essencialidade. A aparência



das formas e o tom da sua organização no plano ligam-se, por outro lado, às mecanizações de reprodução no nosso espaço civilizacional e recuperam para ele o que é de facto permanente na aventura afirmativa da pessoa humana.

Em confronto, as quatro pinturas apresentadas por Vitor Fortes, para além do seu interesse específico e dos problemas que põem a esse nível, têm o mérito de explicar ou de iluminar o processo de desenvolvimento e aparecimento das gravuras, sobretudo no que diz respeito à recolha dos elementos de base e aos movimentos e ritmos que estes decidem no plano. Há nelas um quase didactismo de formulação na medida em que as sobreposições, as associações, as transparências e os ritmos se explicam mùtuamente, permitindo ao espectador escolher diferentes pontos de partida e superar o espaço fechado do quadro para o prolongar no espaço ambiente, para o qual, de resto, metafórica e fisicamente ele se dirige. Ao registo das figuras, que se faz numa espécie de técnica paralela à gravura, soma-se a sua movimentação progressiva e virtual no plano, em desdobramentos, transferências e rebatimentos que sugerem pluralmente, no campo da percepção, todo um leque de direcções possíveis de leitura e portanto uma abertura dos significados. Daqui se passa, em todos os casos presentes, para uma espécie de crise do quadro entendido nos seus limites habituais, que são contestados e destruídos pela dissociação entre a sua moldura e a sua realidade física. A «tela» desagrega-se dos seus limites, dinamiza-se para fora deles, e ao mesmo tempo as formas representadas recusam a permanência no domínio abstracto da «tela», derramando-se igualmente para fora dela em busca de uma coisificação cada vez mais urgente, isto é: em busca da sua verdadeira autonomia para além de uma existência virtual de princípio em que se forjam. Em certos casos, este esforço concentra-se no próprio vazio, os elementos de base perdem o contorno especificamente gráfico da sua representação e aparecem recortados na madeira, decididos pela ausência, corporalizando-se por intermédio dela e através da parede de fundo. A esta consequência poderá Vitor Fortes chegar mais tarde ou mais cedo, confundindo o fundo e a forma e mostrando por processos mais directos e menos ambíguos a relatividade desses problemas no mundo da visão. Mais uma vez podemos dizer que é esta visão que se organiza no campo de pesquisa do autor, quer através das suas gravuras em relevo, quer através das representações gráficas que propõe no plano da pintura. E ela altera-se em cada novo esquema, conforme o método e segundo o seu prolongamento no espaço e no tempo. Teremos assim de admitir que este é um problema de base que constantemente se renova a diferentes níveis e que deve portanto estar presente à partida de qualquer análise para além das ramificações de sentido e de atitude que a obra possa comportar.

Pintura de Vitor Fortes: a «tela» desagrega-se dos seus limites, dinamiza-se para fora deles...

Pintores figurativos em cinco colecções

A COMPANHIA PORTUGUESA dos Petróleos BP tomou a responsabilidade de uma iniciativa que merece de facto uma atenção particular. Dentro do plano de uma Quinzena Cultural, que este ano coincide com o 40.º aniversário da instalação da Companhia em Portugal, decidiu a BP levar a efeito, com a colaboração técnica da Fundação Calouste Gulbenkian, uma Exposição de Arte Portuguesa dos Séculos XIX e XX em Colecções Particulares, visando, ter assumido. Não é preciso, com efeito, muita imaginação para se tentarem estudos semelhantes, dentro de um plano de acção que pode tornar-se paralelo ao movimento artístico actual e capaz de explicar ou de iluminar certos aspectos das aquisições contemporaneas. Cabe naturalmente à S. N. B. A. enfrentar responsabilidades deste tipo, que são base de uma formação em que se mostra empenhada, ainda que para o efeito tenha de solicitar apoio financeiro

Pintura de Eduardo Viana, um dos artistas em exposição na S. N. B. A. por iniciativa da BP

de futuro, uma cobertura tão vasta quanto possível dessa realidade através de outras exposições. Não se trata, portanto, de um projecto meramente circunstancial, mas de uma contribuição que pode ser profunda no sentido de se coordenar histórica e criticamente uma vasta produção cuja existência está mal referenciada e, na maior parte dos casos, permanece desconhecida. Trata-se, afinal, duma iniciativa que é, em si mesma, um exemplo do muito que há a fazer neste domínio e que outros organismos, com particular referência para a Sociedade Nacional de Belas-Artes, poderiam fora dos seus limites económicos habituais.

A primeira exposição da série que a BP se propõe cumprir em anos futuros inclui obras dos coleccionadores Augusto Vieira de Abreu, Fernando Seixas, Igrejas Caeiro, Manuel Vinhas e da viuva de Diogo de Macedo. Estas colecções não ficaram, no entanto, esgotadas, ainda que o seu inventário tenha sido desenvolvido paralelamente com vista a um estudo a publicar que poderá subsidiar de forma particular a história da pintura portuguesa. Do primeiro conjunto inventariado foram extraídas 106 peças (para um total de 1.500). Fernando Guedes esclarece, no prefácio do excelente catálogo da Exposição, que, para além das muitas exposições-sínteses que cada colecção implica, se preferiu o mais contingente critério de procurar em todas elas os pontos de convergência que permitissem a articulação num todo suficientemente exemplar de tendências dominantes na pintura portuguesa em determinado período: a que radica num figurativismo do mundo visível. Assim se deve entender que as colecções agora citadas terão de ser retomadas mais tarde quando se houver de completar o inventário noutros sectores da expressão artística, nomeadamente no caso do desenho. Desta vez é apresentado um panorama seleccionado dentro da linha preferida, incluindo obras de Marques de Oliveira, Henrique Pousão, Aurélia de Souza, António Carneiro, Francisco Smith, Eduardo Viana, Alves Cardoso, Milly Possoz, Francisco Franco, Manuel Bentes, Abel Manta, Emmérico Nunes, Armando de Basto, Dordio Gomes, Almada Negreiros, Jorge Barradas, António Soares, Sarah Afonso, Carlos Botelho, Heitor Cramês, Bernardo Marques, Fred Kradolfer, Dominguez Alvarez, Augusto Gomes, Cândido Costa Pinto, João Navarro Hogan, Luís Dourdil, Julio Resende, Alice Jorge, Julio Pomar, Niklas Skapinakis. Da extensão desta lista se pode depreender qual o interesse de futuras exposições e a contribuição cultural que a publicação do Inventário, prevista para 1970, pode decidir entre nós. A iniciativa assumida pela BP, para além do brilho com que se concretizou no Salão da S. N. B. A., numa montagem criteriosa, limpa e muito equilibrada, é bem um exemplo de como as grandes empresas podem de facto ajudar a um processo cultural urgente no domínio em referência.

EXPOSIÇÕES

GALERIA INTERIOR *Rua Camilo C. Branco*	**ANTÓNIO SENA**, com desenhos e colagens em que o papel da escrita readquire toda a sua importância.
GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**MARILYN REYNOLDS**, com pinturas cujo timbre cromático elevado colabora com uma ingénua e sensual representação temática.
GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS *Fundação C. Gulbenkian*	**EXPOSIÇÃO DE OBRAS DE PINTURA, PROPRIEDADE DA FUNDAÇÃO, DE ARTISTAS PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS**, numa perspectiva variada e valiosa que não pretende, contudo, cobrir històricamente uma realidade.
GALERIA JUDITE DACRUZ *Rua do Alecrim*	**JOÃO VIEIRA, NUNO SIQUEIRA, MENEZ e ROCHA DE SOUSA**, numa colectiva integrando a inauguração da galeria.
GALERIA 111 *Campo Grande*	**VITOR FORTES**, com obras que confirmam a dinâmica da sua imagística dentro de uma construção atenta e rigorosa.
GALERIA S. MAMEDE *R. da Escola Politécnica*	**ANTÓNIO AREAL**, apresentando desenhos do período entre 1953-58 onde a «paisagem» subsidia uma particular visão do mundo.
S. N. B. A. *Rua Barata Salgueiro*	**PINTORES FIGURATIVOS EM 5 COLECÇÕES**, primeira de uma série de exposições a realizar pela BP visando o Inventário da arte portuguesa dos séculos XIX e XX.

A PROPÓSITO D'

O novo «O Tempo e o Modo»

conversa (entre dentes) com João Bénard da Costa

Há um ano que as pessoas — e ainda alguns corvos, algumas gralhas algumas cotovias algumas corujas e algumas estátuas vêm a anunciar, a prenunciar, a renunciar, a denunciar um novo O TEMPO E O MODO. Havia os que não acreditavam; havia os que desejavam impacientemente; havia os que lhe auguravam uma dura vida (e os que imploravam a sua morte prematura.)

Finalmente o novo O TEMPO E O MODO apareceu nas livrarias, nas tabacarias e nas casas das gentes. Novinho em folha — pelo menos na forma. Com algumas (poucas?) ousadias na linguagem. Com, etc., etc....

João Bénard da Costa: «Que cada um deixe a posição de juiz para assumir a de interventor»

Procurámos um esclarecimento. Pelo menos um primeiro esclarecimento. Fizemos duas perguntas a João Bénard da Costa, director da revista.

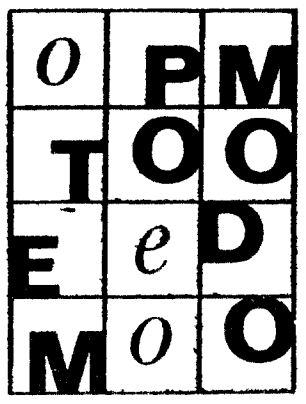
1.ª — É capaz de nos dizer em que consiste a novidade anunciada e adivinhada?

— Digo, em primeiro lugar, que a pergunta exagera um bocado, tanto os anúncios como as denúncias. Ainda não chegámos aí e ainda todos nós, como no poema do O'Neill, estamos um bocado no eu que te leio a ti e no tu que me lês a mim.

Isto dito, não há dúvida que O TEMPO E O MODO mudou, e mudou muito. Mudanças formais que procuraram corresponder a outras, e mudanças outras que não são formais.

O TEMPO E O MODO vive há sete anos e tal, e tem um passado e uma história. Esse passado e essa história cabem, para o consenso geral, na fórmula «revista católica progressista». Como dizia o outro: «em política, o que parece é». E, por mais que se tenha dito (desde o primeiro número) que a revista não era confessional, por mais que nela tenham colaborado, e a nível responsável, pessoas que nunca souberam de que cor era a água benta, foi isto que o público reteve e fez carreira. Livraria Morais, alguns católicos ditos progressistas, em lugar da responsabilidade e tanto bastou, ao nível do público em geral e do público da geral. Outras ideias ficaram no ar, e essas com mais razão de ser em face das palavras não poupadas: revista de diálogo (crentes-não crentes, várias correntes políticas) revista personalista (aparentada à *Esprit*) revista humanista, etc.

A uma análise menos superficial, outras coisas poderiam ser detectadas (e até o foram) e, conforme os casos, positivamente ou negativamente apreciadas. E, assim, desde revista de pacífica coexistência (ora agora chego eu, ora agora



chegas tu), até uma ambiguidade que alguns pensariam casar bem com a prudência da serpente, a revista foi vista de vários modos e a seu tempo. Para outros, pelo contrário, esse espírito conciliar e conciliador era de louvar e distinguia-se do resto, apontando para um futuro risonho, harmónico e tranquilo.

O que é certo é que, a partir de certa altura, se estava num impasse: ou O TEMPO E O MODO guinava para a vocação por muitos pressentida de órgão oficioso de certos doroteus, ou O TEMPO E O MODO se definia doutra maneira, dando largas a um certo pendor (que em si mesmo, mais ou menos discretamente, sempre conteve) de caçador de mitos, algo provocatório e capaz de espantar muita gente na sua capacidade contestativa e anti-reformista.

Foi isto que veio a acontecer, depois de vários acidentes de percurso. Uma *independência*, que foi sempre o melhor desta revista, trouxe uma série de revisões críticas e de fundo, que trouxeram as tais novidades. E, assim, atendendo ao actual condicionalismo português, e, em boa parte, fruto dele, o TEMPO E O MODO procurará, agora, e acima de tudo, fornecer instrumentos para a elaboração da prática teórica que à esquerda portuguesa tem faltado.

Nessa elaboração procurou-se dar prioridade á crítica, ao sistema sobre a crítica ao regime, ou seja, perspectivar o recurso deste numa recusa global daquele e lutar contra todas as soluções sectoriais ao serviço de perspectivas que abrem, realmente, caminhos novos e se não limitem a baralhar os antigos. E tudo isto não só no terreno que se delimita como político, mas, mais globalmente, procurando a construção de novas formas de relações humanas e de uma nova criação de nós próprios.

É fácil prever reacções a este tipo de conversa: do utopismo à irresponsabilidade, o leque é largo, e só agora começou. Mas experiências recentes podem fazer pensar duas vezes, até em termos de eficácia. Para além deles, ainda, interessa perguntar, a quem ande, realmente, à procura de uma saída: Não valerá a pena repensar muita coisa, e reformular muita outra? Não será tempo de, sem dogmatismos ou viseiras, interrogar a sério os mitos (da direita ou da esquerda) que herdámos e repetimos? Não há que tirar todas as consequências de situações de trabalho e de vida reprimidos? Não há que tentar conseguir as condições para uma autêntica libertação? Se as respostas a estas perguntas forem afirmativas parece que vale a pena apostar no que O TEMPO E O MODO será. Um instrumento na luta contra todas as formas de opressão e um meio de aprofundamento teórico, que nos faz falta.

Uma última nota: a política de uma revista não se transforma màgicamente. Para que ela possa ser corrigida é preciso um trabalho longo, e não sonoras proclamações de verdades mais ou menos aprioristicamente reveladas.

2.ª — Qual o significado dos colóquios em que, presentemente, os redactores da revista andam empenhados? Trata-se de uma forma — original, porventura — de publicidade, ou trata-se de uma concepção (nova, também) das relações com o leitor? Será que a revista pretende, também, um novo leitor?

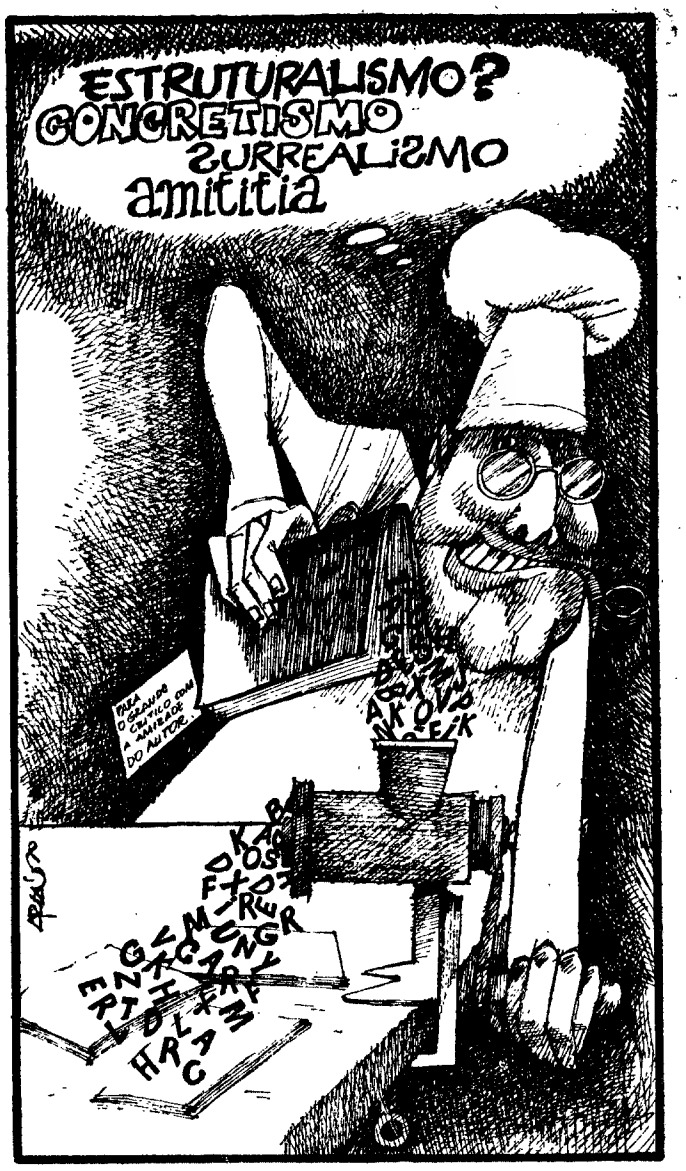
— Seria mentir dizer que os colóquios não nos interessam como forma de publicidade. É evidente que sim.

Contudo, se fosse só isso, haveria outro caminho a tentar, mais imediatamente rendosos.

Remeto para o que acima disse: as transformações não se operam apenas pela vontade de as fazer. Uma revista, para estar em «revolução permanente», tem que manter um contacto estreito, vivo e dinâmico com os leitores. Tem que ser um dos modos de expressão (e apenas um) de um grupo mais vasto de contactos e actividades. Os colóquios são outra dessa forma de actividade, com tanto ou mais importância.

Aí nos discutimos, aí cessa a relação entre o redactor e o consumidor.

Nesse sentido procuramos, de facto, um novo leitor. Que cada um deixe a posição de guia (a Revista é boa ou má, o artigo A tem interesse, o artigo B é fraco) para assumir a de interventor. E (porque não di[illegible]) de colador.



O CRITICO LITERARIO

«Cartoon» de

ARAÚJO

(da série «Os críticos»)

O CINEMA QUE VEMOS

	AdC	ArC	APV	JVP	LA	MML	VST
O Detective (Gordon Douglas)	2	3	3	3	4	3	1
A Batalha de Inglaterra (Guy Hamilton)	—	—	—	1	1	1	1
Os Loucos do Amor (Stuart Rosenberg)	3	—	1	1	3	2	—
Desejo Perverso (Salvatore Samperi)	2	2	2	1	4	3	—
O Homem de Kiev (John Frankenheimer)	1	2	0	—	4	2	1
O Homem da Cabeça Rapada (André Delvaux)	4	3	5	4	5	5	5
O Diabo Era o Outro (Constantino Esteves)	—	—	0	—	0	0	0
O Magnífico Intruso (George Seaton)	—	—	—	—	2	1	—
Isadora (Karel Reisz)	—	1	—	—	4	4	3
O 41.º (Gregori Tchoukhai)	—	—	—	—	2	2	—
A Perversa (Alex March)	—	—	—	—	0	1	—
O Grande Ajuste de Contas (Robert Enrico)	1	—	—	—	2	—	2
Divórcio à Italiana (Pietro Germi)	—	—	—	3	3	3	—

Os «números»: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com algum interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

Os «votantes»: AdC (**Adelino Cardoso,** Revista «Rádio e Televisão); ArC (**Armando Caeiro,** dirigente cineclubista); APV (**António Pedro Vasconcelos,** «Jornal de Letras e Artes»); JVP (**José Vaz Pereira,** D. L. e «Seara Nova»); LA (**Lauro António,** D. L. e «PBX») MML (**Manuel Machado da Luz,** D. L. e «Seara Nova) e VST **Vítor Silva Tavares,** D. L.

CONVITE

No dia 29, a partir das 17 horas
NA LIVRARIA SÁ DA COSTA
Rua Garrett, 100-LISBOA

ARMANDO CASTRO
autografa o seu livro
ENSAIOS SOBRE CULTURA E HISTÓRIA
Colecção CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA

ÓSCAR LOPES
autografa os seus livros
LER E DEPOIS
e MODO DE LER
Colecção CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA

PAPINIANO CARLOS
autografa o seu livro
TERRA COM SEDE
Colecção METAMORFOSES

EDITORIAL INOVA / PORTO

Kerouac

viajante solitário

por Ana Hatherly

Já fui jovem e tive muito mais orientação e era capaz de falar com nervosa inteligência àcerca de tudo e com claridade e sem mais preâmbulos literários do que isto.

in «The Subterraneans»

QUANDO EM 1960 apareceu a edição da novela «O Viajante Solitário», Kérouac escreveu para essa obra, à guisa de prefácio, a seguinte autobiografia:

NOME: Jack Kerouac.

NACIONALIDADE: franco-americana

LUGAR DE NASCIMENTO: Lowell, Massachusetts.

DATA DE NASCIMENTO: 12 de Março de 1922.

EDUCAÇÃO: Lowell High School, Horace Mann School for Boys, Universidade de Columbia (1940-42), New School for Social Research (1948-49). Mark van Doren deu-me vinte valores no curso de inglês (Shakespeare) na Universidade de Columbia. Chumbei a Química. Joguei futebol. Também basebol e xadrez.

CASADO: «nah».

FILHOS: não

SUMARIO DAS PRINCIPAIS OCUPAÇÕES E/OU EMPREGOS

Tudo. Elucidemos: moço de cozinha a bordo, grumete, garagista, jornalista desportivo, ferroviário, escritor de argumentos para a 20th Century Fox, operário metalúrgico. Trabalhei na apanha do algodão, fui ajudante numa empresa de mudanças, vigia de fogos florestais, operário da construção civil.

«HOBBIES». Inventei o meu próprio jogo de basebol, em cartas, extremamente complicado e ainda estou a jogar uma série completa de 154 jogos entre oito clubes, com todos os detalhes, etc.

DESPORTOS: todos, excepto ténis, «lacrosse» e «skull».

ESPECIAL: garotas

FAVOR DAR UM BREVE RESUMO DA SUA VIDA: tive uma infância linda; meu pai era tipógrafo em Lowell. Vagueava pelos campos e à beira dos rios, noite e dia; escrevia pequenas histórias. A primeira tinha eu 11 anos. Também escrevi extensos diários e «jornais», que referiam os meus inventados mundos de corridas de cavalos, basebol e futebol. Aos 17 anos decidi tornar-me escritor, influenciado por Sebastian Sampas, jovem poeta local que mais tarde morreu na praia de Anzio. Aos 18 anos li a vida de Jack London e decidi também ser um aventureiro, um viajante solitário. Influências literárias de então: Saroyan e Hemingway; mais tarde Wolfe (depois de ter partido uma perna a jogar futebol li Tom Wolfe e deambulei de muletas pela Nova York que ele descreve). Influenciado por meu irmão mais velho Gerard Kerouac, que morreu aos 9 anos em 1926, quando eu tinha 4. Meu pai era um homem absolutament honesto e cheio de alegria, que azedou nos últimos anos de Roosevelt e da Segunda Guerra; morreu de cancro e de tédio. Mãe, ainda viva. Vivo com ela uma espécie de vida monástica, que me permitiu escrever como tenho escrito. Mas também escrevi na estrada, no emprego, no exílio, em viagem pela Europa. Minha mãe chama-se Gabrielle. Com ela aprendi a maneira natural de contar histórias, ao ouvir as suas longas narrativas acerca de Montreal e New Hampshire. A minha família é originária da Bretanha, França. Primeiro antepassado americano é o Bardo Alexandre Louis Lebris de Kerouac de Cornwall, Bretanha, 1750 mais ou menos; foi-lhe cedida terra ao longo da Rivière du Loup depois da vitória de Wolfe sobre Montcalm; seus descendentes casaram com índias e tornaram-se plantadores de batatas. Primeiro descendente americano meu avô Jean-Baptiste Kerouac, carpinteiro A mãe de meu pai é uma Bernier, parente do explorador Bernier — são todos bretões por parte do meu pai. Minha mãe tem um nome normando: l'Evesque. A minha primeira novela formal The Town and the City *foi escrita dentro da tradição do longo trabalho e revisão, entre 1946 e 1948, três anos, publicada em 1950 por Harcourt Brace. Então descobri a prosa «espontânea» e escrevi, por exemplo* The Subterraneans *em três noites — escrevi* On the Road *em três semanas.*

Li e estudei sòzinho toda a vida. Estabeleci um «record» na Universidade de Columbia faltando às aulas para ficar no dormitório a escrever diàriamente uma peça de teatro e ler, por exemplo, Louis Ferdinand Céline em vez dos «clássicos» do curso.

Tinha as minhas ideias. Sou conhecido como «louco vagabundo e anjo» com uma «interminável cabeça vazia» de «prosa». Também poeta de versos Mexico City Blues *(Grove, 1950). Sempre considerei escrever, o meu dever na terra. Também a exortação à bondade universal, que alguns críticos histéricos não conseguiram detectar sob a actividade frenética das minhas histórias verdadeiras sobre a geração «beat». Na verdade, solitário louco místico católico... Planos eu não sou* beat *mas sim um estranho finais: eremitério na floresta, escrever tranquilamente na velhice doces esperanças de Paraíso (que de qualquer modo acontece a toda a gente)... Queixa favorita acerca do mundo contemporâneo. as facécias das pessoas «respeitáveis»... que, por não tomarem nada a sério, estão a destruir velhos sentimentos humanos, mais velhos que o* Time Magazine...

Em 1969, vol. 94, n.º 18, 31 de Outubro, esse mesmo *Time Magazine* numa breve notícia referindo a morte de Jack Kerouac declara que para ele chegou o «fim da estrada», chama-lhe o *shaman* da Geração Beat, precursora da actual geração hippy mas — talvez por isso mesmo — incapaz de sobreviver a partir dos anos 60. Kerouac, que morreu a semana passada, relata o *Time Magazine*, ainda há bem pouco murmurava tanto contra a sociedade tradicional como contra os jovens rebeldes, o complexo militar-industrial e o Viet Cong. Escrevia ele: Não se pode lutar contra o estabelecido; está sempre a mudar de nome» Perante o que o redactor aproveita para informar que Kerouac morreu em St. Petesburg, Florida. devotadamente dedicado a cuidar de sua mãe doente... e conclui que quanto a comportamentos, talvez a fórmula mais sensata seja a do senhor Robert Frost que foi conservador na juventude, segundo dizia, a fim de poder ser anárquico na velhice...

Para ilustrar o aspecto de *Poeta de Versos* que Kerouac para si reclama, eis alguns excertos da tradução do longo poema *Sons do Oceano Pacífico em Big Sur*, com que termina a novela *Big Sur*, tradução inédita que realizei em 1966:

Fatigante velho mar, não stás cansado
& farto de toda esta mërde?
este incessante boom boom
& andar de areia — vós gente
encanecidas rochas aqui para Fuegie
& nunca entristeceis? Ou desesperais
como um falso Alemão?
Continua triste boomboom & verde
nas noites nevoentas—a bruma é parte
de nós —

Eu sei, mas cansado
quanto posso escutando toda
esta estúpida magestade
Bashó!
Lao!
Pop!
Quem é este peixe
sentado não afogado? Corre sobre
um tufão de Hawaii esmigalha-o
contra a sua rocha—Vamos-te gelatinar,
homem gelatinado, mostra-te essencial
geleia do mar — Rei
do Mar.

Cinco mar o Chico mar
o mar de Magalhães
— Que hype sideral derrubou ele
vergando mar beatnik cabra-i
por sobre velhos manuscritos de cabra
para encontrar o outro lado do Apartamento?
Olha á volta, vês o fim de mim?
Arredondo enorme quarto de dormir?
Awp buraco gruta & shwrul —
areia & sal & cabelo olhos

Mas estas ondas assustam-me —
Vou morrer
em desespero absoluto —
Acordar onde?

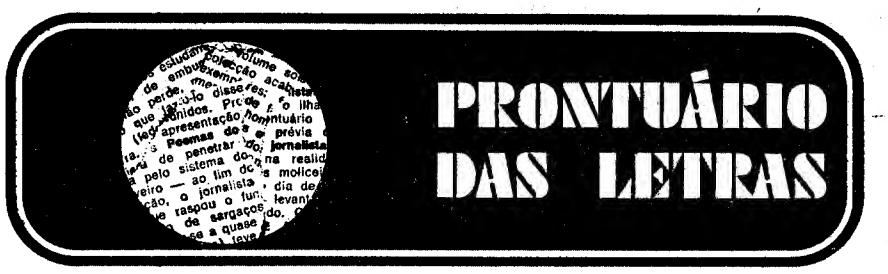
— Este é o mapa das formas breves
este mar o mais breve —

Não conseguimos a eternidade
há um milhão de anos que tentamos —

Pela Estrada Fora («On the road») — Tradução de H. Santos Carvalho, ed. Ulisseia.

Os Vagabundos da Verdade («The Dharma Bums») — Tradução de Fernando Pinto Rodrigues.

Kerouac está igualmente incluído na antologia *Geração Batida*, organizada por Jorge Daun para a colecção «Best-Sellers» em 1963.



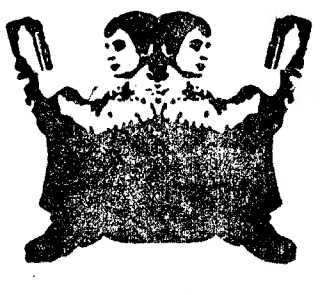
Lautréamont na Moraes

A obra poética de Isidore Ducasse, falso (ou verdadeiro, já que foi ele quem assim se inventou?) conde de Lautréamont, está finalmente vertida para português. Autores do cometimento: a editora Moraes e o tradutor Pedro Tamen, aliás um homem da casa. O volume inclui os «Cantos de Maldoror» (que dão o título geral) e as «Poesias», tudo isto precedido de uma nota de Jorge de Sena. À venda nas livrarias desde o princípio da semana.

Ducasse (1846-1870), pràticamente ignorado nos finais do século XIX, foi de facto descoberto pelo primeiro grupo surrealista, sob cujos auspícios veio a ser notado — inicialmente muito a medo, como se compreende — por alguns estudiosos da literatura francesa. Hoje não se prescinde ele: explica muita coisa dos nossos dias (e não só em França, como também se compreende).

«Marcuse polémico»

Nem toda a gente conhece Marcuse: enfim, nota-se... Mas para quem já descobriu este excepcional pensador devemos aconselhar o recente lançamento da Editorial Presença, «Marcuse Polémico», com textos do próprio e de Erich Fromm e Karl Miller. Vem na colecção «Perspectivas», em tradução de Fernando Midões e Luís H. Santos.



O libanês

O libanês é Georges Schehadé: uma peça de sua autoria foi encenada pela Companhia Amélia Rey Colaço — Robles Monteiro («L'émigré de Brisbane», 1965), uma outra peça está traduzida para português («Monsieur Bob'le», 1951). Pois de Schehadé veio-nos agora às mãos o volume «Les Poésies», na colecção de bolso da Gallimard. Prefácio de Gaëtan Picon.

Grade na parede

O jovem poeta Fernando Grande (lembra-se do «Desintegracionismo»?) expõe numa galeria de arte da Parede 14 desenhos recentes. Eis como ele se apresenta: «Fernando Grade — poeta, artista plástico, ficcionista, crítico, etc. e tal, nascido em 43, depois da vitória russa em Estalinegrado, ei-lo nestes desenhos — pássaros-amarelos; foi um dos criadores do Desintegracionismo, e é por isso que NÃO FUMA; 4 (quatro) livros de versos e outras tantas (com esta) exposições individuais: também quer deixar afirmado que a sua Teoria das Multidões MORDE na medida do possível e do tamanho das ruas; nunca esteve na Dinamarca, mas não quer morrer sem ir lá; não tem gira-discos, nem dentadura postiça; é autor destes versos relativos aos caso português: *sete capicuas / um deus de dar corda / uma pratio vazio / à falta de açorda».* Ah

Notícias do Brasil

O n.º 232 (Outubro) do «Jornal de Letras» inclui, da autoria de Maria Lúcia Lepecki, um estudo sobre letras portuguesas: «O conto de Maria Judite de Carvalho». ● Gilberto Freyre (Sociologia), Paschoal Carlos Magno (Teatro), Elysio Condé (Imprensa Literária) e Alceu Amoroso Lima (Literatura) foram algumas das personalidades recentemente distinguidas pela União Brasileira de Escritores com a Ordem do Mérito Cultural. ● Nos escaparates: «O mundo de Henry Miller» (Esdras do Nascimento), «Os meninos e o agreste» (Caio Porfírio Carneiro), «Nove estórias» (J. D. Sallinger), «Fábula e contrafábula» (Henrique Pongetti), «Memórias» (Isadora Duncan), «Como nasce um cabra da peste» (Mário Souto Maior) e «Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin» (José Guilherme Merquior). ● «Ubu Rei», de Alfred Jarry, subiu à cena sob a direcção de Gianni Ratto. Ubu é Ivan Setta na versão brasileira. ● Kuznetsov na berra: saiu a tradução de «Babi Yar», em lançamento da Livraria Civilização Brasileira.

Ted Hughes: «Animal poems»

(Continuação da 1.ª página)

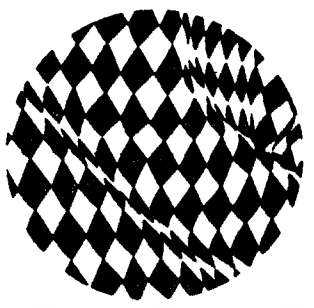
cido por um agudíssimo sentido de observação, e um tratamento formal que é produto duma tranquila consciência de evolução da língua — sem derivar nunca para qualquer expressão gratuita de vanguardismo linguístico. Vejamos outro exemplo do que se acaba de afirmar (trata-se ainda de um «animal poem»):

Os macacos adoram as suas
[pulgas ao sol.
Os papagaios berram como
[se estivessem em chamas
Ou bamboleiam-se como
[cóias baratas
Para atrair o transeunte
[com a noz.
Cansados de indolência,
[tigre e leão
Jazem quietos como o sol.
[A espiral da gibóia
É um fóssil. Jaula após jau-
[la aparenta estar vazia
Ou tresanda a dormidas
[entre o resfolegar da
[palha.
Tudo isto poderia estar
[pintado na parede do
[quarto de brinquedos.
... ...

Proporciona-se-nos aqui a descoberta de outra característica da sua poesia, que é uma obstinada recusa em se entregar a qualquer forma de contemporizações.

Uma visita ao Jardim Zoológico dá-lhe várias imagens que não perde tempo em qualificar: os papagaios são cóias; o leão e o tigre, indolentes; as jaulas, mal-cheirosas. Porém, este espectáculo, com todas as conotações de vício que patenteia «podia estar pintado na parede do quarto de brinquedos».

As suas descrições adquirem uma fluência crítica que abala todo o convencionalismo do comportamento humano para mer-



gulhar num mundo de temíveis e profundas raízes. E é isto que faz repetidamente com os seus retratos de animais. Negando-lhes as motivações que o nosso próprio condicionalismo lhes emprestou, Ted Hughes retira-os do cacifro zoológico a que pertencem, disseca-os e passa a propô-los como símbolos.

O crítico inglês A. Alvarez, conclui com a seguinte frase o prefácio à sua notável «Antologia da Moderna Poesia Britânica»: «estou convencido que não há falta de talento poético na Grã-Bretanha de hoje. Se esse talento virá ou não a impôr-se, depende, em grande parte, do grau de resistência dos poetas a uma doença muito comum na cultura inglesa — as boas maneiras».

Ted Hughes, poeta «sauvage», impôs-se sem pecar por esse mal. E a terminar, dê-mos-lhe de novo a palavra:

RELIQUIA (*)

encontrei esta queixada à
[beira-mar

a l i caranguejos esqualos
[são vencidos p'las ondas
ou arrastados
p'ra estrebuchar na areia
[meia hora
e ficar numa crosta
continuando o começo

as funduras são frias
nesse negrume não há ca-
[maradagem

nada se toca mas fin-
[cando devora
e as maxilas
antes de satisfeitas
ou recompostas de seu di-
[latado intento
são comidas por maxilas
descarnadas a dentes

as maxilas comem
são acabadas
e a queixada vem à praia

esta é a empresa do mar
com conchas vértebras
[carapaças garras
[crânios

no mar o tempo devora a
[própria cauda
prospera
vomita estes detritos indi-
[gestos
altercações de propósitos
[falhados longe da super-
[fície

nada enriquece no mar

esta queixada curva nunca
[riu
mas ferrou ferrou e é hoje
[um mausoléu

(*) A eliminação de maiúsculas e pontuação, bem como a organização métrica deste poema são minhas. Esta versão de «Relíquia» está incluída no volume de poesia em preparação «Norte-a-Sul».

L. A. de S.

nos estabelecimentos
GUERRA E PARIS modas
A LÃ ESTÁ NA MODA, A LÃ ESTÁ NA MONTRA

V. precisa de **ver** as montras de artigos em Pura Lã Virgem/Woolmark nos **ESTABELECIMENTOS GUERRA** e **PARIS MODAS,** na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, em Algés.

Dirá depois, como toda a gente:
prefiro a lã
confio na WOOLMARK

PURA LÃ VIRGEM

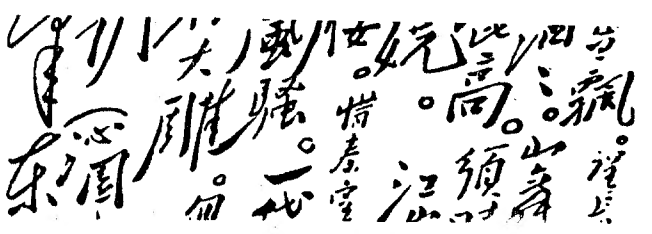
CAMPANHA SIL/ESPIRAL

Se oferecer **Waterman**
que categoria de oferta!

Escolha de entre os 100 modelos Waterman
desde 36$00 a 14 contos

NOVIDADES NECONSAR, LDA. — Rua do Telhal, 43 — Tel. 36 64 78 — Lisboa

Poemas de Mao Tse Tung



por Etiemble

O VENTO DE OESTE, os patos selvagens, a estrela Bootes, mil montanhas, dez mil rios, três milhões de dragões de Jade, o regresso à terra-mãe, alusões ao filosofo Hötseu («um conservador triste», segundo Granet), ao *Sonho* taoista do *milho amarelo*, ao Singe Souen, herói brigão da *Viagem ao Ocidente*, as mutações que remetem para *Y King*, esse *Cânone* onde os profetas da China resumiam a sua visão do mundo, eis as imagens tradicionais. Quanto à forma, Mao impõe a si próprio o *wen yen*, o estilo escrito à antiga, construído tanto pela vista como pelo ouvido. Decalcado em modelos musicais — como se disséssemos, por exemplo, no *Frère Jacques*. Se o *ts'en*, de métrica liberta, é mais frequente nos primeiros poemas, à medida que Mao avança em idade e em vigor poético, vai-se constrangendo ao rigor do *che*, às estrofes de quatro e oito versos, de forma estrita, da qual os antigos chineses se haviam libertado precisamente com o *t'sen*. Não que ele se dobre sempre às combinações ortodoxas; mas as poucas liberdades que se concede, não impedem de reconhecer no seu vocabulário, sintaxe e paralelismo, as normas dos poetas Songs, T'angs e mesmo desse Tão Yuan-ming, que viveu nos séculos IV e V e que Mao celebra.

O poeta Mao e (alguns) dos seus leitores

Sim, mesmo quando se inspira numa canção popular (e não num poema de Kou-go à antiga) Mao Tse Tung transpõe-se sempre para a sua língua escrita.

Ao fazer isto, desobedece ao dogma que, desde 1917, obriga os homens de esquerda ao dever de se exprimirem apenas em língua falada, em *pai hona*.

«Como estes versos são escritos em estilo antigo» — declarava ele em 1957 — «não quis publicá-los oficialmente, com receio de encorajar uma tendência prejudicial e de exercer uma influência perniciosa sobre a juventude». A verdade é que, durante as Cem Flores de 1957 se declarava a qualquer pessoa, em Pequim e fora de Pequim, «Devemos admirar os poemas do Presidente Mao; mas não convém que os imitemos.»

Contudo, a forma antiga confere a ideias novas uma força, uma sedução que, até agora, em vão temos procurado nos textos de poesia «espontânea» suscitados pelo maoísmo que têm chegado ao nosso conhecimento.

Por engenhosa derivação de sentido, o Dragão verde a fábula antiga é agora o imperialismo japonês o estandarte vermelho evoca as bandeiras, igualmente vermelhas, do antigo Exército, os soldados da Longa Marcha são designados pela expressão devida ao corpo de batalha na China imperial «Os três Exércitos». Quer Mao evoque Ts'ing Che Hovang-ti, quer T'ai Tsong dos T'angs, quer esse gengis khan que só sabia esticar o arco contra a águia gigante, o certo é que sempre os evoca apenas para melhor justificar a sua empresa:

«Para encontrarmos homens verdadeiramente grandes vejamos antes o presente»

Assim como Lou Siun compunha com *parti pris contos antigos à nossa maneira*, e dava um sentido revolucionário às velhas lendas, assim Mao sabe recorrer ao testemunho, ou melhor, à fiança desse Confúcio que ele detesta:

O mestre bem o disse nas margens de um curso de água:

«Vamos para a frente, como a vaga que corre». Confúcio nunca disse isto, mas sim: «Tudo passa como esta água, nada para dia e noite». A entropia faz-se o progresso; o rio, uma sociedade em marcha a caminho do maoismo. Tanto faz Na falta da cultura clássica que é dom desse que foi bibliotecário na Universidade de Pequim, os alunos chineses não verão o contra-senso voluntário. Assim como não verão em *la Nage*, o sentido erótico antigo, donde Mao, moralizador e puritano, sabe retirar um símbolo da técnica: evoca uma barragem que interceptará as nuvens e a chuva do monte dos Xamãs. Para todo o chinês letrado, é uma alusão ao rei Siang que fez amor com a Dama do monte, a qual, ao amanhecer, se despediu com estas palavras: «A hora da alvorada, sou eu que disponho as nuvens (*yun*) da manhã; à hora do crepúsculo, sou eu que convoco a chuva (*yu*)». Daí o sentido do *yun-yu* em chinês: o acto carnal. Ora, se lermos a glosa oficial da edição francesa, publicada em Pequim, no ano de 1960, na versão de Ro Hu («segundo um poema de Song Yu, uma deusa teria dito em sonhos ao rei Siang de Tchou que, quando saía, se fazia nuvem, de manhã, e chuva, de noite») não podemos compreender a força, a beleza de um pensamento novo: a pouca reserva, que, segundo a doutrina maoísta, envilece a erotomania feudal transforma-se aqui na imagem da *reserva* das águas.

Nesta mesma edição, em vão procuraremos uma glosa sobre o poema que, em 1935, antes da tomada do poder, o militante acossado dedicava ao Kunlun: a geografia poética da China antiga pressagiava então um futuro fraternal e a cadeia do Kunlun, gigantesco bolo, cortava-se em três fatias:

Darei uma à Europa,
Uma à América
E guardarei uma para a China!
Mundo em paz.

Pensamento, sem dúvida, demasiado novo, visto que os blindados faiscavam e trovejavam recentemente, numa ilha de lama, no meio do Ussuri.

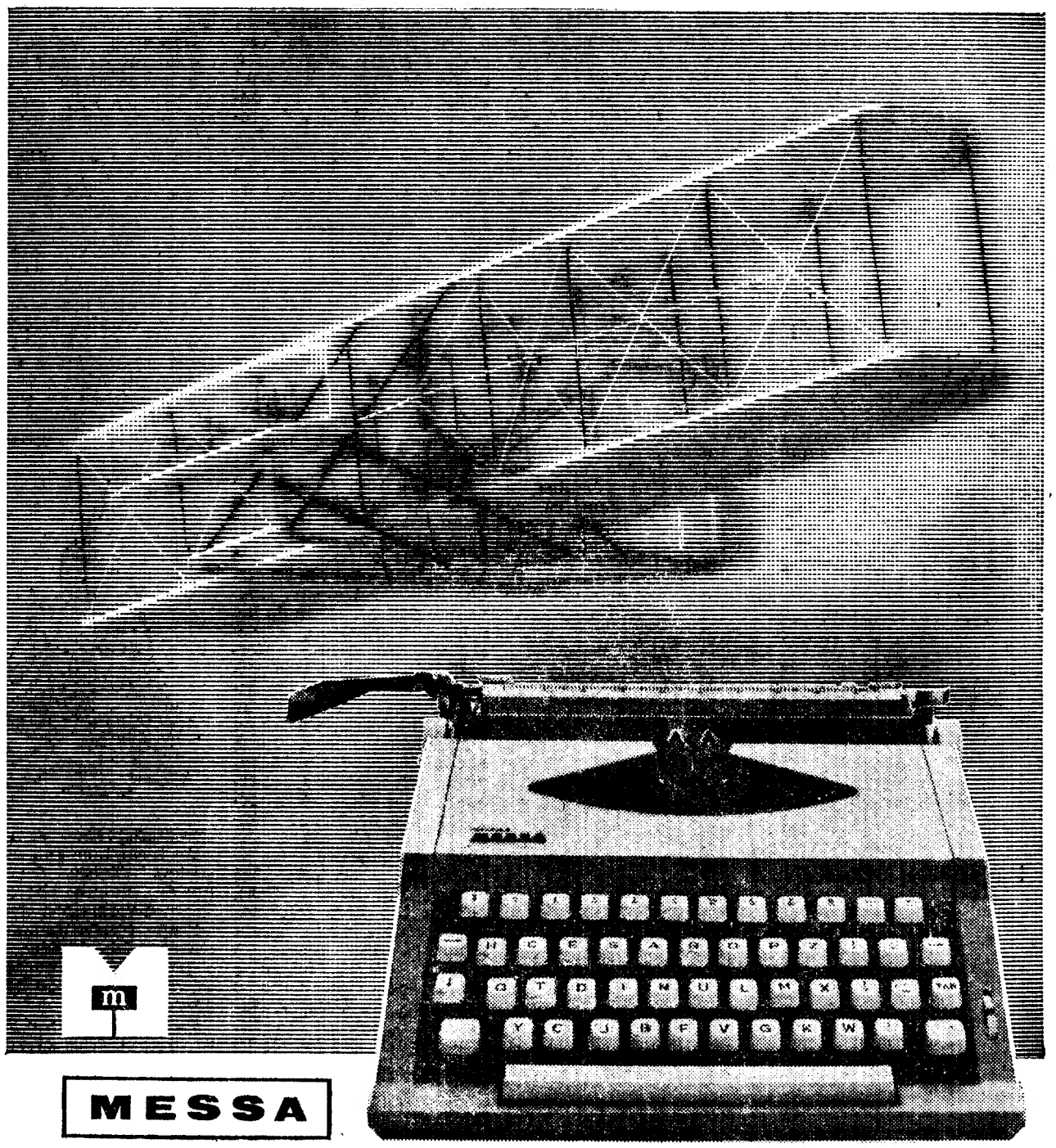
DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

PLANO

entre a máquina voadora
e a mini MESSA 2000
há um tempo de progresso

Apesar de combinarem a singular elegância de linhas com uma estrutura leve e equilibrada, separa-as todo um estilo de vida. A máquina voadora traduz o romantismo de uma época e a Mini-Messa 2000 a juventude de uma maquina de escrever dinâmica e moderna. Concebida para ser transportada como um objecto de uso pessoal, quase não tem peso. É ágil e elástica na sua batida, apurada na sua técnica de fabrico, sugestiva na suavidade das suas cores, belíssima no seu estojo de viagem. Embora portátil, a Mini-Messa 2000 foi feita para trabalhar e estudada para resistir.

Tem o carácter das máquinas de escrever MESSA.



MESSA

MÁQUINAS DE ESCREVER S. A. R. L. – Mem Martins

A PROPÓSITO DE

«A queda de Custer»

por Neves Águas

A queda de Custer: houve que dar um toque de heroísmo romântico...

A QUEDA DE CUSTER
de David Hrumphreys Miller
Tradução de Ricardo Fernandes
Col. Documentos Humanos, n.º 27
Ed. Portugália, Lisboa, 1969

A QUEDA DE CUSTER, de David Humphrey Miller, agora vertida para português e editada pela Portugália Editora, tenta reconstituir, principalmente através do testemunho dos índios norte-americanos sobreviventes, «as vinte e quatro horas mais sangrentas da história da fronteira americana»: a batalha de Little Big Horn, entre brancos e pele-vermelhas.

Livro de absoluta objectividade e honestidade, nada deve à ficção, indo ao ponto, como o Autor diz, de reproduzir quase palavra a palavra os depoimentos que foi possível obter, todos eles provenientes dos índios que ainda viviam na altura em que o Autor produziu o seu exaustivo trabalho durante uma dezena de anos a partir de 1935, dado que todos os brancos foram mortos durante a luta. Isto quanto ás fontes principais que são analisadas num dos capítulos finais da obra).

Tornou-se deste modo um clássico da história da chamada «conquista do Oeste», podendo emparceirar com os famosos e frequentemente citados «A Century of Dishonor», de Helen Hunt Jackson, «Reminiscences of a Ranchman», de Edgar Beecher Bronson, «Moeurs et Histoire des Indien Peaux-Rouges», de René Thévenin e Paul Coze, «The Frontier People of America», de Dale Van Every (traduzido para português com o título «Sagas do Oeste Bravio») e outros.

Iniciada a leitura do livro, ela prossegue com interesse sempre crescente, culminando, naturalmente, com a descrição do combate, melhor, dos combates, visto ter havido dois: primeiro com os soldados de Reno, depois com os de Custer. De parte a parte sucedem-se episódios do maior dramatismo e coragem que, embora descritos quase individualmente (os índios tinham uma maneira muito pessoal de combater), se integram perfeitamente no conjunto. Esse um dos aspectos positivos da obra.

Achega importante para o esclarecimento da verdade é a que se refere à morte de Custer. Até aqui sempre se falou do seu heroísmo, combatendo, rodeado dos seus soldados, até ser o último a cair. É quase fora de dúvida não ter sido assim — duas versões se apontam agora: Custer foi ferido mortalmente na passagem de um vau, e levado pelos seus companheiros; Custer, vendo tudo perdido, suicidou-se. Seja como for, a resistência continuou ainda durante bastante tempo após a sua morte. Nisso são unânimes os depoimentos que puderam ser obtidos.

Porquê então a versão, digamos, «oficial»?

A nação inteira ficou chocada e «indignada» pelo facto de uma parte das suas tropas de élite e seus brilhantes oficiais ter sido totalmente exterminada por índios selvagens. Houve que dar um toque de heroísmo romântico a tal desastre. Hàbilmente interpretada e aproveitada a notícia trazida por um índio, Curley, que lutara ao lado dos brancos. Custer foi transformado num herói nacional e lendário (v. capítulo «A Lenda»), apresentando-o como tendo resistido até ao último alento. Não se fizeram quaisquer averiguações, não se procurou a verdade. Até mesmo Thévenin e Coze, sempre tão bem informados, na obra atrás citada seguiram esta versão. A própria batalha foi, e é ainda, conhecida como o «massacre de Custer». Nada menos exacto: foi um combate em que ambos os adversários se encontravam armados, entre guerreiros, e, embora numèricamente inferiores, os soldados brancos tinham por si a vantagem de estarem melhor armados. As suas armas de fogo muitos índios ripostaram com flechas, clavas e outras armas primitivas. Massacres, sim, podem com propriedade chamar-se às selváticas expedições dos brancos, quer antes, quer depois dos acontecimentos narrados: em Sandee Creek, onde as tropas sob o comando de Chivington atacaram, por surpresa, um acampamento de índios, matando, indistintamente, homens, mulheres e crianças, com instintos de ferocidade e selvajaria; em Wounded Creek, onde foram massacradas centenas de criaturas indefesas, sem distinção de sexo ou idade, aos gritos de «Remember Custer», numa carnificina que encheu de horror todo o mundo; a perseguição tenaz a uma tribo de Cheienes do Norte, composta de homens, mulheres e crianças que, com o seu chefe Dull Knife, foi completamente destruída. Segundo um autor de reconhecida autoridade e honestidade, os índios, nesta altura, «mostraram um heroísmo que não tem, provàvelmente, paralelo em toda a história da humanidade»! Vem a propósito dizer que, inspirado neste episódio, o escritor norte-americano Howard Fast escreveu um romance, cujo título original não tenho presente, mas que em espanhol se intitula «La última frontera».

Deixemos, porém, estas considerações marginais, que nos surgiram ao correr da pena, e voltemos ao livro a que nos temos vindo a referir.

Ao longo das suas páginas ressalta o receio, por parte dos índios vitoriosos, das represálias dos brancos. O grito «Aí vêm os soldados!», provoca imediatamente o pânico. Até mesmo a brincadeira de alguns adolescentes índios que depois da batalha resolveram envergar os uniformes azuis dos soldados mortos e carregar sobre o acampamento encheu de terror e fez fugir os índios, ficando apenas os guerreiros

apressadamente reunidos para fazer face ao eventual perigo. «Touro Sentado», um dos maiores chefes que os peles-vermelhas tiveram, adverte constantemente os seus irmãos de raça sobre a possibilidade, quase certa, da vingança do homem branco.

Paradoxalmente, e por isso mesmo, após o momento alto de Little Bib Horn, começou a decadência dos peles-vermelhas. Surpresos e assustados com o seu feito (a derrota dos soldados brancos), pouco depois da batalha dispersaram-se, aguardando constantemente, nas suas deslocações, a chegada vingativa dos vencidos. Estes não se fizeram esperar, aniquilando definitivamente, em poucos anos, o valoroso povo pele-vermelha. E é com este toque triste que finda o belíssimo livro que acabamos de ler e comentar, e que não temos dúvida em recomendar aos nossos leitores.

Quanto à edição portuguesa, parece-nos que teria tido muito interesse um pequeno prefácio explicativo, a fim de levar o leitor, pouco ou nada esclarecido sobre a heróica luta que os peles-vermelhas travaram com os brancos invasores do seu território, a uma melhor compreensão desta obra.

Feliz a ideia de reproduzir os desenhos do Autor, alguns feitos sobre o natural, que constituem um precioso documento iconográfico.

A (nossa) porteira e os prémios (franceses)

«QUANDO é que se demitirão todos os membros dos júris, para que finalmente se acabe esta comédia dos prémios literários?», pergunta Jacqueline Piatier no último suplemento literário do jornal «Le Monde» (22 do corrente) a propósito da recente atribuição do «Goncourt» e do «Renandot» (respectivamente a Félicien Marceau e a Max Olivier-Lacamp) e aludindo à demissão de três membros do juri do «Renaudaut», Etienne Lalou, Roger Grenier e Maurice Nadeau.

Efectivamente, a pergunta de Jacqueline Piatier é bem sintomática do descrédito que tem rodeado a atribuição dos referidos prémios descrédito que bem pode ser medido pela exclamação da «concierge» (portuguesa, para que saibam) de Max Olivier-Lacamp: «Bravo pour votre prix *pédéraste* (*Renaudot!*».

A citação retirámo-la da entrevista concedida pelo feliz premiado no jornal «France Soir» e aqui a incluímos, também, por constituir eloquente testemunho do elevado nível cultural das porteiras portuguesas radicadas em França. Cá por estas bandas, caberá aos críticos pronunciarem-se sobre a obra de um autor de «boulevard» (assim é tido Félicien Marceau, mas ele não se rala: tem sucesso e agora o «Goncourt»...» e sobre a representatividade de um prémio (o «Renaudot») atribuído a um autor que, dois dias antes, já celebrava o rico evento bebendo, com os seus editores (Grasset), a tradicional taça de champanhe...

Quanto aos demissionários, sempre se acrescente: Etienne Lalou é director literário das edições Flammarion. Roger Grenier ocupa o mesmo lugar na Gallimard e Maurice Nadeau dirige a colecção «Lettres Nouvelles» das edição Denoël, três casas que estavam muito compreensivamente esperançadas na atribuição do «Renaudot» a autores por elas publicados...

GRANDE PRÉMIO DOS LIVREIROS FRANCESES DE 1969

um ROMANCE DIFERENTE

por RENÉ BARJAVEL

318 páginas
Esc. 60$00

Edição da Portucalense Editora

A VENDA NAS LIVRARIAS

ANTÓNIO RAMOS ROSA

A CONSTRUÇÃO DO CORPO

«A aventura exemplar da poesia de Ramos Rosa nasce e toma forma no interior de um complexo poético particularmente rico.»

EDUARDO LOURENÇO

COLECÇÃO POETAS DE HOJE

PORTUGÁLIA EDITORA